

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Juntos e à parte

[Cenas da vida boêmia nas noites do Plano Piloto]

Rafael Rodrigues de Macêdo

Brasília, 2011

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Juntos e à parte
[Cenas da vida boêmia nas noites do Plano Piloto]

Rafael Rodrigues de Macêdo

Dissertação apresentada ao
Departamento de Sociologia da
Universidade de Brasília/UnB como
parte dos requisitos para a obtenção do
título de Mestre.

Brasília, outubro de 2011

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Juntos e à parte
[Cenas da vida boêmia nas noites do Plano Piloto]

Rafael Rodrigues de Macêdo

Orientador: Luís de Gusmão (UnB)

Banca: Professora Doutora Carla Costa Teixeira..... (UnB)
Professor Doutor Marcelo Rosa..... (UnB)
Professor Doutor Carlos Benedito Martins... (UnB – suplente)

AGRADECIMENTOS

Pesquisa apoiada pelo CNPq: 308.

Gostaria de começar agradecendo ao Evaldo e a Patrícia, funcionários do departamento, por toda a atenciosa disposição com que sempre acolheram minhas dúvidas e solicitações. À professora Christiane Girard, a quem tenho como amiga, por todas as conversas, aulas, pela simpatia e compreensão. Aos membros da banca de qualificação, professora Carla Teixeira e professor Marcelo Rosa, pelas considerações relevantes e pertinentes, decisivas ao andamento da pesquisa.

À Marina, pelas risadas e pela gentileza de revisar o projeto. À Bruna, pelo *abstract* e por todos os cigarros na porta da biblioteca. Ao querido Sidney, pela simpatia e rara generosidade, e também pela primorosa revisão final. Obrigado.

Ao Gusmão, meu orientador, por tantas coisas, que certamente soariam piegas se tentasse listá-las aqui. Em muito, pelo entusiasmo inabalável e pelo rigor exaustivo com que sempre acompanhou o desenvolvimento deste trabalho; pelo exemplo contagiante e raro de dedicação apaixonada ao conhecimento; e, é claro, por suas teses sobre o fetichismo dos conceitos e teorias nas Ciências Sociais, com as quais este trabalho possui sua maior dívida, que suponho, não serão pagas tão cedo. Muito obrigado.

A todos os amigos queridos, que em algum momento obriguei que lessem as versões preliminares do trabalho. Não foram poucos! Assim, de cabeça: Gui, Mari, Diana, Bernardo, Mariana, Renato, Farage, Layla, Mineiro, Nanah, Grandi, Goiaba, Mariangela, Igã, Olavo, Tati... Ao meu agradável círculo de amigos, que tornaram meus dias melhores por estes tempos: Bigode, Pedro, Mineiro, João Marcelo, Boca, Caio, Léo, Mestre Taba, Babau, Raoni, Emídio, Heriquinha, Danilão, Fê, Ceariba, Diogo, Cláudio, Zé do Boné, Chico, Nando, Paíque, Ju, Ana Paula, Rebs, Luisa, Mayra, Chico, MacDowell, Tiagão, Camila... E todos os outros que, por qualquer motivo, não me recordo agora. Às meninas lá de casa, Pat e Mayra, por toda paciência com louça que eu deixava na pia e com o lixo que eu me esquecia de descer nos dias mais agoniados. A toda a minha família. Ao meu pai. À Isa, minha filhota, *amô-da-vida*, a quem dedico o esforço.

Preciso ainda agradecer de um modo mais especial à Camilla Shinoda, por todo o cuidado e paciência comigo durante todos esses cansativos meses; pela presença reconfortante, pelo acalento e amorosidade de todos os dias. Obrigado, *bichinha*.

Ao meu pai, João, pelo apoio incondicional.

A Isabela, minha filhota, por quem, às vezes, me parece urgente encontrar um sentido, mesmo que precário, para tantas coisas.

RESUMO

Este trabalho consiste num exercício de descrição interpretativa de um microcosmo de jovens universitários de classe média do Plano Piloto de Brasília, os chamados *descolados*. Grande parte da pesquisa foi feita entre os meses de maio de 2010 e janeiro de 2011, a partir dos espaços de convívio noturnos habitualmente frequentados por eles. Nesse sentido, a investigação pode também ser entendida como um estudo de comportamentos em espaços públicos, na acepção de Goffman.

O relato foi redigido sob a forma de cenas, uma sucessão de instantes elaborados a partir de inúmeras notas de campo, conversas de bar, pesquisas na internet, e de algumas dezenas de entrevistas. Por isso, todos os temas tratados guardam uma relação próxima com os contextos de onde foram retirados, no caso, um pequeno circuito de bares, cafés e boates de Brasília. As cenas foram escolhidas pelo que trazem de representativo, por aquilo que informam a respeito dessa coletividade, ou ainda, pelo que, até certo ponto, reverberam na vida de muitos dos assim chamados *descolados*.

O principal objetivo perseguido foi oferecer aos leitores que habitam outros microcosmos sociais uma imagem vívida, a mais colorida possível de como os nossos “nativos” levam suas vidas, como interagem nas noites do Plano Piloto, sublinhando suas práticas, valores, crenças, interesses e objetivos. Com isso espero viabilizar uma melhor compreensão do mundo social dos *descolados*, torná-lo mais inteligível àqueles que, por razões diversas, dele estão distanciados.

Palavras-chave: etnografia, juventude, literatura, Brasília, boêmia.

ABSTRACT

This work is an exercise of interpretative description of a microcosm a group of the middle-class college youth based in Plano Piloto, Brasília - the so-called *descolados*. A great part of this research was made out of the living experience in their usual gathering places at night. Perhaps on that account, this research can also be understood as a behavior study in public spaces, as in Goffman's acceptance.

The reports were written in the form of scenes, a sequence of moments which derived from multiple field notes, bar conversations, internet research, and dozens of interviews. Therefore, the subjects in matter keep a close relationship with the contexts from which they were taken of, in this case, a small circuit of bars, cafes and nightclubs of Brasília.

The scenes were elected based on their significance, the information concerning this collectivity that emerges from them, or even because of the way these scenes, at some point, reverberate on the lives of many of these *descolados*. The main objective here pursued was to offer to the readers who inhabit other social microcosms a vivid image, as colorful as possible, about the way these “natives” lead their lives, as well as how they interact in the Plano Piloto nightlife, emphasizing their practices, values, beliefs, interests and objectives. With that, I hope to provide a better understanding of the *descolados*' social world, making it more intelligible to those who, for various reasons, are distant from it.

Keywords: ethnography, youth, literature, Brasilia, Bohemian.

Índice

Primeiro capítulo

[apresentação].....	12
[um termo].....	14
[a forma de trabalho].....	15
[entrevistas, internet e observação participante].....	16
[os temas].....	17
[brincando de fazer tipos].....	18
[comportamentos em espaço público].....	20
[o problema].....	22
[a descrição].....	22
[uma tradução].....	24
[conhecimento teórico e linguagem corrente].....	25
[sobre a narrativa].....	27
[sobre o que li].....	29

Segundo capítulo

[Todos os dias levam à morte: o último a alcança].....	33
[breve descrição geral da vida dos <i>descolados</i>]	
[um menino de futuro, uma promessa].....	37
[juventude romântica].....	40
[boêmia universitária].....	42
[e ainda uma breve consideração].....	46

Terceiro capítulo

[festa de música preta]

[estacionamento].....	50
[lá fora].....	50
[fronteiras].....	51
[uma flor vermelha no cabelo].....	51
[o espaço].....	53
[amigas solteiras].....	53
[um baixinho fanfarrão].....	54
[distância entre os conhecidos].....	55
[um sujeito simpático].....	58
[um encontro por acaso].....	58
[a escada].....	60
[diante do espelho].....	61
[o silêncio entre meros conhecidos].....	62
[a volta de Bruno].....	66
[a pista].....	67
[de volta a Zione].....	69
[fim de festa].....	71
[e ainda o jovem da longa camisa branca].....	73

Quarto capítulo

[Não tocamos Lady Gaga! Favor não insistir!]

[uma senhora aborrecida].....	74
[o espaço].....	75
[pessoas].....	76

[um senhor].....	78
[um casal].....	79
[o barista].....	80
[lá em cima].....	82
[um jovem solteiro].....	82
[vamos marcar! me liga!].....	85
[meros conhecidos].....	87
[Brasília é um ovo!].....	91
[papo de homem].....	92
[a pista].....	94
[a Drops].....	96
[fim de noite].....	98

Quinto capítulo

[o silêncio sempre foi inevitável pra mim].....	99
---	----

Considerações finais	109
-----------------------------------	-----

Bibliografia	112
---------------------------	-----

Vivemos tão mal porque chegamos sempre inacabados ao presente, incapazes e dispersos em tudo.

Rainer Maria Rilke¹

Em tudo há o inexplorado, porque estamos acostumados a usar os olhos apenas como a lembrança daquilo que outros pensaram antes de nós sobre o que estamos contemplando. A mínima coisa contém uma ponta de desconhecido. [...]

O burguês, por exemplo, é pra mim qualquer coisa de infinito. [...] Para que uma coisa seja interessante, basta olhá-la durante muito tempo.

Gustave Flaubert²

Nada de pegar coisas de segunda ou de terceira mão... nem de ver através dos olhos dos mortos... nem de se alimentar dos espectros nos livros.

E nada de olhar através dos meus olhos, nem de pegar coisas de mim.

Você vai escutar todos os lados e filtrá-los a partir de seu eu.

Walt Whitman³

Os campos são mais verdes no dizer-se do que no seu verdor. As flores, se forem descritas com frases que as definam no ar da imaginação, terão cores de uma permanência que a vida celular não permite.[...]

Mover-se é viver, dizer-se é sobreviver. Não há nada de real na vida que não seja porque se descreveu bem. [...]

Não creio que a história seja mais, em seu grande panorama desbotado, que um decurso de interpretações, um consenso confuso de testemunhos distraídos. O romancista é todos nós, e narramos quando vemos, porque ver é complexo como tudo.

Fernando Pessoa⁴

¹ (RILKE, 2001, p. 31)

² (FLAUBERT, 2005, p. 23)

³ (WHITMAN, 2005, p. 47)

⁴ (PESSOA, 2000, p. 25)

Primeiro Capítulo

[apresentação]

Quando resolvi estudar Ciências Sociais, há alguns anos, eu imaginava, um tanto confuso e entusiasmado, que aos poucos o curso me permitiria entender melhor o mundo em que vivia. Algo sobre seus mecanismos, padrões e estruturas, sobre suas leis de funcionamento propriamente ditas, era o que esperava encontrar. Não via a hora de topar nos textos com algum sistema engenhoso que facilitasse o trabalho, que simplificasse a caótica realidade social em alguns poucos termos, as variáveis como se diz; algo parecido ao que Newton fizera com a física, imagine?

Com o tempo, na medida em que cursava as disciplinas, subentendi ressabiado que a tal compreensão que eu buscava no início talvez se confundisse com o estudo demorado de muitas teorias, ou pudesse se parecer, quem sabe, com um debate exaustivo acerca dos usos e sentidos de muitos conceitos. Por conta disso, conforme se exige, estudei o quanto pude alguns dos teóricos de quem tanto se falava, várias das obras que se repetiam nas disciplinas. Com um pouco de paciência e algumas horas com a cara nos livros, fui tomando alguma intimidade com os cânones da nossa área. E sabe que até disfrutei de um certo orgulho conforme discorria com mais desenvoltura acerca de meia dúzia de temas abstratos, “poder”, “agência”, “estrutura”, quase sempre laçando mão de conceitos estranhos, frases confusas e períodos truncados, tão complexos quanto obscuros. Tudo o que fazia minha avó às vezes pensar que andasse entendido do mundo, versado nas coisas graves da vida, de impossível tradução à sua mentalidade dócil e prosaica, *interiorana*, como dizia, afeita somente aos pequenos dramas familiares, arredia a toda forma de raciocínio mais abstrato, e ainda por cima, a qualquer tipo de elucubração teórica com base em sistemas esquisitos. Não era pro seu bico, era o que pensava.

Ainda hoje, não estou certo até que ponto esse treino, essa espécie de traquejo adquirido, favoreceu minha competência ou curiosidade em compreender o modo como as pessoas levam suas vidas. Confesso que se tentasse explicar a mim mesmo, com base em conceitos sociológicos ou teorias, como foi que se deu este dia nublado que hoje vivi, teria muita dificuldade em chegar a constatações que, se traduzidas numa linguagem mais simples, de uso corrente, não soassem aos ouvidos de minha avó um punhado de

banalidades já sabidas.

Seria pedante e certamente ingênuo afirmar que todo o traquejo adquirido me foi dispensável; parece-me tolo colocar assim. Mas francamente hesitaria em dizer que o tal treino me tenha sido, em todos os aspectos, imprescindível. Não estou bem certo disso.

Nas primeiras páginas de um discreto livro de Thomas Nagel, “*Uma Breve Introdução à Filosofia*”⁵, o autor alerta que não pretende com o texto apresentar uma exposição centrada em filósofos ou teorias – algo muito comum em trabalhos dessa natureza. Diferente disso, ele explica que seu objetivo é somente o de colocar os *problemas*, seis deles, da forma mais clara e objetiva possível, sem a ambição exatamente de tentar resolvê-los; problemas em torno dos quais ele acredita que grande parte da filosofia se desenvolveu: livre-arbítrio, fundamento da moral, significado da vida, natureza da morte, são algumas das questões que ele se dispõe a tratar.

Em favor disso, Nagel explica que “o objetivo aqui não é fornecer respostas – nem mesmo respostas que eu possa considerar corretas – mas apresentar os problemas de maneira bastante preliminar, para que você possa ocupar-se deles por si só. *Antes de aprender muitas teorias filosóficas, é melhor enredar-se nas questões filosóficas a que essas teorias buscam responder*”⁶.

Nagel sustenta sua postura numa constatação que me parece, além de sensata, profundamente aplicável aos trabalhos dos cientistas sociais (ou de qualquer pessoa que se disponha à tarefa de observar como as pessoas vivem em sociedade). Ele argumenta que “a melhor forma de se aprender filosofia é refletir sobre questões particulares” e que “muito se escreveu sobre estas questões ao longo desses milhares de anos, mas *a matéria-prima filosófica nos é fornecida diretamente pelo mundo e por nossa relação com ele, não pelos escritos do passado*”⁷.

Arrisco-me a dizer que nas Ciências Sociais, por sua própria natureza, este apelo ao mundo seja ainda mais indispensável. Suponho que a matéria-prima que instiga um bom número de observadores sociais parte sempre do socialmente real, ainda que sejam perguntas de amplitude modesta, centradas na vida corriqueira do indivíduo que as faz, ocupado somente com seus dilemas particulares, sem maiores pretensões intelectuais ou acadêmicas. Em todo o caso, compreender a vida que se leva, ou a que os outros levam,

⁵ (NAGEL, 2001)

⁶ (NAGEL, 2001, p. 5)

⁷ (NAGEL, 2001, p. 2 e 4)

com maior ou menor argúcia, penetração, curiosidade ou prazer, é , a meu ver, um desafio que se coloca a todos nós, desde o instante em que brotamos aqui.

Por tudo isso, procurei conduzir o trabalho dessa maneira, como um esforço em direção ao socialmente real, me dispondo a ocupar-me primeiramente dos *problemas*, a lidar na prática com o desafio de se produzir um relato etnográfico nos dias de hoje, num espaço urbano, desse modo então, um exercício de descrição interpretativa⁸ deste microcosmo social habitado por jovens universitários de classe média do Plano Piloto de Brasília, os chamados *descolados*⁹. Como já disse, minha grande motivação foi a de que o retrato pudesse evocar a um leitor desavisado, distante desta realidade, uma imagem vívida, a mais colorida possível, de como estes jovens levam suas vidas no Plano Piloto. Desejo que leitor possa acompanhar o trabalho sob este sentimento.

[um termo]

De início, cabe explicar que a intenção aqui não é discorrer sobre o conceito de *descolados*. Não me ocupei com a realidade durante os últimos meses para definir qualquer tipo de essência do que venha a ser um sujeito assim. Não estive minimamente interessado em estabelecer as condições necessárias e suficientes de emprego deste termo, algo que me pareceu de todo chato, irrelevante, e, sobretudo, completamente inviável.

Explico que na pesquisa a função da gíria é singela, funciona apenas como ponto de partida, em razão da necessidade de um termo que circunscrevesse o público observado. Sua opção justifica-se simplesmente pela frequência com que costuma ser utilizada por eles mesmos para se autoidentificarem. Por isso, não desejo com seu emprego denotar mais do que um conjunto de pessoas reunidas a partir de alguns poucos atributos iniciais, destacados mais à frente.

Em tempos como os de hoje, em que se parece apreciar um discurso vigoroso em favor do reconhecimento dos nossos atributos distintivos, em que os meios de

⁸ Falo em descrição interpretativa na acepção consagrada pelas sociologias de inspiração compreensiva, de Weber à Schutz, que defendem a sensata constatação de que as descrições e explicações causais do mundo social envolvem necessariamente um esforço interpretativo, uma elucidação de intencionalidades, de propósitos objetivados mesmo em artefatos simples do dia-a-dia, como alfinetes, balões ou girassóis de plástico.

⁹ Quando digo Plano Piloto, explico que todos os lugares pesquisados estão distribuídos pela Asa Norte, Asa Sul e Lago Norte. E que as pessoas que neles se encontram costumam morar nestes mesmos lugares e também no Lago Sul, e mais raramente, no Sudoeste e Guará.

comunicação, principalmente através da publicidade, fazem um elogio histórico de nossas peculiaridades em favor de uma orgulhosa autoimagem definida a partir de supostas características individuais, irredutíveis ao coletivo, numa época assim, não é de se estranhar que muitas pessoas se sintam cada vez mais incomodadas ao ser, por quaisquer motivos, enquadradas sob um mesmo rótulo, como se o termo necessariamente pudesse negar de maneira irrevogável estes tais atributos individuais, as tais peculiaridades irredutíveis¹⁰. Entre os *descolados*, também ocorre isso. Assim, é comum que muitos deles utilizem a gíria, ou alguma de suas variações¹¹, apenas quando se referem às outras pessoas, evitando a si mesmos o rótulo, como se quisessem, dessa forma, tacitamente expressar algo como: *eu sou mais autêntico que isso!* Suponho, contudo, que esta postura não ofereceu maiores problemas ao uso do termo durante a pesquisa.

[a forma de trabalho]

Desde já, vale dizer que, sob alguns aspectos, faço parte do grupo escolhido. Até certo ponto, compartilho com muitos as mesmas condições financeiras, opiniões políticas e expectativas em relação ao futuro. Sinto com frequência as mesmas aflições e desejos, angústias e decepções. Sendo assim, do ponto de vista da compreensão empática, posso dizer que me encontro numa posição privilegiada. O que não significa que a todo o momento eu seja capaz de entender o que se passa. Mas, não resta dúvida de que encontro mais facilidade para interpretar corretamente as condutas deste grupo do que se estivesse pesquisando um universo de pessoas completamente estranhas a mim. Isso não torna a pesquisa necessariamente mais fácil, até porque boa parte das questões que me coloco agora, não me colocava antes, pelo menos não de maneira tão recorrente.

Assim, por conta dessa proximidade, foi possível elaborar com segurança o circuito

¹⁰ Ver (ELIAS, 1994)

¹¹ Considerei a possibilidade de trabalhar com outras definições, gírias também utilizadas por eles para se referirem aos seus membros. No entanto, quase todas apresentaram alguma limitação. A gíria “moderninho”, por exemplo, tão comum quanto “descolado”, tem conotação ambígua e é muitas vezes usada num sentido pejorativo; nos casos de “Cult” ou “P.I.M.B.A.” (PseudoIntellectual Metido a Besta), quase sempre se referem exclusivamente às pretensões intelectuais dos nativos. Considerei também os termos “indie”, “hipster” e “hype”, por serem muito comuns. No entanto, para o trabalho, elas apenas denotam certas subdivisões, variações internas, dentro do que aqui se pretende abarcar com o termo “descolado”.

específico de lugares habitualmente frequentados por eles. Também por isso, não encontrei grandes dificuldades com a interpelação das pessoas durante o campo, visto que muitos deles me consideraram um membro legítimo, de dentro. Assim, por conta da confiança compartilhada, muitos se dispuseram a ter longas e sucessivas conversas, que em certos casos foram gravadas.

Inicialmente delimito as fronteiras deste microcosmo social a partir de um circuito específico de lugares. Junto com isso, levei em conta uma relativa similitude estética dos seus frequentadores. E, principalmente, o pertencimento a uma rede de relações sociais onde se conectam, de várias maneiras, meros conhecidos, amigos de infância, colegas de faculdade, namorados, ex-namorados, *ficantes* e desafetos.

Não é de todo despropositado salientar que embora a expressão “estilo de vida” sugira uma relativa continuidade de traços entre os membros de um grupo, ela não garante que, por definição, tais semelhanças serão sempre encontradas. Em todo o caso, de forma ponderada, farei uso do termo, sem com isso sugerir ao leitor similitudes onde não existem. Fica a cargo da pesquisa delinear os contornos e os alcances do que aqui se supõe ser um estilo de vida em larga medida compartilhado.

[entrevistas, internet, papo de bar e observação participante]

Por se tratar de um trabalho do gênero etnográfico, que se propõe a discorrer sobre muitos aspectos de um mesmo grupo – ainda que partindo de um limitado conjunto de temas –, uma parcela significativa do campo foi dedicada à chamada observação participante. Com efeito, frequentei com regularidade os seguintes lugares: *Bar do Calaf*, *Cabiria Cine-Café*, *Balaio Café*, *Velvet Pub*, *Blackout Bar*, *Drops* e, mais recentemente, a *Mansão do Criolina*.

Como as festas terminam sempre tarde, procurei alternar este campo com a observação nos bares. Um programa quase sempre menos desgastante, como podem imaginar. Assim, frequentei religiosamente os seguintes botecos: *Beirute* (geralmente o da Asa Norte), *Segundo Clichê*, *Piauí* e a coleção de bares da 408 Norte (*Pôr do Sol*, *Meu Bar*, *Cenário*, *Senhoritas* e *Alfredos*). Nesses espaços, considerei como que entrevistas informais abertas grande parte das conversas, quando relacionadas de alguma forma à pesquisa. A internet foi outra fonte de dados bastante utilizada. Vasculhei tanto quanto

pude o *Orkut*, o *Facebook*, *fotologs* e *blogs* sobre os mais variados temas. A quantidade de informações que se pode retirar desses lugares é ilimitada.

[os temas]

No início do trabalho não havia um interesse particular por qualquer tema, nem mesmo um aspecto mais preponderante. Passei longas noites melancólicas, andando pelas festas, pra lá e pra cá, procurando algo sobre o que dizer. Angustiado, bebia um pouco para descontraír; assim, as coisas começavam a ficar interessantes – ou, simplesmente, eu mesmo mais interessado. Por isso então, bebia mais, para relaxar de vez, e tudo se tornava uma maravilha. *Que festa interessante! Estas pessoas! Estes trajes! Olha aquele tipo ali, aquele cabelo! A garota sozinha, o papo, o fora... Que curioso tudo isso!* Voltava pra casa cheio de ideias na cabeça. Porém, menos *insights* do que vodca. Fechava os olhos, e toda a noite parecia refletir-se em minhas pálpebras. *Como explicar o olhar daquela senhora? A reação do barista? A felicidade desconcertante daquele outro, solitário?* Não me ocorria uma linha sequer. Por isso, resolvi não mais beber em campo. Assim, quando queria me divertir, parava, pedia uma cerveja e pronto, me convencia de que não estava mais fazendo a pesquisa. Desse modo, as coisas ficaram praticáveis!

Com o passar das noites, a imagem que fazia sobre o que se passava nos lugares foi se complexificando. Certos traços tornaram-se recorrentes, mais nítidos e, por isso, passei a me demorar mais sobre eles. Refletia em casa, colocava no papel e sempre que possível incluía perguntas nos papos em que me metia. Aos poucos, combinava umas conversas, papos descontraídos, é verdade, no entanto, mais motivados, mais objetivos. Fui elaborando uma compreensão mais detalhada sobre algumas coisas: Como viviam? Onde haviam nascido? Com o quê seus pais trabalhavam? Como se sustentavam? Por que a escolha de certo curso? Como andavam seus sentimentos, sua vida íntima? O que pensavam sobre viver em Brasília? E o que planejavam fazer nos próximos anos? E o papo fluía por aí.

Agora, retrospectivamente, penso que os temas poderiam ser organizados em três eixos, muito embora estejam todos intimamente relacionados. Num primeiro ponto, tratei da noite, de questões relativas às baladas propriamente ditas: procurei falar do espaço, da decoração, da polícia, das superquadras, da vizinhança, sobre a dinâmica de interação dos

presentes, os trajes, as poses, os trejeitos, os assuntos, os encontros, a bebida, as drogas e a preguiça de se cumprimentar toda a multidão de conhecidos. Aos poucos, fui me voltando para aspectos não tão objetivos, não tão perceptíveis a um visitante de primeira viagem. Assim, procurei contar um pouco sobre as fronteiras externas (os funcionários, os *playboys*, as patricinhas etc.), as fronteiras internas, os conflitos em relação ao fato de se viver no Plano Piloto etc. Por último, procurei tratar de aspectos ainda mais íntimos, muito pouco aparentes nas noites: a rotina diária, os conflitos existenciais, os projetos futuros, a relação com os pais etc.

[brincando de fazer tipos]

Sem pretender formular uma tipologia rigorosa e exaustiva, ousaria dizer que o universo dos *descolados* pode ser organizado em torno de quatro tipos básicos. Dou-me a liberdade de nomeá-los de maneira descontraída pelos seguintes termos: *burguesia folclórica*, *Olinda life style*, *cults e hipsters*. Embora, sob alguns aspectos, esses tipos se diferenciem, estou certo de que possuem muito mais características em comum.

A *burguesia folclórica*, por exemplo, remete aos tipos mais simpáticos, sociáveis e acessíveis. Valorizam a cultura popular, o “Seu Estrelo”, o “Zé do Pife”. Usam roupas descontraídas, mais ou menos largadas, em muitos casos, com inspiração na Índia ou na chamada Civilização Inca. Frequentemente, vão lhe receber com um sorriso largo, olhando nos olhos, um abraço apertado, mesmo que vocês não se conheçam. Geralmente, tiveram algum contato com literaturas transcendentais, yoga, Osho, calendário Maia, permacultura, etc. Em muitos casos, já experimentaram daime, e frequentemente terapias alternativas. Pelo menos uma parte deles geralmente é estudante de Antropologia, Psicologia ou Sociologia.

Com o *Olinda life style* é um pouco diferente. São também simpáticos e boa gente. Amantes de um bom samba, da boa música. Bastante acessíveis, porém menos transcendentais. Expressam certa descrença com tudo isso, entretanto, de forma velada, com muito respeito, sem ironias. São multiculturais, relativistas (apesar de preferirem Olinda a Salvador, claro!). Vestem-se também de um modo descontraído, mas não tão largados. As meninas vão escolher meticulosamente as estampas dos vestidos, as flores do cabelo; os rapazes fazem questão de manter as havaianas e a calça *jeans* surrada, mas por

que não vestir uma camisa distinta, xadrez ou com a cara do Charlie Parker ou do Cartola? Geralmente são estudantes de Antropologia, Letras, Jornalismo, Psicologia e História.

Os *cults* são mais complicados. Refletem o grosso do que observei no âmbito dos *descolados*. Podem ser divididos em dois grupos. Os *indies* – que gostam de *rock* alternativo – e os *pimbas* – que apreciam um bom *jazz*. Embora, frequentemente, ambos desfrutem dos dois estilos. Muitos estão sempre com aquela cara deprimida de quem acabou de voltar de Londres: *a vida é um saco! Brasília não presta! E eu tenho preguiça dessas pessoas felizes!!!* (leia-se: *burguesia folclórica*).

Os trajes são elaborados, sóbrios e cheios de referências aos anos 60: sapatinhos de boneca meticulosamente escolhidos, penteados preparados como quem não quer nada, tudo para dar impressão de que acordaram assim. Referências ao cinema *cult*. Falam de Godard, acham Lars von Trier *muito foda!* Lynch *muito doido!* E que Jack Kerouac é *o cara!* As conversas normalmente têm o sabor de um niilismo vago e ingênuo, atrelado à crença num relativismo dogmático: *Verdade? Que verdade? A sua? Verdade é um efeito do discurso!* Muitos adoram Nietzsche, Bauman, Foucault, embora poucos tenham lido uma obra inteira... *Derrida é cabuloso. Já tentei ler umas duas vezes, desisti, mas acho massa o que ele fala... tem que desconstruir mesmo...* Adoram os quadrinhos de Milo Manara, Laerte e também os grafites de Banksy. São cosmopolitas, urbanos, *contemporâneos*, como dizem. Incomodam-se com muitos dos problemas do mundo, mas quase sempre, se satisfazem com o ativismo virtual, divulgando suas causas pelas páginas do *Twitter* ou *Facebook*.

Por *hipsters* aponto os de trajes mais incomuns, aqueles que não deixam dúvidas de que estão realmente ocupados em expressar o quanto são criativos e antenados às tendências e releituras da moda. Gostam de Lady Gaga, Madonna, Beyoncé. Geralmente estudam moda, artes plásticas, publicidade ou desenho industrial. Raramente se envolvem em manifestações políticas. Preferem a Drops ao Balaio, e, quase nunca estão no Calaf, um espaço insuportavelmente machista, um *lugar pra pegação*.

Insisto que essas distinções não são exaustivas, não cobrem tudo. Mas permitem fixar e resumir certas diferenças internas deste microcosmo social. São tantas as misturas, modificações e descontinuidades, que seria desastroso simplificar a realidade assim, reduzindo-a a uns poucos tipos. Contudo, suponho que ainda assim, os tipos sejam úteis, como bem observa Isaiah Berlin: “como todas as classificações exageradamente simples desse tipo, a dicotomia [neste caso, a tipologia] torna-se, se forçada, artificial, escolástica

e, em última análise, absurda. Mas, se não é uma ajuda para a crítica séria, também não deve ser rejeitada como meramente superficial ou frívola; como todas as distinções que encarnam algum grau de verdade, ela oferece uma perspectiva a partir da qual olhar e comparar, um ponto de partida para uma investigação genuína”¹².

O mais importante a se destacar é que os rótulos em questão são utilizados o tempo todo pelos próprios *descolados*. E isso, tanto para se situarem nas noites, nos espaços de convívio público, quanto para adequarem suas expectativas de interação com as das demais pessoas. Prefiro pensá-los como temperos que podem ser encontrados nas mais diferentes combinações. O fato é que estes ingredientes, se posso brincar assim, sem dúvida estão cozinhando nesta panela dos *descolados*.

[comportamentos em espaço público]

No início do texto disse que o relato, em parte, pode também ser analisado sob a forma de um estudo de comportamentos em espaços públicos, nos termos em que nos aponta Goffman. Gostaria agora de explicar brevemente isso.

Um sujeito na balada, mesmo que sozinho, parado, em silêncio, expressa sempre alguma coisa; age, no sentido de nos causar uma impressão. Sua fisionomia, seus trajés, seus gestos, sua postura, seu tom de voz, suas afirmações, tudo isso se aglutina na vista dos que o observam de modo a sugerir certas intenções, desejos ou emoções: ele pode ter vindo sozinho, ser um cara solitário, estar triste hoje, melancólico, ou apenas aguardando alguém. Quaisquer que sejam suas intenções, interessa dizer que sua conduta, a expressão do seu corpo ali situado, está sempre se relacionando com o que é estabelecido pela ocasião, ou seja, com o que se acredita ser adequado, esperado, praticado pela maioria dos que ali estão. Em outras palavras, como observa Goffman com a sua habitual lucidez:

De fato, poderíamos ser tentados a resumir todo o assunto dizendo que o indivíduo é obrigado a demonstrar envolvimento *numa* situação através da modulação de seus envoltimentos dentro da situação. Mas este seria um modo frouxo de falar. Primeiro aquilo que o indivíduo deve é transmitido através da modulação apropriada de envoltimentos situados. Entretanto, o que é transmitido deste modo não é “envolvimento”, e sim um tipo de respeito e consideração para aquilo a que se deve uma ligação e um sentimento de pertencimento. No coração disto está um tipo de preocupação que mostra que somos uma parte da coisa com a qual estamos preocupados. Segundo, uma situação, de acordo com a definição deste estudo, é meramente um ambiente de possibilidades comunicativas, e não algo a que

¹² (BERLIN, Estudos Sobre a Humanidade, 2002, p. 447)

podemos estar ligados. A pequena sociedade envolvida é a do ajuntamento na situação, e o pequeno sistema social encontrado nela consiste da conduta realizada de acordo com as normas de correção situacional. Finalmente, aquilo que devemos ao ajuntamento também devemos à ocasião social em que ele ocorre e a vida social conjunta sustentada pelo ajuntamento é uma incorporação da própria ocasião (GOFFMAN, 2010, p. 262).

Assim, querendo ou não, uma certa presença – este conjunto de atributos apresentados por um indivíduo, ao alcance da apreciação de todos os expectadores – sempre reflete o grau de envolvimento que este mesmo indivíduo estabelece com o que se acredita ser adequado naquela situação. Com efeito, às vezes, a presença de um dado indivíduo pode sugerir que ele age de maneira inapropriada, rompendo os limites do que se estabelece como desejável ou possível. Nestes casos, sua conduta pode ficar aquém (não ser suficiente diante do esperado) ou então além (e assim, informar que ele está mais envolvido, mais presente do que é considerado de bom-tom).

Em muitos casos, uma postura assim pode indicar que o indivíduo está perdido, que não conhece os códigos, não compreende de maneira suficiente as normas tácitas que regulam as condutas possíveis naquela ocasião. Em outros casos, essa postura pode apenas indicar que o tal indivíduo não se importa, não se preocupa com o que é esperado, ou faz questão de ressaltar para os que estão presentes que não compartilha de alguns valores ali assumidos, das regras que delimitam as expectativas sobre as condutas instituídas como adequadas. De todo modo, Goffman assinala que a obrigação de prestar reverências a essas tácitas expectativas da sociabilidade diária é muito mais do que um mero capricho, uma formalidade distraída e irrelevante. Pra ele esta obrigação é crucial para os juízos sob os quais a sociedade nos confere o reconhecimento de que somos membros aptos ao convívio, uma parte do todo, como ele mesmo nos explica:

Argumentou-se, assim, que aquilo que o indivíduo considera as delicadezas da conduta social são na verdade regras para orientá-lo em sua ligação e desligamento de ajuntamentos sociais, e as próprias delicadezas dão a ele o idioma para manifestar isto. Ele muitas vezes segue estas regras com muito pouca reflexão, pagando o que considera apenas um pequeno tributo à convenção. Mas se ele for pego agindo imprópriamente, ou se pegar outros agindo desta forma, o constrangimento pode ser surpreendentemente profundo. Ele pode racionalizar esta resposta referindo-se a coisas como as odiosas implicações de classe de atos imundos (como quando ele se irrita com alguém que mastiga chiclete fazendo barulho, ou que funga). Mas subjacente a isto está a sensação de que o outro não se entregou apropriadamente ao ajuntamento, e, além do próprio ajuntamento, à ocasião social. Mais do que a qualquer família ou clube, mais do que a qualquer classe ou sexo, mais do que a qualquer nação, o indivíduo pertence aos ajuntamentos, e é melhor que ele mostre que é um membro em boa situação. A

penalidade final por quebrar as regras é severa. Assim como enchemos nosso presídios com aqueles que transgridem a ordem legal, enchemos nossos sanatórios em parte com aqueles que agem inapropriadamente – o primeiro tipo de instituição é usado para proteger nossas vidas e propriedades; o segundo, para proteger nossos ajuntamentos e ocasiões (GOFFMAN, 2010, pp. 211-212).

[o problema]

É importante que fique claro, desde já, que ao colocar a descrição como centro da pesquisa, não espero com isso solucionar propriamente um *problema*, uma questão acerca da qual eu necessite, religiosamente, fazer uso de uma hipótese e de um arcabouço teórico específico para elaborar uma explicação. Isso não quer dizer que o trabalho não disponha de uma pergunta, um interesse maior em torno do qual centralizo todos os esforços. Gostaria apenas de destacar que o procedimento é outro¹³.

Suponho que a investigação parta de uma curiosidade central, ao mesmo tempo difusa e abrangente, que talvez possa ser resumida na seguinte questão: como se dá essa vida dos chamados *descolados*? Quais são seus valores, seus interesses, seus objetivos, e como interagem na vida cotidiana?

Posso dizer que foi por refletir assim que decidi começar o trabalho por uma imagem simples – jovens universitários de classe média residentes no Plano Piloto. O intuito era de que aos poucos eu pudesse elaborar uma imagem mais colorida deste microcosmo do socialmente real, que por definição é sempre particular, infinito de detalhes significativos, e que só muito raramente – quando se trata de apreender minúcias em contextos situados de interação – se deixa captar por algo mais generoso do que meras constatações fugidias, *tênues vislumbres e estilhaços de tudo o que vimos e ouvimos*, como melhor dizia Natália Ginzburg¹⁴.

[a descrição]

Penso que este primeiro exercício centrado na caracterização deste microcosmo social seja um legítimo e trabalhoso esforço de pesquisa, pois, como argumentava Weber, “uma das tarefas essenciais de qualquer ciência da vida cultural dos homens é, realmente,

¹³ “A maioria das perguntas ‘por quê?’ não necessitam de uma generalização para serem respondidas, nem as respostas implicam logicamente que deva existir alguma generalização ao alcance das vistas, que poderá ser invocada para servir de suporte a elas.” (GIDDENS A. , 2003, p. XX).

¹⁴ (GINZBURG N. , 2009, p. 10)

desde o início, a apresentação clara e transparente de suas ideias, para compreendê-las e para saber o porquê de se ter lutado por elas”¹⁵.

Claro que seria possível não optar tanto pelo retrato, pela descrição da paisagem. Poderia me deixar levar pela tarefa sempre tentadora de anunciar orgulhosamente meus balanços sobre o que se passa, de pontificar sobre a vida destas pessoas. Mas suspeito que assim, muito provavelmente, meu esforço descritivo apenas ilustraria de um modo pálido e precário minhas ainda oscilantes convicções sobre a vida. Por tudo, optei por limitar-me somente ao trabalho descritivo, ainda recordando uma assertiva de Tchékhov sobre o seu tempo, de cuja atualidade me parece difícil discordar: “de um modo geral, há na Rússia uma penúria extrema no que se refere a fatos e uma riqueza extrema de elucubrações de todo tipo”¹⁶. Pensando assim, o autor anotaria também, numa de suas cartas ao editor:

“Ainda não tenho do mundo uma concepção política, religiosa e filosófica; mudo-a todo mês, e por isso devo limitar-me somente à descrição de como meus protagonistas amam, casam-se, procriam, morrem, e de como falam” (TCHÉKHOV A. , 2007, p. 63).

Mas nenhum desses argumentos sugere que, por qualquer motivo, eu esteja endossando a possibilidade de uma descrição isenta ou imparcial. Não se trata disso. Não tenho dúvidas de que a relação de detalhes que compõem as cenas que mais à frente se apresentam, refletem justamente a impressão que os dados me causaram, informam minha perspectiva, em última instância, representam a própria interpretação que fiz sobre alguns aspectos da vida dessas pessoas.

Mas suponho que mantendo o foco na descrição, o leitor poderá julgar se a seleção de detalhes relatados por mim foi oportuna, convincente, e se ela partilha com as coisas representadas certa verossimilhança, ou então, se, por outro lado, não me distraí com aspectos irrelevantes e, por algum motivo, superestimei uma variável, interpretei mal a intenção de certos agentes ou fui incapaz de captar suas motivações, dúvidas ou quem sabe algum detalhe importante que eles mesmos ignoravam.

De qualquer forma, interessa dizer que o que se procura com este tipo de relato é a possibilidade de colocar o leitor numa posição confortável, tão privilegiada quanto possível, para que ele consiga ver, a partir dos detalhes entrelaçados, o extrato daquilo que me pareceu mais significativo, o mais representativo para a compreensão desse

¹⁵ (WEBER, 2001, p. 110)

¹⁶ (TCHÉKHOV A. , 2007, p. 28)

microcosmo particular.

[uma tradução]

Curiosamente, meses atrás, ao concluir uma entrevista, a colega perguntou: *Uai! É só isso? E a pesquisa?* Conversávamos sobre suas últimas baladas: onde fora, por quantas vezes, o que havia bebido, com quem havia ficado e como suas noites haviam terminado. Ela parecia intrigada com o fato de que, durante a entrevista, nada do que havia me dito lhe soara particularmente revelador. Tinha a impressão de que suas declarações não me serviriam para muita coisa. Pareciam-lhe fatos óbvios, já conhecidos por todos, totalmente sem importância a uma pesquisa científica. Não estava exatamente errada.

Até certo ponto, a pesquisa foi feita com a expectativa de que as informações concedidas fossem novidade muito mais para os que vivem em contextos sociais distintos, com estilos de vida diferentes dos daqueles que estão sendo entrevistados. Caso os *descolados* venham a se mostrar exageradamente surpresos com as constatações que a pesquisa manifesta acerca de suas próprias vidas, terei a pensar que alguma coisa não deu certo. Por essa razão, a investigação pode ser entendida como uma espécie de tradução a partir da qual se procura converter aspectos significativos de um determinado mundo particular para outro, por sua vez, habituado a significar suas experiências em outros termos.

Supõe-se com isso que cada um dos agentes seja suficientemente competente para compreender, de algum modo, tanto suas próprias motivações, vontades e crenças, quanto as condições sociais particulares nas quais elas se inserem. O que não quer dizer que eu esteja supondo que saibam tudo, ou que sejam capazes de notar ou prever todos os desdobramentos não intencionais dos seus atos. Mas apenas que, na maior parte dos casos, estes agentes dispõem de maneira tácita, e algumas vezes, discursiva, de muitas informações imprescindíveis à elaboração de suas condutas.

Sendo imprescindíveis às suas condutas, por qual motivo tais informações não seriam também indispensáveis à pesquisa? A esse respeito, em seu livro *A Constituição da Sociedade*, Giddens salienta que:

Como todos os atores sociais vivem em contextos situados no interior de períodos mais vastos de tempo-espaço, o que é novidade para alguns desses atores não é para outros – incluindo, entre esses outros, os cientistas sociais. É, evidentemente, nessas “lacunas de informação” que a pesquisa etnográfica tem sua importância específica. Num sentido amplo do termo, esse gênero de pesquisa é explanatório, por quanto, serve para esclarecer enigmas apresentados quando indivíduos de um cenário cultural se encontram com os de outro que, em alguns aspectos, é muito diferente. A pergunta “Por que é que eles atuam (pensam) como atuam (pensam)?” é um convite para ingressar num milieu culturalmente estranho e compreendê-lo (GIDDENS A. , 2003, p. 394).

Aqui, a descrição tem como propósito preencher essas tais “lacunas de informação”, ou, como sugere a antropóloga Carla Costa Teixeira, possibilitar uma “*mediação* entre sistemas de relevâncias distintos”¹⁷, de modo a permitir que os sentidos pelos quais os membros do grupo em questão orientam suas condutas tornem-se inteligíveis a outros grupos. Isto, de certa forma, pode frustrar uma parte dos entrevistados, o que apenas denota o fato de que nem sempre, ou quase nunca, os objetivos dos pesquisadores estão em sintonia com as expectativas de seus pesquisados. Paciência!

[conhecimento teórico e linguagem corrente]

Por estar centrado na descrição, durante o trabalho procurei não exagerar na utilização de termos do jargão sociológico. Sempre que possível, optei por palavras da linguagem corrente, cuja capacidade de referir o socialmente real se coloca, como diria Luís de Gusmão, “acima da dúvida sensata”¹⁸. É importante destacar que em alguns casos, certos conceitos da obra de Goffman foram bastante úteis, facilitando a visualização mais detalhada de alguns aspectos das dinâmicas de interação em espaços públicos, que até então não me apareciam de maneira tão nítida. Tais conceitos não figuram de um modo explícito no relato, mas assumo aqui minha dívida, foram excelentes ferramentas, no sentido de Giddens¹⁹.

Este esforço em favor da clareza decorre da convicção de que seja viável, sim,

¹⁷ (TEIXEIRA, 2000, p. 19)

¹⁸ (GUSMÃO, no prelo)

¹⁹ Giddens explica: “Quem desejar aplicá-la [a noção de teoria] à ciência social deve reconhecer que (por enquanto) não existe teoria nenhuma; sua construção é uma aspiração adiada para um futuro remoto, um objetivo a ser perseguido antes de construir a parte concreta das buscas atuais das ciências sociais. [...] muito do que passa por ser ‘teoria social’ consiste mais em esquemas conceptuais do que (como deveria ser) em ‘proposições explanatórias’ de um tipo generalizante” (GIDDENS A. , 2003, p. XIX e XX).

produzir relatos de inegável valor cognitivo acerca do socialmente real valendo-se exclusivamente de termos em uso na linguagem corrente²⁰. Além disso, e também motivando esta mesma conduta, procurei relacionar-me de uma maneira muito ponderada com os apelos das chamadas teorias sociais. Isto por conta de uma suspeita, muito bem documentada²¹, em relação aos limites que as contribuições de caráter teórico, as chamadas teorias sociais, poderiam prestar a um trabalho de natureza deliberadamente descritiva.

Penso que agora não seja a melhor ocasião para adentrar nesta polêmica; em razão disso, gostaria apenas de colocar um breve trecho do brilhante artigo de Isaiah Berlin, no qual este historiador das ideias me parece sintetizar de maneira lúcida e elegante o estado de coisas em relação às possibilidades de avanço na produção de conhecimento com base nas chamadas teorias sociais:

“Os teóricos da história acreditaram certamente estar fornecendo aos historiadores as asas que lhes permitiriam transpor grandes territórios rapidamente, quando comparadas com a lenta progressão pedestre dos coletores de fatos empíricos; mas embora as asas já estejam conosco por mais de um século, até agora ninguém voou; como observou Henri Poincaré numa consideração conexa análoga, aqueles que tentaram fazê-lo chegaram a um triste fim. Fracassaram todas as tentativas de substituir o lento trabalho manual dos antiquários e pesquisadores históricos por máquinas, métodos de produção em massa; continuamos a confiar nos que passaram suas vidas montando a duras penas seu conhecimento a partir dos fragmentos de provas reais, obedecendo a esta prova aonde quer que os levasse, não importa o quanto fosse estranho o padrão, ou mesmo sem a consciência de qualquer padrão que fosse. E enquanto isso, as asas e mecanismos complexos vêm acumulando poeira nas prateleiras dos museus, exemplos de ambições arrogantes e fantasias infundadas, e não de realização intelectual” (BERLIN, 1999, pp. 23-24).

Todas as escolhas acima apresentadas – o apreço pela linguagem corrente, uma relação ponderada com as contribuições teóricas, e a preponderância do trabalho descritivo – articularam-se de um modo maleável, quase intuitivo, em torno de uma mesma motivação: a possibilidade de que o relato permita ao leitor o máximo de proximidade

²⁰ Uma consideração amplamente compartilhada entre autores de época, temperamento e linguagens muito distintas. A seu modo, Schopenhauer dizia que “não há nada mais fácil do que escrever de maneira que ninguém entenda, como não há, ao contrário, nada mais difícil do que expressar pensamentos significativos de modo que todos devam entender” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 31). E quem sabe se por ouvir estes conselhos, muito tempo depois, Jorge Luis Borges tenha confessado que “quando era jovem, pensava que a literatura era um jogo de variações engenhosas e surpreendentes. Agora que encontrei minha voz, parece-me que o fato de retocar e voltar a corrigir meus rascunhos não os melhora nem os prejudica [...] compreendi que escrever de modo grandiloquente não só é um erro, como um erro que nasce da vaidade” (BORGES, 2009, p. 74 e 82).

²¹ Ver (GUSMÃO, no prelo).

possível com este microcosmo retratado, que ele possa experimentar, pelo encadeamento dos detalhes, certo tipo de empatia, de *compreensão por revivescência*, como diria Weber²².

Por isso, acredito que o trabalho será mais bem apreciado se entendido como um modesto retrato desta paisagem social particular. Mesmo que afoito, hesitante, meio que desajeitado, ainda assim uma imagem mais parecida a um instantâneo de *Polaroid* do que a uma folha de raio X²³. Por conta disso, creio que a natureza deste retrato, sob diversos aspectos, pode ser aproximada de certos tipos de relatos historiográficos, de algumas etnografias clássicas, e ainda, de certa classe de obras literárias normalmente classificadas como *realistas*.

[sobre a narrativa]

Diante de fatos apropriadamente contados, como parecem mesquinhos todos os romances.

Walt Whitman

Ao final de fevereiro de 2011, após quase nove meses perambulando pelas noites de Brasília, eu havia acumulado um amontoado de notas de campo onde se misturavam um sem-número de detalhes e observações colhidos em festas, reuniões privadas, entrevistas e mesas de bar. Até aí já possuía bem delineados muitos dos traços que me pareciam mais representativos, os temas que julguei relevantes de se relatar. Mas não sabia muito bem como organizá-los sob a forma de um texto, uma narrativa. Passei um bom tempo ocupado com esta questão, que certamente me foi a mais custosa e desgastante de todas. Os formatos que ensaiava não me pareciam suficientes, soavam extravagantes ou inapropriados. Às vezes, por me parecerem um tanto engessados, pálidos em demasia, justapostos e automáticos de um modo que não me parecia ser o caso. Outras vezes, por motivos contrários, por se mostrarem exageradamente soltos, uma imagem por demais impressionista, no mau sentido. Não foi fácil encontrar um bom termo.

Em algum momento intuí que o relato poderia se organizar em torno das noites, dos espaços de convívio, afinal, foram o ponto de onde partiram todas as minhas conjecturas. Desta intuição não demorou muito para que eu pudesse imaginar que os aspectos mais relevantes poderiam ser apresentados a partir de uma noite fictícia. Deste modo, entendi

²² (WEBER, 2001, p. 126)

²³ Aqui, seria oportuno sugerir a leitura de um contundente ensaio do historiador italiano, Carlo Ginzburg, dedicado à obra de Siegfried Kracauer. Nele, Ginzburg faz uma inspirada reflexão sobre as similitudes entre a História, a fotografia, o filme e os romances realistas (GINZBURG C. , 2006, pp. 231-248).

que seria possível articular traços de natureza muito diversa. Poderia relatar aspectos mais estruturais como a cidade, as entrequadradas, a vizinhança, a polícia, e ao mesmo tempo, traços mais contextuais como a dinâmica das interações face-a-face, as fronteiras simbólicas (internas e externas), os trajes, as poses, os tipos. Tudo isso sem tornar o relato enfadonho, opaco, nem muito prolixo, como bem nos explica o historiador Peter Gay, argumentando sobre as vantagens do romance na elaboração de conhecimento sobre o mundo:

Que tipo de história, então, os romancistas fazem melhor? Seu caminho mais promissor para a verdade reside em sua capacidade de se moverem entre o que chamei de macro e micro, sociedade e indivíduo. Considere-se mais uma vez Thomas Buddenbrook, o personagem a quem Thomas Mann, desafiadoramente, chamou de herói. *Ele não só é uma pessoa característica e sofredora, como também um tipo social, um burguês inquieto da velha cepa que hesitantemente abraça o destino de um burguês moderno.* Sua vida, como Mann a descreve, é unicamente sua, com seu casamento infeliz, o filho distante e alheio, o tédio com os deveres públicos, a descoberta de Schopenhauer, até as dores de dente. Mas, ao mesmo tempo, ele representa muitas vidas da classe média, e não apenas em Lubeck. Em outras palavras, *os personagens mais característicos, mais individualizados do romancista podem representar simultaneamente realidades mais inclusivas* (GAY, 2010, p. 150)²⁴.

Assim, muito embora o relato esteja escrito sob a forma de cenas, uma sucessão de instantes particulares da vida de algumas pessoas, é importante que fique bem claro o fato de que estas cenas não foram escolhidas por capricho, por se apresentarem particularmente interessantes ou curiosas, mas sim, reforço, pelo que trazem de representativo, pelo que informam por tabela a respeito de certa coletividade, ou ainda, pelo que, até certo ponto, reverberam na vida de muitos outros dos assim chamados *descolados*.

Além disso, por conta da própria natureza dos aspectos que tencionava captar, tantas vezes minúcias como um olhar, certos trejeitos com as mãos, uma imagem na camisa, a marca do uísque, a intenção das piadas, seu sabor, ou mesmo os adesivos

²⁴ Sobre isso, há também uma interessante reflexão de Howard Becker, publicada em seu livro “Falando da Sociedade: Ensaio sobre as diferentes maneiras de representar o social”. Neste ensaio, dedicado à obra “Orgulho e Preconceito” de Jane Austen, Becker observa que “*Orgulho e preconceito* é uma etnografia da situação local de acasalamento e casamento, algo que um antropólogo, um sociólogo ou um historiador de inclinação demográfica poderia ter produzido.”. E que “um romance longo e complexo como este [...] contém e apresenta tanta informação sobre uma variedade tão grande de casos que leitores atentos podem usar o livro como fonte para muitas e diversificadas hipóteses, além das que o próprio livro propõe”. E ainda explica que “romances realistas da vida social com frequência oferecem uma alternativa a um tipo semelhante de análise sociológica – alternativa que apresenta mais detalhes dos processos envolvidos e mais acesso ao pensamento rotineiro das pessoas envolvidas. Esta é uma das razões por que muitos sociólogos usaram romances como fontes de conhecimento social” (BECKER, 2007, pp. 238-242).

pregados na parede, enfim, como tudo isso me parecia só fazer sentido de um modo integrado, conciso, parecendo esvaír-se de impacto quando apresentados de maneira decomposta, o formato da narrativa literária pareceu-me de fato mais feliz. Sobre isso, de um modo bonito e arguto, nos ensina Berlin mais uma vez:

Fichas ou diagramas médicos não são equivalentes ao retrato que um romancista talentoso ou um ser humano dotado de *insight* – compreensão – adequada pode formar; e não o são, em absoluto, porque necessitem de menos habilidade ou sejam menos valiosas para seus próprios propósitos, mas porque, ao confinarem-se aos fatos e generalizações publicamente registráveis por elas atestados, devem necessariamente deixar de lado uma vasta quantidade de pequenas cores, aromas e sons evanescentes em constante alteração, e os equivalentes psíquicos destes, as minúcias do comportamento, pensamento e sentimento meio observadas, meio inferidas, a um só tempo demasiado numerosas, demasiado complexas, demasiado delicadas e demasiado indiscrimináveis umas das outras para serem identificadas, nomeadas, ordenadas, registradas e enunciadas numa linguagem científica neutra. E mais do que isto, há entre estas minúcias certas qualidades padrão – e do que mais podemos chamá-las? –, hábitos de pensamento e emoção, modos de olhar, de reagir, de falar sobre experiências, próximos demais de nós para serem discriminados e classificados – dos quais não temos estritamente consciência como tal, mas que, entretanto, absorvemos em nossa visão do que está acontecendo, e quanto mais sensível e agudamente conscientes estivermos deles, mais compreensão e *insight* dir-se-á justamente que possuímos (BERLIN, 1999, pp. 44-45).

[sobre o que li]

Durante o trabalho, algumas obras me ajudaram a pensar sobre o formato da pesquisa, suas possibilidades e pertinências. Entre as referências consultadas está a tese de doutoramento de Gilberto Velho, recentemente publicada sob o título “*Nobres e Anjos Um estudo sobre tóxicos e hierarquia*” (2008). Para além do fato de se tratar de uma etnografia, o trabalho se mostra relevante sob diversos outros pontos. Trata-se de um estudo sobre o estilo de vida de jovens de classe média urbana. Além disso, o principal grupo analisado no estudo também pertence ao círculo de convívio do próprio pesquisador. Foi oportuno, também, encontrar no trabalho o esclarecimento de que a escolha por um tema específico, no caso o uso de tóxicos, serviu mais como ponto de partida para organização de um trabalho que se queria sistemático. Por último, destaco ainda o espaço preponderante da descrição, e junto a isso, o fato de que o uso diminuto de conceitos e teorias em nada prejudicou a inteligibilidade e a relevância do trabalho.

Howard Becker foi outro autor frequentemente consultado, especialmente algumas

partes do seu trabalho “*Segredos e Truques da Pesquisa*” (2008). Logo no início do livro, ele rememora uma consideração marcante de Herbert Blumer. Este, partindo de sua suspeita sobre o alcance explicativo das teorias sociológicas, “pensava que a operação básica quando se estuda a sociedade – começamos com imagens e terminamos com elas – é a produção e o refinamento de uma imagem da coisa que estamos estudando. Aprendemos um pouco (talvez muito) sobre algo que estamos interessados. Com base nesse pouco, construímos (ou imaginamos) uma história bastante completa do fenômeno”²⁵. Tal ideia foi uma fonte de inspiração para este trabalho. Além disso, detive-me sobre suas reflexões acerca da importância do *conhecimento de primeira mão*, e também da relação entre descrição e interpretação²⁶.

Outro trabalho também consultado foi a coletânea organizada por Bruna Menezes e José Guilherme Cantor Magnani, sob o título *Jovens na Metrópole, uma análise antropológica dos circuitos de lazer, encontro e sociabilidade* (2007). Em sua discussão sobre o uso do termo “circuitos”, Magnani privilegia a etnografia dos pontos de encontro e dos espaços de conflito entre os jovens. Sua intenção é destacar a inserção dos jovens na paisagem urbana. O termo circuito é também utilizado em minha pesquisa, mas em uma acepção mais singela, de sentido próximo ao da linguagem corrente. Assim, no trabalho, o termo pretende denotar apenas um conjunto delimitado de lugares, espaços habitualmente frequentados por grupos de pessoas conforme seus estilos de vida. Nada mais do que isso²⁷.

Outro trabalho ainda consultado foi a publicação organizada por Gilberto Velho e Luiz Fernando Dias Duarte intitulada “*Juventude Contemporânea*”²⁸. Nesta coletânea, dois artigos foram lidos com uma atenção especial: um deles, intitulado “*‘Inocência’ e ‘amor band(i)do’: histórias afetivo-sexuais entre jovens de camadas sociais distintas*”, de autoria de Liana Maria B. Da Silveira, é especialmente relevante por abordar o tema da afetividade, central em nossa pesquisa. O seguinte, chamado “*À frente ou atrás da Madona: construção de diferenças entre jovens e adultos na peregrinação ao santuário de*

²⁵ (BECKER, *Segredos e Truques de Pesquisa*, 2007, p. 30)

²⁶ Sem desconsiderar o caráter arbitrário do pesquisador quando seleciona os elementos da cena, Becker argumenta que as descrições têm o mérito de permitir que o leitor elabore sua própria interpretação do fato. Discussão entre as páginas 107 e 115.

²⁷ (MAGNANI, 2007, p. 177)

²⁸ Trata-se de uma coletânea de ensaios, em sua maioria, escritos por doutores e doutorandos vinculados ao Núcleo de Pesquisa sobre o Sujeito, Interação e Mediação (NuSIM). Segundo os organizadores, os trabalhos têm como temática central “o individualismo em suas múltiplas dimensões”. Por conta disso, todas as pesquisas têm como pano de fundo questões relativas à subjetividade (Cultura Subjetiva, *self*, sujeito, eu, ego, mente, espírito etc.).

Capocolonna(Crotona, Itália)”, foi escrito pela pesquisadora Maria Paula Miller Duarte. De uma maneira inteligente, a autora elabora sua interpretação sobre os significados das posições dos peregrinos no cortejo a partir da articulação de motivações individuais (plano subjetivo), contextos sócio-históricos (plano objetivo), tradições (aspectos duráveis) e fatos casuais, todos encadeados de uma forma elegante e contundente.

Conforme alguns assuntos mais relativos à intimidade se delineavam na pesquisa, levantei uma pequena bibliografia a este respeito. Privilegiei trabalhos históricos que apresentassem uma visão de conjunto sobre estas questões. Estava preocupado em não superestimar certos fenômenos que via nas noites, não tomar como novidade aquilo que particularmente era desconhecido para mim. Assim, consultei, simultaneamente, os seguintes trabalhos: “*Uma História Íntima da Humanidade*” de Theodore Zeldin, “*História da Sexualidade*” de Peter Stearns, e um interessante capítulo de “*O Processo Civilizador*”, no qual Norbert Elias trata das mudanças de atitude em relação aos sexos. Além desses, “*A Transformação da Intimidade*” de Anthony Giddens, “*Sociologia da Sexualidade*” de Michel Bozon foram leituras oportunas por apontarem uma visão mais geral dos eventos discutidos nos trabalhos históricos. Sobre boêmia e vida romântica, li, principalmente, “*As Fontes do Self*” de Charles Taylor e a “*Ética Romântica e o Espírito do Consumo Moderno*”, de Colin Campbell.

Entre vários trabalhos consultados, vale ainda citar outro livro organizado por Gilberto Velho, agora com Karina Kuschnir, “*Pesquisas Urbanas: Desafios ao trabalho Antropológico*” (2003). Neste, uma maior atenção foi dada ao artigo de Velho, intitulado *O desafio da Proximidade*, no qual o autor conclui, com o que tendo a concordar, que cada “pesquisador deve buscar suas trilhas próprias a partir do repertório de mapas possíveis”²⁹.

É oportuno ainda reconhecer minha enorme dívida com muitos autores que em geral não costumam figurar nas referências bibliográficas dos trabalhos de nossa área. Refiro-me à ilustre companhia de alguns poetas, filósofos e romancistas, todos, sobretudo, membros de uma pequena galeria de argutos observadores da condição humana. Admito com prazer a leitura saborosa e sempre inspiradora de autores como Montaigne, Tchekhov, Tolstói, Balzac, Eça de Queirós, Walt Whitman, Jens Peter Jacobsen, Rainer Maria Rilke, Joseph Conrad, Fernando Pessoa, Virgínia Woolf, Jorge Luis Borges, Czeslaw Milosz, Philip Roth, Ian McEwan, entre outros. Em favor desse recurso, recordo uma última

²⁹ (VELHO & KUSCHNIR, 2003, p. 18)

passagem de Berlin que, por seu brilhantismo, torna mais evidentes, com uma simplicidade que seria impossível de ser por mim alcançada, os motivos que me levaram a me aproximar um pouco mais da literatura:

Com muita paciência, indústria e assiduidade, podemos cavar abaixo da superfície – e romancistas o fazem melhor do que "cientistas sociais" treinados –, mas a consistência é a de uma substância viscosa: não encontramos quaisquer camadas pedregosas ou obstáculos insuperáveis, mas cada etapa é mais difícil, cada esforço para avançar nos rouba o desejo ou a capacidade de continuar. Tolstói, Shakespeare, Dostoiévski, Kafka, Nietzsche, penetraram mais profundamente do que John Buchan ou H.G. Wells, ou Bertrand Russell; mas o que sabemos sobre este nível de hábitos semi-articulados, presunções e modos de pensar não examinados, de reações semi-instintivas, modelos de vida tão profundamente embutidos que absolutamente não se fazem sentir conscientemente - o que sabemos sobre isto é tão pouco, e provavelmente permanecerá tão negligenciável, pois não dispomos de tempo, de sutileza e de penetração, que afirmar nossa capacidade de construir generalizações onde, no melhor dos casos, tudo o que podemos é nos entregar à arte de pintar finos retratos; afirmar a possibilidade de alguma chave científica infalível onde cada entidade única exige uma vida de observação minuciosa e dedicada, de simpatia e insight, é umas das afirmações mais grotescas jamais feita pelos seres humanos (BERLIN, 1999, pp. 40-41)³⁰.

³⁰ De maneira acanhada, mais tímida, porém convergindo com esta mesma constatação, Tzvetan Todorov, em seu livro *A Literatura em Perigo*, afirma: "Como a filosofia e as ciências humanas, a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos. Nesse sentido, pode-se dizer que Dante ou Cervantes nos ensinam tanto sobre a condição humana quanto os maiores sociólogos e psicólogos e que não há incompatibilidade entre o primeiro saber e o segundo. (TODOROV, 2009, p. 77)

Segundo Capítulo

[Todos os dias levam à morte: o último a alcança]³¹

Agora, faço ao leitor o convite para que me acompanhe numa breve digressão sobre alguns aspectos gerais de nossa condição, certos traços mais ou menos óbvios, mais ou menos esquecidos, normalmente silenciados pelo ruído da vida cotidiana, mas que durante a pesquisa, de uma maneira difusa, e muito mais sob a forma de um sentimento, me levaram a observar com mais demora, com uma curiosidade genuína, certas coisas e não outras. Espero com isso que o restante do trabalho, para o leitor, torne-se mais interessante. Início por estas duas citações:

Não mentia o doutor, mas as dores morais de Ivan Ilitch eram infinitamente piores do que as físicas. Resultavam do fato de, naquela noite, ao contemplar o rosto de Guerássim, sonolento, bondoso, de maçãs salientes, acudir-lhe à mente a seguinte indagação: "E se toda a minha vida, minha vida consciente, tivesse sido realmente errada?"

Ponderou que aquilo que antes acreditava ser totalmente impossível, isto é, não ter vivido como deveria, podia ser verdade. Considerou que as pequeninas tentativas que fizera, tentativas quase imperceptíveis e que logo sufocava, para lutar contra o que era considerado acertado pelas pessoas mais altamente instaladas na sociedade, podiam representar o lado autêntico das coisas, sendo falso tudo mais. E que os seus deveres profissionais, sua vida regrada, a ordem familiar e todos os interesses mundanos e oficiais não passassem de grandes mentiras. Tentou defender tudo aqui perante si mesmo e, de repente, atinou com a frugalidade da sua defesa. Não havia nada a defender. [...]

De manhã, quando apareceram sucessivamente o criado, a mulher, a filha e o médico, cada palavra, cada gesto deles era a confirmação da tremenda verdade que lhe fora revelada de noite. Reviu-se em cada um – sua existência fora precisamente o que era a deles. E viu de forma espantosamente clara que não passava ela dum imenso e horrendo embuste, que escondia a vida e a morte.

(TOLSTÓI, 2000, pp. 74-75)

“Confesso a você, pois sei o que vai me dizer a respeito, que os mais felizes são aqueles que como as crianças vivem para o presente, vestindo, despindo e levando as suas bonecas para passear, espreitando com grande respeito a gaveta onde a mamãe guarda o pão doce, e quando finalmente conseguem apanhar o que querem, devoram tudo com avidez e gritam: "Mais!"...Sim, são essas criaturas felizes. Felizes também aqueles que dão às suas ocupações fúteis, ou mesmo suas obsessões, títulos pomposos, fazendo-as passar como proezas de gigante, realizadas para salvação e o bem-estar da humanidade. – Ditosos sejam aqueles que podem ser assim. Mas quem reconhece humildemente aonde vai dar tudo isso, quem então vê com que delicadeza o ditoso burguês sabe cuidar de seu jardim, fazendo dele um paraíso, e com que perseverança o infeliz também carrega ofegante o seu fardo, todos igualmente interessados em ver um minuto a mais a luz de sol...”

(GOETHE, 2009, p. 22)

³¹ *Que filosofar é aprender a morrer* (MONTAIGNE, 2011)

Até onde se sabe, ainda hoje não chegamos a conclusões muito satisfatórias acerca do fato de que estamos aqui, em cima desta bola, há alguns milênios, curiosamente brotando feito couve-flor. Mas até onde se tem notícia também, toda a complexidade deste fabuloso mistério nunca nos impediu de que elaborássemos inúmeras e criativas versões para o fato, muito pelo contrário. Neste ponto, todas as religiões parecem se aproximar. Cada uma delas nos oferece uma razão mais ou menos colorida para a existência do mundo, e com isso também, um sentido maior para nossas vidas, e ainda, como que por tabela – o que por vezes é o mais desejado –, nos oferecem também uma moral, um código de conduta que supostamente facilitaria nossa travessia durante esse breve tempo.

Ao que tudo indica, a maioria das pessoas, inclusive as que dispensam as promessas de sentido ofertadas pelas religiões, costumam se sentir mal quando constatarem que as coisas com as quais se ocupam não fazem lá muito sentido. A necessidade desta segurança, deste estado de convencimento interno, parece ser um traço comum de nossa condição. De outro modo, temos dificuldade de seguir adiante sem isto, subtraídos deste pressuposto difuso, desta segurança tácita, que se assemelha a um acordo profundo, e que nos possibilita experimentarmos algum sentido mais ou menos satisfatório com as coisas que vivemos.

Talvez seja por isso que em nosso dia a dia tomamos como certo que tantas coisas irão sempre acontecer. Seria estranho se nós, por exemplo, nos perguntássemos aflitos, antes de dormir, se por um acaso o sol amanhã se recusará a nascer; do mesmo modo, seria um tanto esdrúxulo se reagíssemos espantados em frente a um caixa-eletrônico bancário, ao repararmos que ele, milagrosamente, nos foi capaz de entregar a exata quantia que havíamos solicitado. Não costumamos fazer isso, certo?

O que não desconsidera o fato de que existam também inúmeras situações diárias em que precisamos refletir um pouco, ou mesmo um bocado, até que, por exemplo, possamos descobrir o que se passa com o carro que não quer pegar, ou quem sabe ainda, ao escrever um poema, reflitamos muito até encontrar uma palavra justa e adequada que denote precisamente a expressão caprichosa de constrangimento com a qual uma pessoa qualquer numa esquina reagiu ao ser confundida com outra.

De qualquer forma, sabemos, com alguma boa vontade, que lidamos com quase tudo que nos é costumeiro de um modo muito sossegado, e que às vezes, não raro, beira ao tédio. Nossa vida cotidiana é isso, um apanhado de interações socialmente instituídas,

desempenhadas rotineiramente, movidas sob a difusa segurança de que possuem motivos mais do que razoáveis para ser realizadas. Um pouco sobre isso é muito bem retratado nesta inspirada passagem de Peter Berger:

“Estamos cercados de trevas por todos os lados enquanto nos precipitamos pelo curto período de vida em direção à morte inevitável. A terrível pergunta 'por quê?', que quase todo homem faz num momento ou outro ao tomar consciência de sua condição, é rapidamente sufocada pelas respostas convencionais da sociedade. A sociedade nos oferece sistemas religiosos e rituais sociais que nos livram de tal exame de consciência. O 'mundo aceito sem discussão', o mundo social que nos diz que tudo está bem, constitui a localização de nossa inautenticidade. Suponhamos um homem que desperte de noite, de um desses pesadelos em que se perde todo o senso de identidade e localização. Mesmo no momento de despertar, a realidade do próprio ser e do próprio mundo parece uma fantasmagoria onírica que poderia desaparecer ou metamorfosear-se a um piscar de olhos. A pessoa jaz na cama numa espécie de paralisia metafísica, tendo consciência de si, mas um passo além daquele aniquilamento que avultara sobre ela no pensamento recém-findo. Durante alguns momentos de consciência dolorosamente clara, pode quase sentir o cheiro da lenta aproximação da morte e, com ela, do nada. E então estende a mão para pegar um cigarro e, como se diz, 'volta à realidade'. A pessoa se lembra de seu nome, endereço, ocupação, bem como dos planos para os dias seguintes. Caminha pela casa, cheia de provas do passado e da presente identidade. Escuta os ruídos da cidade. Talvez desperte a mulher e as crianças, reconfortando-se com seus irritados protestos. Logo acha graça da tolice, vai à geladeira ou ao barzinho da sala, e volta a dormir resolvido a sonhar com a próxima promoção (...). A sociedade nos oferece nomes para nos proteger do nada. Constrói um mundo para vivermos e assim nos protege do caos em que estamos ilhados. Oferece-nos uma linguagem e significados que tornam esse mundo verossímil. E proporciona um coro firme de vozes que confirmam nossas crenças e calam nossas dúvidas latentes (...). As paredes da sociedade são uma autêntica aldeia Potemkin levantada diante do abismo do ser; têm a função de proteger-nos do terror, de organizar para nós um cosmo de significados dentro do qual nossa vida tenha sentido" (BERGER, 2005, pp. 164 -165).

Deste modo, atentos ou não para o fato, tudo o que fazemos durante nossa breve travessia, dos gestos mais distraídos às frases mais calculadas, pode ser interpretado como uma maneira com a qual conseguimos imputar sentido às nossas vidas. Em outras palavras, representa o modo como respondemos à nossa condição, ao fato de estarmos aqui, brotando em cima desta bola feito couve-flor. Creio que muito por isso, Weber, pelas lentes de Tolstói, tenha reconhecido que “estudar os sentidos que os seres humanos dão às suas ações implica também investigar como estes respondem às questões últimas e emprestam um significado ou justificação existencial à sua própria vida, ao seu prazer, ao seu sofrimento e à sua mortalidade”³².

Decerto que esses sentidos, essas respostas às tais questões últimas de que nos fala

³² (WEBER, 1982, p. 169) Passagem que topei, primeiramente, durante a leitura de um artigo de Gabriel Peters (PETERS, 2010).

Weber, não se limitam tão somente àquilo que somos capazes de discorrer voluntariamente sobre o assunto, mas sim, e muito mais, trata-se de respostas de consistência mais encarnada, ditas mesmo em silêncio, em tudo quanto fazemos para ocupar nosso tempo, mesmo quando distraídos vagamos sonolentos pelos botecos da vida.

E como já não é novidade, nosso modo de perambular pelo mundo não brota no vazio, num vácuo histórico, não se constitui indiferente às nuances particulares da época em que passamos a existir. Sem grandes dissensos, concordamos que as referências que tomamos para nos relacionar com o mundo em geral se constituem e se modificam numa fina sintonia, difusa e gradual com muitos de nossos entes mais próximos: nossa família, escola, amigos, vizinhos, em alguns casos, com a igreja, e ainda – por vezes o mais influente de todos –, com os meios de comunicação. É na relação com este emaranhado de entes sociais que se constitui nosso pano de fundo particular, nossa memória recursiva, como diria Giddens, que nos possibilita emprestar significados coerentes às coisas que vivemos, que nos permite sentir muitas vezes uma confiança satisfatória e duradoura de que as coisas estão acontecendo como devem acontecer.

Por tudo isso, no que diz respeito ao trabalho, seria oportuno agora apresentar um pequeno inventário de aspectos que, de muitas maneiras, acredito que estejam constituindo este pano de fundo dos *descolados*, este quadro geral de referências que lhes permitem experimentar seu modo particular de vida com uma sincera naturalidade, sob o honesto sentimento de que fazem sentido, de que eles possuem muitos razoáveis motivos para se comportar assim: sentindo, pensando, fazendo e acreditando no que acreditam.

Antes de prosseguirmos, um pequeno alerta. Ao invés de listar uma série de dados gerais de maneira insípida e um tanto categórica, por razões estilísticas, interessado na contundência do relato, optei por transformar esta relação de aspectos em comum numa espécie de conversa fictícia, como que um diálogo imaginário simultaneamente mantido com todos os *descolados*.

Por conta disso, pode acontecer do leitor ficar com a ligeira impressão de que falo com ele. Está tudo certo se for assim. Espero mesmo que o recuso a esta conversa fictícia o convide a supor sua própria vida sob os termos em que se encontram os *descolados*. Trata-se de um apelo por simpatia, por compreensão empática, como preferia Weber, no sentido de compenetrar-se das ideias ou sentimentos de outrem. Começo pela infância.

[breve descrição sobre as condições de vida dos *descolados*]

[um menino de futuro, uma promessa]

Suponha que você tenha nascido no Brasil durante a década de 80. Ditadura militar, Guerra Fria, Diretas Já. Morte de Tancredo Neves, Constituinte, eleição do Collor. Copa da Itália, Show da Xuxa, Os Trapalhões. Kichute, máquina de datilografar, telefone de fichas, discos de vinil... Coisas que você talvez só se lembre de uma maneira um tanto vaga. Quem sabe a *URV* não tenha sido o primeiro curioso fato econômico de sua vida.

Seus pais eram universitários quando você nasceu.

Talvez fossem de um tipo romântico, idealistas, vivessem às voltas com as discussões da época, metidos em partidos políticos, articulando greves ou reuniões discretas em casa, e de vez em quando churrascos. Quem sabe não fossem poetas, mais comedidos, silenciosos, ou então fotógrafos, palhaços, músicos, ou ainda, artistas plásticos. Talvez eles estivessem mais preocupados consigo mesmos, com seus próprios mistérios, dilemas, sua elevação espiritual; fossem como que *hippies*, vendessem mel nas ruas de vez em quando ou tivessem resolvido morar por certo tempo em algum vilarejo isolado ao sul da Bahia, Alagoas ou mesmo na Chapada dos Veadeiros.

Mas talvez seus pais não fossem assim, sonhadores, tão boêmios, e se assemelhassem a um tipo mais assertivo, pés no chão, pragmático. Isso talvez porque nascidos em famílias simples, nordestinos de origem modesta, ou então mineiros, e representassem na época, para o orgulho de muitos, a primeira geração a fazer a faculdade, a primeira a exibir na parede um diploma de *dotô*, muito diferente de seus colegas idealistas da faculdade, quase todos filhos de classe média, consumidos por preocupações tolas e inúteis, afligidos por urgências ingênuas, frívolas, *uns filhinhos de papai*, poderiam pensar.

Digamos que, em algum momento, seus pais tenham decidido se divorciar. Dependendo de sua idade, eles podem não lhe ter explicado lá muita coisa a respeito, quem sabe, tenham apenas lhe dito que não viam mais motivos para se manterem juntos, que o desejo havia arrefecido, a cumplicidade se dissipado. E quem sabe se, por conta disso, curiosamente, seu pai tenha se tornado, de uma hora para a outra, um sujeito mais presente em sua vida, mais preocupado, atencioso, paciente, e assim, seus finais de semanas juntos

tornaram-se mais interessantes do que todos os outros, da época em que vocês conviviam numa mesma casa. Mas talvez com a separação, seu pai tenha se tornado ainda mais ausente, e desde então vocês passaram a se falar só muito raramente. Quem sabe ele tenha sumido de vez na época, e a partir de então sua mãe tenha se tornado uma pessoa extremamente presente em sua vida, e por isso, hoje, você sinta por ela uma admiração fora do comum, ainda que não a suporte mais durante muito tempo por perto, tamanho o desgaste da relação.

Em todo caso, qualquer que tenha sido sua sorte de pais, eles certamente não foram severos contigo. Raramente lhe bateram, uma vez ou outra alguns castigos, e mais costumeiramente, broncas. Embora talvez lhe parecesse também muito natural que seus pais, inúmeras vezes, lhe falassem sobre seus erros com uma paciência de Jó, explicando os fatos com palavras amenas, tintim por tintim, tudo num tom manso e compreensivo.

Por tudo isso, imagine que você tenha se tornado uma daquelas crianças gaiatas e serelepes, satisfeitas consigo mesmo, comunicativa e também orgulhosa, quem sabe, por poder desenhar nas paredes da casa com giz de cera, ou então por se exibir no supermercado com seus pais, num majestoso vestido de estampas floridas, desbotadas, de uma cortina antiga de sua avó, que de um modo muito solícito o havia ajudado a costurar. Quem sabe você não teve uma infância assim?

Embora você também pode ter sido uma criança mais pacata, quem sabe se tímida e um tanto sensível, calada e observadora; que talvez exibisse, desde cedo, um carinho incomum pelos livros, ainda que raramente seus pais demonstrassem um interesse muito sincero em desfrutá-los contigo.

Por essa época, você talvez sentisse também, com alguma frequência, certo tipo de ansiedade com os cuidados de seus pais. Suas broncas eram um tanto ríspidas, os carinhos, como que intranquilos, muito pouco pacientes. Mas isso você certamente experimentava de um modo muito vago e confuso, insondável pra sua cabecinha na época. Só muito tempo depois, quem sabe após se tornar uma criança um tanto mais insegura, você tenha cogitado, numa tarde qualquer da vida, que este seu desconforto interno talvez decorresse daquela ansiedade antiga de seus pais, que em vários momentos pareciam de alguma forma tentar se certificar de que você de fato desfrutava de tudo aquilo que eles lhe ofereciam, de todas as coisas que eles não tiveram quando crianças. Felizmente, você os perdoou por isso.

Considerando que você talvez não tivesse nascido em Brasília, imagine se não foi

por essa época que seus pais resolveram se mudar para cá. Um deles pode ter sido aprovado num concurso público, ou então o outro tenha vindo transferido, para compor a equipe ministerial de um novo governo ou de um novo parlamentar. E mesmo que eles não fossem servidores públicos, aqui eles muito provavelmente desempenhariam alguma função correlata: assessores ministeriais, cargos de confiança, consultores de organismos internacionais, ou ainda, quem sabe, professores universitários.

A esta altura, muitas daquelas aspirações românticas de seus pais já estarão esquecidas. Algumas subsistindo apenas como lembranças doces de uma época ingênua, assombrosamente ligeira. Mas com sorte, uma ou outra coisa terá se mantido como um divertimento inofensivo dos finais de semana, ou então conformada em modestos projetos para aposentadoria. Mas em troca de tudo isso, vocês agora poderiam desfrutar de uma vida economicamente tranquila e confortável.

Assim, ainda que você não tivesse idade para se dar conta, que tudo em sua volta lhe parecesse muito natural e que você nem chegasse a suspeitar que seus dias pudessem ser muito diferentes dos das outras crianças de sua idade que moravam fora do Plano, assim mesmo, sem saber, você já desfrutava de uma infância particularmente privilegiada, muito acima da média de outras crianças brasileiras.

Por conta disso, desde cedo, você se habitou a morar numa casa sempre muito limpa e ordenada, sem que para isso precisasse despender qualquer esforço, exceto quando seus pais insistiam para que mantivesse seu quarto arrumado ou para que não deixasse a toalha molhada por sobre a cama. E como sempre havia empregada em casa, as refeições lhe pareciam tarefas simples, assim como os afazeres domésticos.

Em meio a tudo isso, seus primeiros anos de escola foram tranquilos e bem-sucedidos. E só algum tempo depois você teria atentado para o fato de que existiam escolas públicas e que, por algum motivo, elas eram diferentes da sua, particular. Talvez fosse pedir demais que você por essa época considerasse que o fato de as mensalidades de sua escola serem um tanto caras fazia com que muitos dos melhores professores, mais experientes e bem preparados, estivessem por lá, e que o fato de poderem ser a qualquer momento demitidos fazia com que eles não cochilassem tanto em serviço e percebessem desde muito cedo, por exemplo, sua discreta dificuldade em separar as sílabas, ou quem sabe, em assimilar a tabuada de multiplicar por 8.

Assim, desde muito cedo, você se acostumou aos exames de rotina, às consultas

médicas sem maiores necessidades, apenas para fazer jus ao plano de saúde. Do mesmo modo como se habitou às “colônias de férias”, que era para onde você talvez fosse durante o período em que seus pais não podiam viajar. Junto com sua família, você provavelmente deve ter visitado muitos estados do país nas férias, certamente boa parte das capitais do Nordeste, e embora talvez lhe seja um tanto difícil lembrar-se da ordem correta das viagens, certamente você ainda se recorda do conforto que desfrutava na escola, ao voltar das férias, exibindo seu reluzente bronzeado, a ponta do nariz vermelha e uma parte dos ombros ou então das costas descascando.

Detalhes que se acomodavam em sua trajetória com muita naturalidade, conformando vagarosamente sua visão de mundo, sem que você tivesse grandes motivos para pensar sobre isso, sobre o que lhe acontecia. “E assim, [como disse Jacobsen referindo-se ao seu protagonista] Niels vai crescendo: sua alma sofre as influências mais diversas, tudo tem significação para ele, o que existe realmente, o que ele sonha, o que sabe e o que advinha, tudo deixa naquela argila mole um traço que mais tarde se tornará acentuado e profundo – ou fraco e apagado”³³.

[juventude romântica]

Em algum momento matricularam-no num cursinho de inglês. Provavelmente na Thomaz ou na Cultura Inglesa. Na época, deve ter sido um saco, certo? Talvez porque as aulas lhe tirassem um tempo do videogame, ou então do cochilo após o almoço. Mas, uns anos depois, feito isso, você já experimentaria um certo orgulho, quem sabe, por poder dispensar a legenda dos filmes, ou por arrumar alguns trocados dando aula particular, ou ainda por fazer as vezes de porta-voz da família em suas viagens ao exterior, ou simplesmente por saber a pronúncia correta do nome de sua banda favorita: Radiohead.

E o que mais você fazia com seu tempo livre? Seus pais colocaram-no na Escola de música? Foi lá que você aprendeu a tocar piano? Ou era um professor que ia à sua casa? Lembra quando seu pai lhe comprou aquele violão, o primeiro? Logo ele, que vivia quebrado, sem grana, e que há tanto tempo andava sumido. O que é um cara com um violão numa rodinha de amigos depois da aula, hein? Sentiu isso? Estava lá em volta? Foi no Clube do Choro que você aprendeu a tocar *sete cordas*? Foi lá que se apaixonou pelo

³³ (JACOBSEN, 2008, p. 92)

bandolim, por acordeom? Pandeiro era muito charmoso, claro! E a gaita? Que era só jogar na mochila!

Não era você quem passava as tardes de sábado na casinha do *Seu Estrelo*? Conseguiu tocar *caixa*? *Caracaxá*? Difícil, não? Ouviu o mito do Calango Voador? Dançou o samba pisado? Fez ciranda? Comprou um pife do *Seu Zé*? Talvez por essa época, você estivesse mais interessado em suas aulas de circo ou passasse as manhãs na *Água Mineral*, caminhando pelas trilhas, fazendo yoga, fumando um baseado, desfrutando com calma do sol, da piscina fria, distraíndo-se com os macacos que atacavam as sacolas dos visitantes desavisados, coisas assim.

E seus avós, como eram?

Seu avô, por um acaso, era aquele velhinho murcho, calado e imigrante? Que passou a vida em meio às dívidas, pintando seus quadros, alheio ao que diziam a seu respeito? E aquelas aulas de desenho, hein? Ele lhe falando sobre os detalhes, as formas geométricas, sobre ser simples... Ou não era seu avô quem lhe deixava futricar à vontade no seu imenso acervo de filmes? E ainda lhe explicava os detalhes sobre a produção dos seus curtas, todos desconhecidos? Seu avô era um velhinho simpático, diplomata, que na aposentadoria, por puro prazer, resolveu vender queijo numa barraquinha do Ceasa?

Ou será que você teve então a sorte de ter como avô um daqueles velhos barbudos e mal-humorados, motociclista arrojado, que mantinha, orgulhoso, na parede da sala, um vistoso cartaz do “Analfabeto Político” de Brecht? Seria ele, por acaso, quem lhe pedia, de vez em quando, que espanasse as extensas prateleiras de livros, submetendo a uma perícia religiosa os volumes de sua maior estima: os exemplares do marxismo oriental? E quando ele lhe prendia à mesa, antes mesmo que terminasse o almoço, contando-lhe sobre o *Big Bang*, a chegada do homem à lua, a situação de Cuba, as multinacionais, sobre o compromisso com a classe operária... E aquele modo espantoso como todos os dias ele discutia com âncoras dos telejornais, retrucando a forma como apresentavam os fatos, chamando a todos por nomes esquisitos, estrambólicos: *esse calhorda do Alexandre Garcia! Escroque! Safado! Grandessíssimo de um canalha... Willian Bonner fascista! Você não passa de um filho da puta fascista!*

E aquele início de noite, lembra? Era domingo aquilo? Ele já pesado em sua poltrona antiga, desbotada pelo uso, amolecido pelos goles de sempre do *Cointreau*. As lágrimas de raiva, contidas, de impossível disfarce. A bengala ressoando nervosa no chão,

aflita, quando não apontada contra o televisor, enquanto transmitiam as primeiras notícias sobre os incontáveis saques ao Museu do Iraque, no início da ocupação norte-americana... O que foi aquilo, hein? Ver aquele velho homem sentando? Gordo e suado, soluçando tímido, por motivos tão distantes para você, tão incabíveis para sua realidade na época. Não terá sido pelo sentimento que uma memória nos provoca, que você, anos atrás, decidiu, pouco a pouco, se tornar um ativista? Mesmo que por um breve tempo. Sair em defesa do Passe Livre, do uso de bicicletas, das Cotas, contra políticos corruptos, no *Fora Arruda*, contra o Roriz?

Com o fim do segundo grau, o que fazer? A vida talvez já lhe parecesse um espetáculo chato e aborrecido, completamente destituída de sentido. Mas felizmente não era o caso trabalhar ainda. Por isso, muito de sua angústia, revolta ou melancolia pode se concentrar em torno de uma mesma questão: o vestibular, ou *o que fazer para o resto da vida?*

Provavelmente você escolheu às pressas, sem tanto discernimento, supondo que soubesse o bastante na época. *Não sabia!* Constataria espantado depois. Embora na época intuisse muito bem o que jamais faria: nada de dinheiro a todo custo, carreiras vertiginosas, uma vida para o trabalho, nada de burocracia. Era preciso encontrar sentido no que fazia, realizar-se, ter prazer... Mas este era o problema, prazer você nutria por muitas coisas. Como decidir?

Inspirado por seus ideais altruístas, você talvez tenha optado por tornar o mundo um lugar um pouco melhor, supondo que seria interessante começar a fazer isso estudando sociologia, psicologia ou história, ou quem sabe, antropologia, ciência política, ou ainda, filosofia ou relações internacionais. Talvez você estivesse mais seguro de seus atributos criativos, botasse fé em sua própria autenticidade e lhe parecesse urgente ou mais interessante estudar cinema, música, artes visuais ou moda. Quem sabe você ainda estivesse indeciso, hesitante de tudo, em cima do muro quanto ao que fazer, e tenha optado por letras, literatura, ou ainda, publicidade, jornalismo ou desenho industrial. Foi assim? E deu certo?

[boêmia universitária]

E seu primeiro semestre na UnB, como foi? Lembra do seu nome na lista? O orgulho de seus pais, o alívio? Uma rotina novinha de presente. Pelo menos três anos sem

precisar responder à mesma pergunta de sempre: *E aí, vai fazer o quê da vida?*

Pela primeira vez, você controla seus horários. Pode escolher à vontade quantas e quais matérias fazer. E assim, você se outorga o direito de não mais assistir a aulas depois do almoço, ou jamais antes das dez, ou ainda, em hipótese alguma, às sextas-feiras. E já que a grade é aberta, por que não estudar o que mais lhe agrada? Fotografia? Documentário? História do Cinema? Francês I, Antropologia do Gênero, Movimentos Sociais? Corpo e Movimento? Filosofia da Linguagem? Estudos Pós-Coloniais? Curtiu a aula da Rita? Do José Jorge? Serviu literalmente uma salada ao Hilan, como trabalho final em Teoria do Conhecimento?

Por esses dias, seus pais já lhe tinham dado um carro. Foi previsível? Não? Passou a se sentir culpado por se saber ainda mais privilegiado? Um atestado de que não vivia entre os vencidos, de que era um privilegiado? Nem reparou nisso? Ou deixou o desconforto de lado com o tempo?

De uma hora para a outra, com o carro, suas noitadas ganham uma nova dimensão. Às segundas: Criolina no Calaf; terças: champanhe com *jazz* no Cabíria; quartas: Toranja no Balaio; e as quintas, deixe-me ver... *Quinto* no Conic? Ou o forró do Arena? Sexta: *Blackout* ou *Landscape*? Ou então aquele sambinha discreto do MRE? Sábado: *Funfarra*. Isso sem falar nos botecos. Qual era o seu preferido mesmo? Beirute, Cenário, Piauí, Segundo Clichê...? Domingo, para relaxar, uma mostra de filmes ou um showzinho de graça no gramado do CCBB. Acertei?

E seu coração, nessa época, como andava? Por acaso você estava solteiro por esses dias? Festivo e garboso, despejando charme aos desconhecidos, achando o máximo estar na *guerra*: bebendo, flertando, sambando e jogando conversa fora? Vivendo pequenos lances, *affaires*, cogitando o amor-livre, relações abertas, despojando-se generosamente ao encontro dos tipos mais diversos? Foi assim? Ou será que você não andava sentido? Profundamente amargurado pela primeira vez? Desiludido por uma relação antiga, um namoro de anos e anos, que lhe fizera pensar, por um breve tempo, que duraria quase que a vida inteira? Não foi assim? Não? Então como foi para você?

De qualquer forma, com o tempo, provavelmente após se formar, você passou a se sentir mais impaciente nas baladas. Como que uma irritação difusa, uma insatisfação geral, sem maiores motivos, enfim: um tédio. Talvez um desencanto pelo excesso de intimidade com a própria noite. Agora, você já é capaz de antecipar, sem muito esforço, todos os

movimentos ali. Sabe tranquilamente o que vai acontecer, e mesmo os fatos mais inesperados não o surpreendem tanto; de alguma forma você já esperava por eles. A multidão na porta dos lugares não o entusiasma. Os rostos são os mesmos de sempre, os mesmos de ontem e de amanhã, não importa a festa. E por mais que se tente, é raro encontrar novas caras. Tantos e tantos em suas fisionomias resolutas e autocentradas, supostamente satisfeitos consigo mesmos, com a noite, com a vida, confortáveis em seus vistosos tronos, justapostos em pequenos grupos, suas galeras, tranquilos, orgulhosos, sorridentes e inacessíveis. Solitários, em última instância. Foi isso o que sentiu?

Poucas são as coisas que ainda lhe despertam grandes curiosidades na noite. Nem a superprodução dos tipos inusitados, nem a afetação dos excêntricos ou a opacidade dos cândidos, mais tímidos. Nem mesmo a angústia das meninas solitárias, insatisfeitas com a quantidade de caras babacas e hesitantes nas festas, muitas atrás do seu belo cara barbudo, em sua camisa xadrez, com suas ironias divertidas sobre a vida, suas curiosas opiniões sobre Bauman, Coltrane, Lacan, sobre Lynch, Lula, Lars von Trier...

De um modo que antes não lhe acontecia, você agora se incomoda mais com o batalhão de meros conhecidos que se forma ao seu redor nas noites. Pessoas que sabem de você do Sigma, do Leonardo, do Clube do Choro, da Escola de Música, da Cultura ou da Thomaz Jefferson, ou de uma disciplina qualquer na UnB. Pessoas por quem você não pode passar despercebido: *ex-ficantes* inconvenientes, desafetos curiosos, gente *sem noção*, todos a quem deve prestar, todas as noites, a devida e protocolar reverência, sabe-se lá por que motivo. Em favor dos bons costumes? Do reconhecimento dos pares? Da aprovação de todos? Uma canseira, né?

E você agora talvez repare de um modo ainda mais intenso e recorrente certas peculiaridades de se viver aqui, em Brasília. Assim, parece-lhe mais nítido o quanto o Plano Piloto é um lugar isolado: primeiro, geograficamente, por dezenas de quilômetros das outras regiões administrativas, as chamadas satélites; também pelo revoltante sistema de transportes, caro e ineficiente, que faz parecer natural que todos os filhos, aos 18 anos, recebam de seus pais seu primeiro carro. E mais isolado ainda, pela assombrosa especulação imobiliária alimentada pelos altos salários de influentes servidores públicos que estão sempre a conseguir reajustes e que nunca serão demitidos.

Junto com isso, você constata também a infelicidade de se ter criado Setores de Diversões que efetivamente nunca divertiram tanta gente. Atrelado a isso, os conflitos,

protestos e fechamentos dos bares por conta de moradores insatisfeitos, em geral aposentados, com o atordoante barulho dos clientes que se distribuem pelas comerciais. Em meio a tudo isso, você sente agora mais falta de esquinas onde as pessoas pudessem se trombar ao acaso, ou de um centro caótico e fervilhante onde todos tivessem de se misturar com um pouco menos de assepsia.

Por tudo, você pode então ter cogitado algumas vezes curtir umas noitadas longe daqui: Taguatinga, Ceilândia ou Sobradinho. Nada por muito tempo. Provavelmente lhe foi mais interessante e viável passar uns meses fora daqui: *São Paulo é logo ali... Buenos Aires tá tão barato... Minha avó disse que me sustenta um ano em Paris... Meus pais vão segurar minhas pontas em Barcelona, até que eu termine meu curso de história da arte...* Mas isso não foi possível para você? Ficou deprimido? Com um pouco de inveja reprimida, vendo os colegas partindo?

Em todo caso, à medida que se entedia com as noites, cada vez mais arrefece em você aquele ímpeto quase primitivo, que até bem pouco tempo fazia parecer tão natural e incontornável que você partisse com uma euforia infantil a tantas noites sucessivas, bebendo inadvertidamente, papeando com desconhecidos e voltando para casa sempre exausto, nas últimas, sem se preocupar com o dia seguinte. Sob o milagroso e delicado “sentimento de que podia durar para sempre [diria Conrad], mais do que o mar, do que a terra, do que todos os homens; o ilusório sentimento que nos atrai para alegrias, para o amor, para o vão esforço – para a morte; a triunfante convicção de força, o calor da vida numa mão cheia de pó, a chama do coração que todo ano diminui, esfria, arrefece e expira – expira muito depressa, depressa demais, antes da própria vida”³⁴. Tudo isso vai minguando lentamente, conforme um rio caudaloso que aos poucos se desfaz, comportando-se em discretos afluentes, longínquos, cada vez mais mansos e navegáveis. É mais ou menos a época em que alguém lhe pergunta mais uma vez: *Então, tá fazendo o quê da vida?*

Você talvez tenha se satisfeito de imediato com uma carreira no serviço público, esteja agora com um belo salário de Gestor e possa se dar ao luxo de conhecer muitos países nas férias e de se apaixonar por pessoas que moram em outras capitais, pois as passagens já não lhe custam tanto. Talvez você tenha se tornado um jovem diplomata, um precoce auditor fiscal, e receba também uma “nota”, trabalhando seis horas por dia, e possa

³⁴ (CONRAD, 2006, pp. 64-65)

agora encomendar muitos instrumentos caros do exterior, e ainda, duas vezes por ano, presentear a mamãe com viagens a todos os cantos do mundo: *agora ela vai pro leste europeu...*

Quem sabe a mãe de sua namorada, sua sogra, já que vocês têm um filho, haja lhe arrumado uma “peixada” na Câmara como fotógrafo no gabinete de um deputado federal qualquer, e assim, nas horas vagas e com seu próprio dinheiro, você possa contratar algumas modelos belíssimas para ensaios sensuais num bairro gótico de Barcelona.

Mas talvez não seja nada disso, e você agora esteja apenas em crise, insatisfeito com o trabalho, inerte e apático, hesitando sobre o que fazer da vida. Quem sabe sua mãe não lhe deu um belo apartamento reformado, um adiantamento da herança, e ainda esteja a sugerir-lhe insistentemente que você não entre para o serviço público, que prossiga a carreira acadêmica.

Ou então você pode mesmo ter virado um desses que inventou de esticar o tempo para pensar sobre o que fazer da vida metendo-se num mestrado por dois ou três anos. Assim, quem sabe você não esteja agora como eu: num domingo à tarde, sem almoço, descabelado em frente à tela, deixando a filha ir passear com a sogra, agoniado para concluir estas linhas e então ligar para os familiares, dizendo: *Pronto! Acabei, acabei... Já estou indo arrumar um emprego!*

Mas como saber, não é verdade?

[e ainda uma breve consideração]

Ao redigir a seção anterior, desejei oferecer aos leitores uma espécie de quadro geral das condições de vida dos *descolados*. Pensando na contundência do relato, optei não tanto por uma lista categórica de aspectos, mas sim por um diálogo fictício, num plano mais detalhado, onde procurei costurar uma série de exemplos reais que me pareceram representativos. Por conta disso, pode acontecer de um leitor com uma veia mais sociológica, curioso pelos padrões gerais, se sentir um pouco perdido com tantos detalhes, ansioso para que eu relacione de um modo mais consistente os traços mais relevantes de tudo isso, as linhas gerais que se depreendem deste emaranhado talvez confuso de minúcias.

Supondo algo assim, faço este breve comentário, distante de tantos detalhes, num

plano de observação mais abstrato. Assim, procuro tornar mais evidentes os traços que me pareceram representativos, gerais, recorrentes em muitas vidas.

[classe média]

Como já disse, em geral os descolados são filhos da classe média brasileira³⁵. Filhos de bem remunerados servidores públicos ou de profissionais ligados ao Estado.

Pragmáticos ou idealistas, muitos de seus pais tentaram oferecer aos filhos o que acreditavam ser uma boa vida (escolas particulares, aulas de inglês, empregada doméstica, têê a cabo, internet, esportes, viagens e toda forma de expressão artística); tudo o que acreditavam que pudesse expandir seus horizontes e ampliar o leque de possibilidades quanto ao que poderiam desejar fazer de suas vidas.

[Plano Piloto]

Acontece que toda essa pequena odisseia se passa no Plano Piloto, um espaço relativamente pequeno, limitado pelo tombamento histórico e isolado do restante do DF tanto pela distância física, quanto pelo padrão de vida dos seus habitantes. Por ser assim, o número de trajetórias biográficas possíveis para se disfrutar dessa tal boa vida tornou-se um tanto limitado. Por isso não é nem um pouco estranho constatar que a maior parte das gerações de *descolados* tenha estudado no *Sigma* ou no *Leonardo da Vinci*, na *Thomas Jefferson* ou na *Cultura Inglesa*, e em muitos casos também na *Escola de Música* ou no *Clube do Choro*, e posteriormente na UnB, certamente nos cursos de humanidades, como já foi dito.

[todo mundo conhece todo mundo]

Trajetórias assim, tão parecidas, naturalmente colocaram de maneira próxima um número muito grande de pessoas, que aos poucos, conforme a época, as circunstâncias e afinidades, constituíram um sem-número de relações sob as mais variadas direções e nos mais diferentes graus de intimidade. Com o passar dos anos, muitos se tornaram amigos, outros tantos apenas amigos de amigos, e muitos outros ainda – um batalhão na verdade – meramente conhecidos – pessoas que em cidades maiores passariam apenas por

³⁵ Como estamos em Brasília, no Plano Piloto, quando digo classe média no âmbito dos *descolados*, refiro-me às pessoas que tem uma renda familiar na faixa dos R\$7.000,00 aos R\$15.000,00. O que é, evidentemente, muito distinto do que seja um sujeito de classe média em Jacaré dos Homens, Alagoas.

desconhecidos, mas que aqui (dado o tamanho, o isolamento da cidade e a semelhança das trajetórias), terminam convivendo muitos anos juntos sem exatamente se conhecerem; convivem como que por tabela, nutrindo certa familiaridade muitas vezes desconfortável, conforme tantos reclamam; nos termos de Berger: nem próximos o suficiente para serem *significativos*, nem distantes ao ponto de serem *generalizados* (LUCKMANN & BERGUER, 2004).

[Brasília é um ovo!]

Evidentemente que todos, conforme cresciam, ajustavam-se às suas turmas por afinidade: a “galera da quadra”, “do curso”, “do sigma”, “o povo do circo”, “da pós”, “da dança contemporânea”, “do áudio visual”; e dentro de cada uma delas, a maioria encontrou sua específica galerinha, as pessoas com quem convivem no dia-a-dia.

Suponho que se estivéssemos numa cidade grande, cada uma destas galeras encontraria um conjunto de espaços específicos para o seu entretenimento, haveria um circuito mais ou menos delimitado para *burguesia folclórica*, outro para os *cults*, outro para os *hipsters* e ainda outro para os *Olinda life style*. Mas aqui é diferente; àqueles que no Plano Piloto procuram um estilo de vida alternativo, distante do ideal burocrático, este não será o caso. Não bastasse os anos de Sigma ou de UnB, as mesmas pessoas, meramente conhecidas, ainda continuarão se esbarrando na meia dúzia de espaços que habitualmente frequentam: no *Balaio*, *Beirute*, *Calaf*, nos *bares da 408*, no *Cine Brasília* ou no *CCBB*.

[a preguiça dos conhecidos]

Num primeiro momento, os inesquecíveis primeiros semestres, essa conjugação de fatores parece ser vivida com alguma leveza. Os lugares, embora sejam poucos, ainda guardam um quê de desconhecidos e as pessoas ainda não se parecem assim, tão enfadonhamente familiares. Pelo visto, só mais tarde, gradualmente, após uma longa temporada de noitadas exaustivas, é que este desconforto começa a se mostrar de um modo mais recorrente.

Até aí, muitos já acumularam uma pequena lista casos, *ficantes* e pretendentes, e pelo menos uma grande decepção amorosa. Parece que ficam mais acanhados, e as noites não são mais divertidas quanto eram antes. E assim, tenham a impressão de que se fecham,

recolhem-se confortavelmente em seus pequenos grupos, confessam ter preguiça de gente nova. E passam a avaliar de longe, muitas vezes por detalhes, o quão interessante pode realmente ser um novo pretendente, o quanto vão dispor de si para uma nova conversa; observam os trajes, os gestos, as companhias, as pessoas que possuem em comum, consideram alguma fofoca que já tenham ouvido e quase sempre seus comentários no *Facebook*.

[passar um tempo fora]

Reparei que este período, vivido por muitos com algo tedioso, costuma também vir acompanhado de uma espécie de crise com o final do curso. Algo que me parece um ajuste de contas entre as aspirações românticas nutridas desde a infância e a realidade dolorosa de que se vive em Brasília, uma cidade pra servidores públicos. O que fazer?

Em um número significativo de histórias, toda esta constelação de fatos (pais compreensivos, padrão de vida confortável, tédio frente às pessoas e os lugares, aspirações românticas e horizontes burocráticos) tudo isso, pelo que vi, costuma alimentar um anseio muitas vezes desesperado de passar pelo menos um tempo longe daqui, levar a vida em Barcelona, Londres, Buenos Aires ou Paris, muitas vezes até São Paulo resolve.

É um pouco isso o que vi; e foi por aí que as cenas foram elaboradas. Agora vamos ver como se sai.

Terceiro Capítulo

[*festa de música preta*]

[estacionamento]

Noite de segunda-feira, outono, Asa Sul. Da janela do seu carro, uma jovem observa a extensa fila formada na esquina de um prédio no Setor Bancário Sul. Às onze da noite, mais de uma centena de pessoas aguardam para entrar. Com o carro em movimento, ela examina o número de veículos, a fisionomia dos presentes, os caras bonitos e a quantidade de amigos e pessoas conhecidas. Como pretende beber, pondera durante algum tempo sobre onde deixar o carro. Sabe que às duas da manhã, como de costume, pelo menos uma viatura da polícia estará de prontidão na única saída do local: uma pequena rampa de mão-dupla que dá acesso aos prédios do Setor.

Ela poderia deixar o carro no estacionamento ao lado, numa das tantas vagas do Setor Autarquias Sul; isso não lhe custaria mais do que dois minutos de caminhada. Mas lembra que na última semana, ali mesmo, numa das vagas, uma de suas amigas, que estava na festa, teve o vidro do carro quebrado e o aparelho de som roubado. Perdida em suas cogitações, ela recorda também, avistando o táxi à sua frente, que não faz tanto tempo, por 20 reais, um dos taxistas se dispôs a guiar seu carro até poucos metros após a *blitz*. No caminho ainda lhe confessou que fazia isso todas as noites. Considerando o fato, ela decide ficar. Estaciona sobre a calçada e se nega a adiantar um trocado ao guardador.

[lá fora]

Na entrada da festa, duas filas. Dependendo da noite, os comuns desembolsam 15, 20 reais para entrar, enquanto os mais previdentes – que se deram ao trabalho de confirmar a presença com antecedência pela página da festa no *facebook* – entram pela metade do preço. Das mulheres, cobra-se mais barato – em geral: cinco reais a menos. Obviamente um bom negócio, desde que o espaço foi eleito pela *Veja* como o *melhor lugar para se paquerar em Brasília*.

Durante o dia, tudo não passa de um *self-service* de cozinha espanhola, normalmente frequentado por bem remunerados servidores públicos do Estado. À noite,

para cada dia da semana, uma festa diferente. Estamos no *Criolina*, festa de *música preta*, produzida pelos *djs* Pezão, Barata, Daniel Black e Ops. Estes, nos últimos anos, visitaram e receberam bandas e *djs* dos mais variados lugares do mundo. Uma das festas mais conhecidas do Plano e quase sempre o único lugar para dançar numa noite de segunda-feira.

[fronteiras]

Na fila dos comuns, um rapaz solitário acende um cigarro de palha, temperado com *mama cadela*, uma última modinha da *burguesia folclórica*. Sopra tranquilo a fumaça, parece calmo e bem ambientado. Atrás dele, dois caras largos, bronzeados e musculosos. Notando as camisas um tanto justas e decotadas, as mangas curtas e estufadas, o jovem imagina sem muita surpresa, que os dois provavelmente acabaram de deixar a academia, prontos para a *night*, como se diz.

Durante a conversa, os amigos comentam sobre duas pirralhas de uma festa da noite anterior: meninas de 19 anos que encontraram num forró. A julgar pela aparência, não passam dos 23. Conversam de um modo agitado, ansiosos e atentos às mulheres que passam. Sob qualquer pretexto, estão sempre a flexionar os braços, apalpar os ombros ou desferir como que inocentes golpes sobre os próprios tórax, um costumeiro passatempo. Às vezes sentem ainda um intolerável desconforto, uma espécie de coceira bem na base da nuca; por conta disso, necessitam manter contraídos e levantados, obsessivamente, seus grandes e bem trabalhados bíceps.

Ouvindo a conversa em silêncio, de costas para os rapazes, o jovem com o cigarro de palha experimenta um desconforto: a velha constatação habitual de universos distintos. Ele então sorri com alguma ironia, orgulhoso e certo de sua superioridade. Com os olhos nas próprias sandálias, conclui não existir ali a menor possibilidade de entendimento, nenhuma chance para uma conversa mais interessante.

[uma flor vermelha no cabelo]

Um tempo depois, ainda na fila, surge uma garota, por acaso sua colega. Uma jovem atraente, de uma beleza pouco comum, em quase nada discreta, a começar pelo riso.

Luana é seu nome³⁶. Têm os olhos castanhos e expressivos, as sobrancelhas grossas e bem contornadas, um nariz pontudo e ligeiramente anguloso, lábios pintados de um vermelho vivo, rosto afilado, o que também lhe faz parecer um tanto longo. Sua pele branca contrasta com os longos cabelos negros, em cachos, enfeitados agora em seu lado esquerdo por uma enorme flor vermelha, no mesmo tom dos lábios. Contando assim, faz parece-la uma típica representante do *Olinda life style*. Não é bem assim. Há qualquer coisa de *cult* em sua vida. Vejamos.

Conheceram-se não faz tanto tempo, há menos de um ano, numa viagem de três dias que o rapaz fizera a São Paulo. Embarcara com duas amigas para assistir a uma apresentação de um trio de *jazz* norte-americano, *Medeski, Martin, Wood*. Na ocasião, hospedou-se no apartamento de uma antiga colega, Vanessa, um duplex há alguns quarteirões da Augusta. Naquele período, Vanessa o dividia com Luana e com outra amiga em comum.

Luana estava passando um tempo em São Paulo, cursava mestrado na PUC, em Comunicação Social, uma pesquisa sobre festivais de *jazz* no Brasil. Perto do fim do estudo, pensou em desistir. Descobria, maravilhada, que o *jazz*, para alguns ícones do estilo, John Coltrane e Thelonious Monk, muito mais do que um ritmo, converteu-se em algo como uma experiência espiritual, de uma dimensão transcendente. Encantada, quis se aproximar disso, passar dois anos da vida nos Estados Unidos, refazendo a Rota do *Jazz*. Ainda não o fez. Voltou para Brasília, terminou a pesquisa e agora aguarda sua defesa.

Com o fim da bolsa de estudos, paga suas contas como funcionária da Livraria Cultura, um emprego temporário. E para todo tipo de aperto, conta com o pai, um talentoso cirurgião plástico que a contragosto sustenta a filha, não muito longe dos trinta, com a esperança de que ela resolva sua vida profissional o quanto antes.

Hoje, mesmo cansada pelo trabalho, Luana sorri. Recebeu mais cedo a confirmação de que seu artigo fora aceito num congresso sobre mídia na Áustria. Está radiante, eufórica e sociável, disposta a *sensualizar*, como diz. Enquanto conversam, a fila dos comuns é desmembrada, abre-se um caixa exclusivo para mulheres, os dois se separam, e os homens ficam pra trás.

³⁶ Em alguns casos, optei por nomear de forma fictícia algumas pessoas.

[o espaço]

O local da festa está repleto. Cerca de três dezenas de mesas ocupadas. Incontáveis baldes de cervejas, pessoas de pé, gritos, risadas, música alta. Infinitos olhares. Tudo como de costume. Os que chegam são avaliados pelos nem sempre discretos olhares dos muitos que se acomodam, sentados ou não, em volta das mesas, ao longo da passagem que leva à pista, um pequeno salão de uns 30 metros de comprimento, talvez 15 de largura. Na pista, as paredes são vermelhas como o patrocinador, uma cervejaria que tem sua logomarca estampada no fundo do palco, *Devassa*. Do lado esquerdo, as paredes foram retiradas, o que facilita a circulação de todos e do ar, já que o pé-direito é baixo, o que torna o espaço, quando lotado, uma comprimida sauna para 200, 300 pessoas.

Atrás da pista, um espaço aberto, destinado aos fumantes. Por todos os lados, pequenos grupos entretidos em suas conversas intermináveis. Inúmeros jovens burocratas em camisas brancas de botão, já suadas, recém-desengravatadas. Provavelmente aprovados há pouco tempo em um concurso de Gestor ou do Itamaraty. Senhores mais velhos, próximo dos sessenta, já aposentados, sentados na borda dos assentos, os braços escorados contra as cochas, sempre diante de uma tulipa de chope, uma taça de vinho ou um pequeno cálice de cachaça, invariavelmente exibindo suas enormes panças, redondas e bem cultivadas, despencadas por entre as pernas. Uns típicos glutões.

[amigas solteiras]

Entre tantos pequenos grupos de mulheres, algumas se apresentam da seguinte forma: vestidos curtos, decotados, cabelos escovados, saltos em acrílico, panturrilhas rijas, bronzeadas, com as mensalidades da academia em dia. Entre elas, as que se sabem desejadas: sempre seguras e acostumadas aos cortejos masculinos, expressam uma afetada indiferença (em geral, pouco convincente): não conseguem disfarçar a orgulhosa certeza de que estão sendo cobiçadas, nem a expectativa de que a qualquer momento serão abordadas para uma conversa-fiada.

E ocorrem também outras, vestidas sob os mesmos trajes, porém menos indiferentes, mais simpáticas. Às vezes inseguras, ou então desajeitadas, talvez porque menos habituadas aos galanteios masculinos, ou porque sintam que lhes falta algo, um ou

outro detalhe daquilo que admiram como padrão. Estas, mais apreensivas, sem muito esforço podem ser flagradas a todo o momento avaliando sua estima, sua capacidade de despertar interesse nos olhares masculinos. Ao final da noite, ainda que voltem sozinhas para casa, é possível que algumas delas façam um balanço da festa pela qualidade dos olhares recebidos, por sua demora, sua vivacidade.

[um baixinho fanfarrão]

No fundo da pista, do lado contrário ao palco, uma pequena fila leva ao balcão onde são servidas as bebidas. Oito reais é quanto se cobra por uma cerveja *Devassa*, nove, a caipirinha, e dezoito uma dose de *Jackie Daniel's*. No final da fila, seis amigos esperam para comprar cerveja. Dois deles têm namoradas, Carlos e Leonardo. O primeiro é comprometido há mais de três anos, está de óculos e barba, camisa preta, básica; sua namorada vive em Belo Horizonte, local onde concluiu sua graduação em sociologia. O outro, também comprometido, é um baixinho, calado e fanfarrão, famoso por suas peripécias etílicas. Estava solteiro há quase três anos e acaba de reatar um namoro antigo, conforme se comenta, com a única garota por quem fora apaixonado.

Hoje, os comprometidos parecem de folga; acompanham um grupo de amigos: quatro solteiros, todos *na guerra*, como se diz. Para surpresa dos que estão sozinhos, ainda na fila, Leonardo, o jovem baixinho e fanfarrão, flerta inadvertidamente com uma jovem morena de sorriso largo e pernas longas, que, a poucos passos dali, dança em vistosas plataformas brancas. Está num grupo com mais duas amigas e três rapazes. Ali, dançando, não poupa sorrisos a Leonardo, que por isso então se enche de uma euforia indisfarçável, também motivada pela bebida. Entre os colegas, todos chegaram embriagados. Um deles portava uma garrafa plástica de água mineral, recortada pela metade e preenchida até o topo com o que restou do uísque, presente trazido por um deles, de Buenos Aires.

Ao sair do balcão com uma nova garrafa de cerveja, Leonardo não se contém. Antes de alcançar os amigos, passa bem próximo à menina, que neste instante dança no meio de sua pequena roda, sorrindo, toda exibida. Então Leonardo lhe fala qualquer coisa gaiata e incompreensível, gesticula miúdo, lhe concede um ouvido, curvando-se a ela de maneira comedida. Está bêbado, é verdade, o que lhe impede de notar que seu movimento diante da jovem é no mínimo desnecessário, e também um tanto extravagante. A menina é

grande em tudo, tanto nas pernas, quanto nos braços, e mesmo nos ombros e quadril; e embora não sendo de fato alta, perto dele, que é baixo, sobra-lhe em rosto pelo menos sete centímetros, como a palma de uma mão fechada.

Indiferente a isso, Leonardo se arrisca, e ela, da mesma forma, o aceita. Em pouco tempo, dançam juntos. Ele, libidinoso, insiste para que uma de mãos escorregue até o quadril. Ela, charmosa, resiste, e aos poucos concede. Assim, eles logo se beijam; ele, sem conter o riso, de olhos abertos, acompanhando a reação dos colegas. Todos acham graça. Entreolham-se, com mão na boca, pronunciando simultaneamente um entusiasmado *caralho!* Feito isso, o grupo de amigos retorna à pista.

[distância entre os conhecidos]

De volta à pista, Danilo, um dos rapazes solteiros do grupo de amigos, avista uma conhecida, Laura, uma jovem baixinha e também morena, de olhos verdes, formada há pouco tempo em psicologia. No breve instante de um gole, Danilo, antropólogo, a observa de longe. Ela traja um vestido de tecido leve e estampado, em motivos indianos, botas de camurça chumbo, sem salto, grandes argolas nas orelhas. Típica representante da burguesia folclórica.

Há um certo desconforto entre eles, algo discreto e recorrente. Danilo reflete sobre como proceder. Não são exatamente amigos, nunca foram apresentados. Sabem da existência um do outro por frequentarem os mesmos bares, as mesmas festas e, principalmente, pelas mais de vinte pessoas em comum. Por tudo isso, meio que convivem por tabela na internet, nas páginas do *Facebook*. Por ali, sabem de muitas coisas sobre a vida um do outro, o suficiente para formarem uma impressão prévia sobre quem sejam, e mais do que isso, para fazerem uma espécie de cálculo intuitivo sobre o grau de compatibilidade existente entre os dois.

Pela própria dinâmica da página, é sempre possível saber algo sobre alguém, especialmente quando se trata dos amigos de amigos seus. A coisa funciona como se infinitas mesas de bar, habitadas por pessoas que não necessariamente se conhecem, estivessem simultaneamente em atividade. Pessoas se conectam ao *site*, leem os comentários dos amigos (notícias, piadas, denúncias, protestos e sandices), além de seus vídeos, fotos etc.; então, se quiserem, incluem suas próprias considerações.

Com isso, sem muito esforço, todos podem elaborar imagens mais ou menos coloridas sobre a vida de muitas pessoas. Forma-se um espaço de interação como qualquer outro, exceto, é evidente, por permitir que os envolvidos, se assim quiserem, apresentem-se da melhor forma possível: todos podem recusar uma abertura, abster-se de curtir ou expressar uma opinião, reprimir certo destempero. Há todo tempo do mundo para decidir *se, como e quando* irão se manifestar, e todo tempo também para se ponderar sobre as manifestações alheias.

Outros fatos contribuem igualmente para os conflitos dessa interação. A verdade é que durante um breve tempo os dois mantiveram um diminuto contato, um esboço de relação. Danilo, levemente interessado por Laura, passou não poucas festas lançando lhe olhares que ela, na cabeça dele, retribuía sempre de maneira ambígua. Pensava Danilo que Laura às vezes parecia reconhecê-lo nas festas; outras vezes, pelo contrário, a menina passava indiferente, como se nunca o tivesse visto.

Certa noite, ao chegar em casa, após mais uma série de discretos olhares, Danilo, já um tanto emotivo pela cerveja, enviou a Laura uma breve mensagem privada pelo *facebook*. Dizia em tom de lamento, a um só tempo, cínico e descontraído, que naquela noite, voltar pra casa somente com a lembrança dos olhares dela havia sido mais desagradável que o de costume. Laura não respondeu. Nem uma palavra. Danilo então, envergonhado e julgando-a um tanto *metida* por isso, pelo silêncio diante da situação, pôs-se a ignorá-la solenemente nas festas.

Até que um dia, duas ou três semanas depois, já no final do *Funfarra*, Laura veio lhe falar, como se nada tivesse acontecido. Com um sorriso nos lábios e ao mesmo tempo sem graça, perguntou-lhe, como se já não soubesse, se Danilo era mesmo amigo de Denise, uma das tantas pessoas que eles tinham em comum. Ele lhe confirmou com a cabeça, num movimento afável e solícito, como se também não lembrasse o desdém anterior. Então eles conversaram por um tempo, contaram-se piadas, ironias, tudo num tom agradável e curiosamente descontraído. Até que Laura teve de ir – sua carona queria partir e Danilo, por acaso, estava sem carro. Por alguns dias trocaram mensagens pela internet, algumas amenidades, comentários breves e despreziosos. E foi tudo.

Um tempo depois, coisa de uns seis meses após este último encontro no *Funfarra*, esbarraram-se novamente numa festa gratuita na Praça da República, encerramento do Festival Internacional de Teatro. Da noite, Danilo se lembra que mais cedo havia cheirado

com um casal de amigos, pelo menos quatro carreiras cada um. Compraram ao todo 50 reais próximo aos bares da 408, o *complexo da cachaça*, como dizem. Por isso, estava elétrico e em pequenos saltos perambulava por entre os carros no estacionamento, e às vezes, em direção ao palco, permitiu-se dar inúmeras *estrelinhas*, uma seguida da outra, numa alegria que lhe lembrava a infância. Dançava com seus amigos, dizendo-lhes o quanto se sentia vivo, inteiro, pouco se importando com o estilo das músicas, e ainda menos com os olhares alheios, que de uma maneira ou outra, tentavam avisá-lo de que naquele instante sua conduta era destoante, sua euforia era um tanto despropositada.

E foi dessa forma então que eles novamente se encontraram. Danilo falava muito, sorria e gesticulava amplo, provavelmente arremessando em Laura várias gotículas de sua saliva. Ela também sorria, e às vezes gargalhava, ouvindo supostamente atenta suas inacreditáveis sandices. Do que falou ao certo, Danilo pouco se recorda, exceto sobre o tamanho do pinto, um papo estranho, de que se envergonha. Diz que já se esforçou muitas vezes para lembrar-se do que falava, mas nada; não está certo se brincava dizendo que seu pinto era muito grande ou muito pequeno.

Fato é que agora, de volta ao *Cafaf*, eles estão ali novamente, a cinco ou seis passos um do outro, talvez. E coisa de um ano se passou. Hesitante, Danilo a observa, imaginando um assunto, um tom agradável, um tipo de conversa possível. No mesmo instante em que Laura o nota de soslaio e finge que não o viu. Mas Danilo percebe, e ela sabe que ele percebeu. Danilo prossegue, passa ao seu lado tendo como desculpa os amigos, que o aguardam mais à frente. Antes de passar por Laura, ele, sem muito pensar, mantém seu foco, até o último instante, nos olhos dela. Embora sem saber bem o motivo, não quer correr o risco de informar que foge ao contato, que finge não percebê-la. No instante limite, Laura lhe dirige os olhos e ainda um sorriso amarelo; parece ressabiada, não sabe como proceder. Danilo lhe retribui o gesto, ainda que de um modo chocho e também sem brilho, com a mesma falta de graça com que alguém se despede do porteiro, após receber uma taxa de condomínio. No fundo, ele lamenta um pouco, mas não chega a se sentir mal.

De lá pra cá, por acaso, descobriu, por meio de um amigo, que a menina ali parada, Laura, alimenta uma paixão antiga por um de seus amigos, que por acaso hoje não veio. Quando soube, na época, Danilo se sentiu envergonhado, claro, e um tanto tolo por tudo, embora ninguém tenha percebido. E por tudo isso, ele agora, olhando-a de longe, desdenhe solenemente do desencontro e se conforte secretamente, analisando com calma o que antes

não lhe parecia tão nítido: suas olheiras, a papada, o peso ao redor da cintura, o rosto gorduroso, maquiado, as bochechas já um tanto fartas, e o volume de pele que em pequenas dobras se acumula sobre os cotovelos.

Notando que a cerveja esquentava, Danilo pede um cigarro a um amigo e tenta esquecê-la.

[um sujeito simpático]

Perambulando pela festa, um sujeito simpático. Gordinho, baixo, camisa bege, abotoada até em cima, nenhum pescoço, loiro, calvo, óculos numa armação grande, até as bochechas que são rosadas e a barba ruiva. Está sozinho, e como de costume, caminha pela festa sem rumo. Calmo, sempre muito calmo, a sustentar sua tulipa de chope, metido numa calça cinza, social, uma mão no bolso, tênis preto, sóbrio, de couro.

Pode ser visto quase todos os dias no *Cabiria*, no *Calaf*, no *Balaio* ou *Clube do Choro*, no *Senhoritas*, no *Tartaruga* ou no *Beirute*. Estuda cavaquinho, é funcionário do Banco Central, por isso deixou Curitiba, sua cidade natal. Agora, está de pé, parado, na órbita de uma conversa: um grupo de amigos sentados discute qualquer coisa sobre samba. Ouve atentamente os comentários, por vezes contraindo o rosto em forma de riso, ou então de reprovação; e às vezes, quando discorda, olha pra cima, e por alguns segundos deixa a conversa, arquitetando consigo algumas considerações. Feito isso, retoma o papo, inclui um novo riso, um olhar para o lado, e já não se interessa pelos comentários. Deixa a conversa sem que seja percebido.

[um encontro por acaso]

Duas mesas à frente, no espaço destinado aos fumantes, uma jovem esbarra em um rapaz que lhe parece conhecido. No mesmo instante em que ela o cumprimenta, nota algo de estranho em sua fisionomia. Bruno, o rapaz, oferece um sorriso sem graça, simulado, com um ar de surpresa bem pouco genuíno. Ela não se importa.

Com os cumprimentos, o rapaz permanece parado em frente à mesa. Está sozinho, ao que parece. Ela, por educação, o convida a se juntar ao restante dos amigos: o irmão, um casal de namorados e uma amiga. Expressando um constrangimento protocolar, ele

aceita, senta-se ao seu lado e nada consegue dizer acerca do papo *indie* que estão levando. Divergem sobre a origem da música tocada no momento. *Seria uma banda inglesa ou escocesa?* Esquiva-se do assunto pedindo ao garçom uma água com gás. Dois na mesa sorriem: um pedido incomum.

Conheceram-se por acaso, há pouco mais de três dias, em uma mesa de bar, apresentados por um amigo em comum. Durante a conversa, sentados lado a lado, Bruno sorria nervoso, incapaz de dissimular a sua perturbação. Tanto ele a admirava que ela logo se cansou. Despediu-se repentinamente, achando-o tediosamente simpático. Mas como seu nome era pouco comum, Zione, no dia seguinte ele facilmente a localizou nas páginas do *Facebook*.

Analisando seu perfil com calma, averiguou cada detalhe de sua descrição: suas comunidades, as músicas que ouvia, os autores que dizia ler e todos os amigos que possuíam em comum; leu vários de seus comentários, observando com calma a maneira como escrevia, o tom com que se colocava diante dos amigos, suas ironias, seu senso de humor, sua discrição. E ainda demorou-se mais diante das fotos, admirando em minúcias, repetidas vezes, a pele levemente parda, os olhos grandes e os cabelos negros, cacheados e volumosos. A cada novo detalhe, a imagem que formava dela se refazia em sua cabeça, tornava-se cada vez mais viva, colorida, fabulosa. E foi espiando uma de suas conversas que ele, por acaso, descobriu que hoje ela viria ao *Calaf*. E assim eles se reencontraram.

Na mesa, apreensivo, Bruno pouco se pronuncia. Ouve em silêncio todas as considerações e para cada comentário dela escapa-lhe um sorriso fácil, ao mesmo tempo vago e condescendente, feito uma cortesia. Entre um gole e outro, procura se situar. Ensaia uma intervenção certa, adequada ao tom da conversa, mas é surpreendido pela chegada de outro rapaz, amigo dela. Um jovem de barba e cabelos ruivos, *blazer* preto em risca de giz, simpático e falante, seguro de si, meio que metido a besta, é verdade. Simulando naturalidade, Bruno sorri de maneira amistosa ao desconhecido, mas logo se retrai, notando que a mesa especula sobre sua reação.

Passados alguns instantes, Zione, sentada ao seu lado, como se o esquecesse, volta-se completamente para o novo amigo, o recém-chegado, dando-lhe as costas. Bruno procura audiência, e todos estão entretidos, indispostos a ouvi-lo. Ignorado, ele se recolhe mais, conforta-se sozinho com alguns goles de sua água já quente e umas pitadas do cigarro de palha deixado por ela ao lado do isqueiro. Com o tempo, percebendo que não

colocava de si o mínimo necessário à conversa, sente-se por demais deslocado; parece-lhe impossível permanecer ali. Tentando disfarçar o constrangimento, decide por uma saída discreta; pede licença sem graça, sob a desculpa de que vai ao banheiro, e assim parte.

[a escada]

Na escada que leva aos banheiros, um rapaz magro está parado, na altura do terceiro degrau. Blusa de algodão marrom, mangas recolhidas, listras brancas; as mãos repousam sobre o corrimão amarelo claro, preso à parede, na altura onde se divisa a metade em vermelho de seu restante superior, um apanhado de espelhos gastos distribuídos por ambos os lados até o teto.

No mesmo instante, mais acima, ao final do primeiro lance de escadas, uma jovem também parada, num vestido azul, um *jeans* escuro, cobalto. A barra pela metade das coxas, que são grossas e estão resguardadas numa tênue meia-calça preta, fina, delicadamente rendada. Acaba de sair do banheiro, eufórica e desajeitada. Porém disfarça. Observa, indecisa, o rapaz lá embaixo. Parece surpresa, congelada.

Ele então prossegue em sua direção, sobe decidido o que lhe falta da escada. Aflita, ela arregala os olhos, conferindo ao lado os que passam, e sorri, respirando fundo e relaxando os ombros como se desabrochasse com alguma malícia e uma certa graça. Então se beijam com força, francamente desesperados, como se aliviassem uma vontade antiga, urgente. As mãos dele, dedos curtos e modestos, percorrem com força a pele do seu rosto macio, seu anguloso maxilar; depois, recolhem com calma, por detrás das orelhas, as mechas do seu cabelo escuro, levemente ondulado, e também, sorrindo, alguns precoces fiapos brancos, de tamanho curto, suados; um *chanel de pontas*, como se diz.

Feito isso, ele conforta sua nuca molhada com uma das mãos, enquanto a outra, esquecida, repousa suave sobre a cintura, sustentando ainda o copo de cerveja quente, o isqueiro e um cigarro que estava apagado, tudo a um palmo de onde se começa o vestido, que lhe deixa as costas nuas, ora pressionadas, ora refletidas contra o espelho.

Pronunciam qualquer tipo de acordo, um lugar talvez, baixinho, feito uma prece. Ela suspira confusa, tonta e apreensiva, no mesmo instante em que despeja lentamente seus braços magros sobre o peito dele, segurando seus ombros com carinho. Beijam-se mais uma vez, um abraço breve e forte. Prosseguem sozinhos, em sentidos contrários. Ele, atordoado, em direção ao banheiro.

[diante do espelho]

Na parede estreita que separa a entrada dos banheiros, uma senhora um tanto gorda está sentada. Embaixo da cadeira, um pequeno balde com água suja até a metade, ao lado de um rodo e de um pano de chão imundo. Em cima da mesa, em pequenos montes, maços de papel-toalha ao alcance de todos, para reposição. Talvez esteja perto dos cinquenta. Cabelos descoloridos, num loiro opaco, presos de improviso. Manchas na maçã do rosto, rugas fundas, e na gola da camisa, branca e esfarelada, uma borda escura de suor acumulado na noite. As pernas curtas, esticadas e também cruzadas. Perdidas entre os dedos, amarelas havaianas gastas deixam em contato com o chão um dos calcanhares cinza-escuros, um tanto castigados.

Com o quadril sob a borda da cadeira, como que deitada, com as mãos justapostas por sobre a barriga, ela faz piada com o segurança ao lado, que de leve descansa seu corpo, pelo ombro, contra a pilastra, também espelhada, no outro lado do minúsculo quadrado que serve de circulação. Um sujeito negro, alto, forte e largo, cuja presença é amplificada pelo desbotado paletó azul-marinho que lhe enrijece o tórax, os ombros e os braços. Revezando-se com os demais, porque ali é sempre quente, durante toda a noite cuida para que nos banheiros tudo se mantenha em ordem. Estão sempre a postos se alguém passar mal, também vigilantes para que no interior das cabines não se consumam drogas, e principalmente atentos e acostumados a apaziguar todo tipo de confusão, sejam brigas de brutamontes embriagados, discussões de amigos ou desconhecidos, sejam baixarias entre casais.

No banheiro masculino, dois grandes espelhos, três mictórios e uma cabine que comporta o único vaso sanitário. Diante de uma das pias, que são duas, um sujeito aprecia discretamente sua própria fisionomia enquanto termina de enxugar as mãos, sempre atento à movimentação dos presentes. Naquele instante, apenas um cara está parado diante de um dos mictórios, distraído por um cartaz onde se leem os seguintes versos:

*Era um tal de Oipoema e tchau poema
Que a rima não sabia se ficava ou se ia
E os poetas logo resolveram o problema
Não importa a forma. Faz sentir? É poesia*

Ciente da distração do rapaz, o jovem em frente ao espelho rapidamente ajusta

alguns detalhes: centraliza a fivela do cinto, corrige a altura da calça, ergue novamente os óculos estilo *nerd* e reagrupa alguns feixes da sua franja lisa e escura que estão colados às têmporas, um típico *Pimba*. Notando que outro rapaz ainda prossegue com o poema, ele continua seu estudo e agora encasqueta com o último botão de sua camisa, próximo à gola. Está abotoado, mas parece indeciso e desconfortável. Ao que parece, não quer se passar por padre, e tampouco por *latin lover*. Cuidadosamente, ele o desabotoa, e antes que avalie o feito é surpreendido pela entrada do segurança, que cruza o banheiro até o box, onde agora não há ninguém. Imediatamente ele se recompõe, retoma uma expressão postiça, ao mesmo tempo relapsa e vazia, e se põe mais uma vez a lavar as mãos. Depois, enquanto as seca, decide-se mesmo pelo botão aberto. Faz como combinado, no entanto, cuidadoso, assegura ainda com a ponta dos dedos que a cavidade não se abra por demais. Antes de deixar o recinto, examina sua fisionomia uma última vez, olhando-se nos olhos com alguma sobriedade. Retorna à pista sustentando a mesma expressão.

[O silêncio dos conhecidos]

Perto de uma da manhã, a casa está cheia e muitos, animados e descontraídos, estão na pista aguardando a atração principal. Hoje, *Carioca* é o convidado, *DJ* criador do *Só pedrada*: famoso *blog* que disponibiliza pela internet, de forma gratuita, um imenso acervo digital com as mais variadas pérolas e raridades da chamada *black music*. Por enquanto ele aguarda ao lado do palco, em uma mesa com outros amigos.

Dançando, próxima à mesa do convidado, Luísa, uma jovem, aparentemente bêbada, acena de longe com sua tulipa ao rapaz que do outro lado do balcão solicita uma vodca. São recém-conhecidos, apresentados há três meses por uma amiga em comum, numa exposição dos *Gêmeos*, no CCBB³⁷. Desde então, esbarram-se nos lugares pelo menos uma vez por semana: trocam pequenos afagos, falam sobre o assunto do dia (a secura do ar, os assaltos, a UnB, a falta de opção de lazer na cidade), e por fim, como de costume, despedem-se calorosos, sempre com uma promessa futura, nunca concretizada, de marcarem uma saída por esses dias.

Luísa é uma jovem magra, nariz pontudo, cabelos curtos, lisos, ralos, pernas finas, sapato alto, vestido de um tecido leve, preto básico. Olhar combativo, cigarros, muitos,

³⁷ Centro Cultural Banco do Brasil.

agoniada. Estudante de psicologia da UnB. Ao seu lado, Tadeu, um jovem alto que lhe faz companhia. Cabelos curtos, lisos e claros, os olhos azuis. Corpulento, ligeiramente flácido, *jeans*, tênis sujo, camisa preta básica, no peito uma estampa geométrica. Trabalha com cinema, animação de vídeos, edição de curtas. Tem fama de temperamental.

Rubens, o jovem que pedia vodca no balcão, cruza a pista de um lado ao outro. É também alto, a pele morena, um pouco clara, os olhos tranquilos e educados, como os gestos, um *Olinda life style*. Aproxima-se com um sorriso vago, apreensivo diante da fisionomia de Luísa, que lhe parece ter solicitado sua presença de uma maneira muito diferente da habitual.

Com Rubens ainda distante, esquivando-se das pessoas na pista, a jovem estende o braço e lhe oferece a tulipa de cerveja, dizendo: *Bebe aí!* Como se desconsiderasse sua vodca à mão, Rubens retruca sorrindo, mostrando-lhe o copo, ligeiramente desconcertado. *Bebe aí!* – insiste Luísa. *Não quero! Mas aceito um cigarro, tem?* Ela abre a bolsa e procura o maço; enquanto isso pergunta se os dois já se conhecem. No mesmo instante, eles sorriem, trocam um caloroso abraço e também um forte aperto de mãos. O tom de completa falta de cerimônia faz Luísa crer que são velhos conhecidos, que talvez não sejam poucas as lembranças em comum.

Com o cigarro em mãos, eles deixam a pista. Se aproximam de uma mesa vazia na área dos fumantes. Após o primeiro trago, Rubens pergunta a Luísa sobre uma amiga em comum. Distraída com os que passam, Luísa diz ter ligado mais cedo para ela, que estava desanimada, mas mesmo assim garantiu que viria. Antes de completar a fala, Luísa interrompe a conversa com um grito, avistando outra colega a alguns metros dali. Os rapazes são deixados a sós.

Por certo tempo, mantém-se o silêncio.

Uma menina ao lado, desastrada, deixa o cigarro cair. Enquanto o procura, é observada por muitos dos que estão ali. Os dois em silêncio também a observam, assim como um senhor, que embora aparente mais de sessenta, se porta de maneira orgulhosa, exibindo as vistosas veias do seu antebraço musculoso. O senhor tem os olhos vermelhos, esbugalhados, os movimentos lentos, contraídos, está totalmente centrado no ritual da pequena que, bêbada, em sua pele clara contra a bermuda curta, averigua insistentemente por debaixo das mesas, imaginando para onde teria rolado seu cigarro difícil que acabara de *fiar*.

Entre os rapazes permanece o silêncio. Tadeu, o jovem de cabelos claros, com as mãos no bolso e sem graça, olha para Rubens com um sorriso amarelo, o que precipita o desconforto.

Embora já tenham sido apresentados por diversos amigos pelo menos uma meia dúzia de vezes, e desde então tenham passado a se trombar em inúmeros lugares – casa de amigos, festas e bares –, nunca estiveram de fato a sós; por alguma razão, sempre conseguiram repelir esta situação por meio de uma renúncia discreta, quase sempre atingida pela distração nas conversas alheias, deixando-se levar pelos comentários sempre mais interessantes de outros amigos.

E o silêncio prossegue.

Ainda próximos um do outro, o expediente de um trago parece conveniente. A tonalidade festiva do início do encontro, a estima calorosa dos primeiros cumprimentos, tantas vezes reproduzidos, tudo isso, agora, sumiu, evaporou-se com a mesma velocidade com que foram deixados a sós. Hesitam por um instante em que direção seguir, pois um tom inadequado poderia então revelar ainda mais o fato de que são completos desconhecidos, de que nada querem saber sobre a vida um do outro; nada muito diferente do que experimentam com pelo menos uma dezena de conhecidos todas as noites.

Procurando um assunto, uma solução para o impasse, Rubens se recorda por um breve instante do dia em que, por acaso, os dois assistiram juntos à desclassificação do Brasil na Copa da África. Isso há quase dois meses. Havia marcado o evento em sua casa, um apartamento na Asa Norte que dividia com mais dois. Decidiram chamar uma dúzia de amigos, e cada um deles, seus respectivos convidados. Dessa forma, Tadeu lá chegou quando o jogo já havia começado. A sala estava cheia, a partida empatada, todos tensos e compenetrados. Ele pôs a cerveja no *freezer*, recebeu alguns cumprimentos, fez uns breves comentários e se sentou – provavelmente sem saber ao certo quem morava ali. Com o fim do jogo e o Brasil eliminado, certo clima melancólico tomou conta do ambiente. Alguns se mantinham em silêncio, decepcionados; Tadeu também parecia estar assim, um tanto desanimado com a derrota. E assim partiu, sem falar com todos. Rubens e Tadeu não trocaram um só comentário.

Quinze dias após esse ocorrido, reencontraram-se em uma festa, mais exatamente no banheiro dela. Era a despedida de um amigo que seguia para Argentina com a intenção de ficar por seis meses em Buenos Aires.

No canto da pia, bem próximo à parede, Tadeu se aglomerava com mais três amigos. Um deles, um pouco mais baixo, estava debruçado sobre um balcão de granito preto que servia de suporte às pias. Com um cartão magnético à mão, este jovem concebia cuidadosamente oito delicadas fileiras de cocaína. Tentando conter sua curiosidade, Rubens de longe os observava, enquanto lavava as mãos, simulando nada notar. Para sua surpresa, logo que Tadeu terminou de cheirar a primeira de suas carreiras, ergueu-se em sua direção e disse apontando para a pia: – *E aí, vai?*

Escutando aquilo, Rubens, que já estava bêbado, demorou-se um instante assimilando o que lhe acontecia, nem sequer percebendo o riso que lhe escorria pela face, o que fez com que todos interpretassem como um sim. Retornando a si, sem hesitar, sacou uma nota da carteira, uma nota novinha de 50 reais, e com alguma destreza enrolou-a como um canudo, sem fazer nenhuma questão de olhar. Todos sorriram. Rubens dizia alguns gracejos, guardava o pequeno canudo numa das mãos, enquanto a outra arrumava lentamente uma pequena fileira, que, por educação, fez questão de desenhá-la exatamente como as demais: nem muito grande, nem muito estreita. Então se curvou com calma, tampando uma das narinas com o indicador, e pela outra, onde acomodara o canudo feito de sua nota, aspirou toda a carreira de uma só vez. Feito isso, despediu-se de Tadeu agradecido, de maneira entusiasmada, parecendo até que haviam se tornado amigos. Voltaram para a festa e não se falaram mais. Tudo se recompôs na maneira de antes.

Sentindo que nenhuma dessas lembranças soaria oportuna ou interessante, Rubens desiste de comentá-las, mas resolve romper o silêncio relatando o projeto de um curta-metragem de um amigo que eles têm comum. Sem se preocupar muito com o interesse de colega, Rubens lhe adianta a história, esperando que em algum momento tudo chegue a um bom termo. Tadeu o escuta com calma, não faz comentários, e balança a cabeça duas ou três vezes. Rubens, mesmo descontente, continua a história tentando se convencer de que o monólogo ainda pode se converter em conversa. Tadeu traga o cigarro e apenas concorda com o que ele diz, de maneira vaga. Para a sorte dos dois, Luísa retorna à roda, e antes de falar qualquer coisa, toma Tadeu pelo braço e segue em direção à pista, chamando de longe Rubens que, sem dizer nada, despede-se exibindo o cigarro aceso e a expressão de que pretende ficar por ali. Não mais conversam no decorrer da noite.

[a volta de Bruno]

Ao voltar do banheiro, minutos depois, Bruno, que havia partido constrangido, resolve apoiar-se contra uma parede, a poucos metros de Zione. Com os braços cruzados e uma das pernas recolhida, procura expressar alguma confiança, fingindo distrair-se com as pessoas que passam, sem nunca a perder de vista. Embora não estejam próximos, sua posição é suficiente para que não seja ignorado. Incomodada com a situação e achando-o um tanto bobo por isso, Zione o convida novamente à mesa, agora num tom impaciente, levemente irritada. Bruno se recusa de forma solene, balançando a cabeça, calma e orgulhosamente. Zione não insiste, distraída por outro rapaz, um sujeito alto e corpulento que naquele instante cruza o espaço entre os dois.

É um pouco mais velho, caminha tranquilo e parece estar só, junto ao seu copo de uísque. Cabelos curtos, barba por fazer e um discreto alargador preto em uma das orelhas. Faz mestrado em Direito na UnB, estuda Fenomenologia. Usa uma camisa xadrez em motivos azul e preto, as mangas um pouco abaixo dos cotovelos, de onde se pode ver parte de uma tatuagem de inspiração indígena, algo como padrões circulares em diferentes espessuras. Calça *jeans* escura, as barras dobradas de improviso, um pouco gastas, havaianas brancas. Um típico *Olinda life style*, do tipo que não sorri à toa. Um cara interessante, segundo ela.

Por conta da quantidade de pessoas, a bagunça, o trânsito e o eterno zunido, ou simplesmente por um instante de desatenção, Bruno, que está parado contra a parede, não pode notar o olhar de admiração que naquele instante Zione lança ao sujeito barbudo. Estava distraído, procurando um melhor ângulo. Em todo o caso, isso teria sido o suficiente pra que ele atentasse na barreira estética que os separa. O jovem de barba que Zione agora admira, em nada se parece com ele, que na noite de hoje usa um tênis de academia, uma calça jeans básica e um cabelo que, embora curto, está sem corte; mas é ainda outro o detalhe que mais os distancia: Bruno usa uma enorme blusa branca com estampas de *surf*, dois números acima do necessário, cuja barra avança sobre a calça pelo menos um palmo, impedindo qualquer harmonia. Para Zione, que então se desfazia pelo rapaz mais velho de camisa xadrez, Bruno, recostado contra a parede, em sua pose satisfeita e orgulhosa, não lhe inspira mais do que timidez e insegurança, parecendo-lhe somente um tipo comum e inosso, incapaz de manter uma conversa mais interessante.

E assim eles ficam: o rapaz da camisa xadrez passa, Bruno continua recostado contra a parede, e na mesa, Zione e seus amigos decidem seguir para a pista. É hora da atração principal.

[a pista]

É meia-noite e meia. Ops apresenta o convidado. *Carioca* começa a tocar. Inicia seu *set* Marsalis, trilha de um filme do Spike Lee, *Mo Better Blues*. A pista está cheia. Todos se aglomeram em frente ao palco. Muitos dançam, já descontraídos – alguns desenvoltos, outros desajeitados. Muitos também permanecem parados, ora voltados ao palco, atentos ao som, às luzes, ao *dj*, ora absorvidos pelas *performances* dos mais desajeitados na pista.

Ao lado do palco, bem próximo aos organizadores, Luana, a menina da fila com a flor no cabelo, se diverte. Braços erguidos, olhos fechados, sorrisos, cara de satisfação, pouco lhe importa o que se passa ali. É o que entende por *sensualizar*. Volta e meia abre os olhos, notando, quando sente que não é percebida, um amigo alto que está em sua roda. Luísa dança com mais três amigos: este jovem alto, que é magro e também barbado, uma jovem bailarina, séria e também bonita, e seu colega de entrada, aquele que fumava um cigarro de *mama cadela*.

Este mesmo jovem alto, por ela cobiçado, parece não notar suas investidas, que são discretas. Por conta disso, Luísa pressente que hoje ele não está de papo. São amigos desde o segundo grau, estudaram no Sigma e já ficaram muitas vezes, algumas realmente divertidas, mas até hoje, no fim das contas, nada de mais. Poderia ficar com ele hoje. Não sabe ainda. Não quer arriscar. De vez em quando, observa a outra menina, também sua amiga, muito discreta e cobiçada. Bailarina de dança contemporânea. Longas pernas, *legging* preta, havaianas, cintura fina, seios fartos, uma camiseta justa de alcinha, pele branca, ombros torneados. Uma pequena faixa colorida sobre os cabelos pretos, lisos. Move-se à vontade, leve, tranquila, acostumada.

Na borda do palco, vinte ou trinta dos mais divertidos, dispostos em pequenos grupos, suados e entretidos ao som de *Jackson Five*. Entre estes, um grupo de amigos, ao que parece, de trabalho: jovens burocratas, mangas recolhidas, desabotoadas, coreografias, gracejos, cervejas importadas. Uma noite feliz em suas vidas... Perto deles, coisa de dois

passos, um cara sozinho, loiro, magro, muito mais alto do que os demais, todo de preto: sucessivos pulinhos, balançar de cabeças, socos no ar. Toma da pista um considerável espaço. Partiu de uma cidade do interior de Minas, pois a julgava pequena, provinciana demais. Queria ser artista. Leva a vida como garçom; faz *performances*, pequenos bicos, fotografa, tem um *blog* para suas poesias e sempre confecciona fantasias para sair à noite.

E em meio a rebolados e sacolejos, um garçom tenta cruzar a pista; com o braço erguido equilibra a bandeja com uma das mãos. Sobre ela, uma porção de quibes, dois copos com gelo e uma garrafa de uísque pela metade. Prossegue pelos descontraídos, protegendo-se com o antebraço, às vezes pronunciando amistosos e inaudíveis pedidos de desculpas.

Ainda entre os mais festivos, do lado esquerdo do palco, outro pequeno grupo: três amigas *hipsters* se divertem sozinhas. Aparentam pouco mais de vinte. Altivas, risonhas, num entusiasmo só. Gestos, coreografias, inúmeras brincadeiras entre si. Vestem-se de forma parecida. Uma delas, a mais baixa, tem o cabelo curto e repicado, a franja cortada em V, usa uma sapatilha preta, discreta, uma bermuda *jeans* desbotada de cós alto, modelo *anos 80*, uma camiseta fina, de alças estreitas, folgada, amarelo vivo, fluorescente, típica dos *anos 90*.

Logo atrás delas, certa aglomeração de homens solteiros, quase todos parados, lado a lado, ocupando a pista de uma borda à outra, como um cinturão. Um deles observa a baixinha, de camisa fluorescente. O jovem mantém os braços cruzados e as mãos abertas escondidas sob os sovacos. Faz cara de intimidador. A menina baixinha, entretida com as colegas, está de costas para o rapaz e não o nota. Ele se aproxima, chega mais perto, até que eles possam se tocar com os braços, pelos cotovelos. Faz tudo sorrindo. Mas ela se afasta, finge não haver notado. Ele não liga; abusado, olha para os amigos a achar graça e prossegue orgulhoso em sua direção. Ela se intimida, olha pra ele, rapidamente, depois às amigas, e acena, discreta, revelando seu desconforto. As outras sorriem e se entreolham.

Com isso, o rapaz chega mais perto, quase encostando seu rosto contra a nuca da baixinha: quer se fazer sentir pela respiração. Então ela se contrai de susto, com cara de insatisfação. Olha para o lado, e ele logo a segura pelo braço. Nisso, uma das amigas cruza a roda e a toma pelo braço, pondo-se a dançar por entre eles. Elas se abraçam, sorrindo, um comentário no ouvido e uma gargalhada. Mas o jovem se aproxima, não cede, e em tom de deboche diz alguma coisa no ouvido da outra, que acaba de se aproximar. As duas então se

beijam, a baixinha mantém os olhos abertos, não consegue conter o riso. A outra, mais à vontade, aproveita para tirá-las dali. O rapaz solta um grande riso, olha para os amigos, que perto dali acompanham a cena. Parece surpreso, nervoso, e ao mesmo tempo, excitado. Numa última tentativa, ele se aproxima mais uma vez; elas se indignam, reclamam qualquer coisa e seguem em direção ao banheiro. No caminho, gargalham, com as mãos recobrindo a boca. O rapaz apenas olha para os amigos com deboche, levantando os ombros com cara de quem não entendeu.

[de volta a Zione, a jovem procurada pelo *facebook*]

Há dois metros dali, a jovem e seus amigos esboçam alguns poucos passos, retraídos como tantos outros. Entre os amigos, nem todos resolveram beber, e a festa custa a se tornar divertida. Zione procura discretamente o rapaz de camisa xadrez, mas não o encontra, porém nota que a sua frente, a poucos passos, Bruno, o jovem da longa camisa branca, se diverte.

Ele dança sozinho: movimentos amplos, ríspidos, ágeis, olhos fechados, testa suada e um sorriso intrigante, pouco compreensível; move-se com tanta desenvoltura que é impossível não notá-lo. Há quem o observe com um sorriso de espanto, outros de soslaio; alguns, franzindo a testa, dão-lhe as costas, fazendo de conta que não o notaram.

Percebendo que é observado, Bruno imediatamente aborda seus espectadores com um entusiasmo: *Sonzeira, não?! Alguns balançam a cabeça, um tanto sem graça. Há um certo mal-estar discretamente compartilhado, como se sua conduta fosse inadequada, acima do tolerável, feito uma alegria inconveniente. Assim como os demais, Zione também está incomodada, sentindo por Bruno certa vergonha e ao mesmo tempo uma espécie de alívio por haver recusado um envolvimento maior, o que lhe pareceu precipitado.*

Achando a música tediosa e as pessoas um tanto desinteressantes, o grupo de amigos resolve deixar a pista. Lá fora, após alguns cigarros e uns poucos comentários frívolos, concordam, pouco entusiasmados, em voltar para a pista, onde a música ainda lhes soa tediosa e as pessoas, cada vez mais desinteressantes. Como num discreto ritual, repetem o vai-e-volta pelo menos três vezes, e finalmente cogitam ser hora de partir. Argumentam que *a festa não está muito para eles*. (Ou que talvez eles não tivessem bebido o suficiente.) Todos se dirigem à fila do caixa: é preciso acertar a consumação.

No trajeto, Luísa percebe que é observada por diversos rapazes, muitos orgulhosos em suas regatas justas, com músculos aparentes. Simula ignorar os olhares sobre seu corpo, acometida, segundo ela, por um desconforto recorrente, como se sua presença naquele instante não representasse mais do que uma peça de carne exposta numa vitrine de açougue.

São quase duas da manhã. Com a bebida, todos já estão descontraídos. Ela bem sabe que uma hora dessas, se assim desejasse, facilmente encontraria alguém para terminar a noite: trocaria alguns beijos, risadas, um pouco de conversa mole; quem sabe, com alguma sorte, uma boa noite de sexo. E seria tudo, como por tantas vezes o foi. Mas hoje está sóbria, e apesar da carência, não vai se dispor a isso. Não porque seja pudica ou em alguma medida recatada, apenas por desgosto mesmo, uma espécie de desânimo, difuso, ultimamente experimentado. Claro que nem sempre foi assim.

Há pouco mais de dois anos, traumatizada, Zione terminava seu namoro, o primeiro, que a acompanhara desde a adolescência. Sua vida amorosa nunca mais fora a mesma. Na ocasião, sentiu-se arrasada com a falta de tato de seu então namorado, que cometera o imperdoável descuido de ser encontrado aos beijos com outra garota, justo na semana seguinte à morte de seu pai. Magoada com o desfecho da relação e com o falecimento do pai, por quem nutria uma admiração fora do comum, procurou dar um novo rumo às suas relações, com envolvimento leves, breves e despreziosos.

E os meses se seguiram assim: foram diversas as festas, os porres e os singelos bacanais. Aos poucos, contabilizou uma extensa lista de pessoas beijadas, *amassadas* e levadas pra casa. E os motivos se tornaram cada vez mais simples: ficava porque queria, porque havia bebido ou porque estavam ali; porque era tranquilo, já se conheciam e tudo se acabava ali; enfim, ficava. Foram dias intensos, histórias inesquecíveis. Esteve com homens, mulheres, amigos e amigas, desconhecidos, e, por vezes, ao mesmo tempo, com mais de um.

Desde então, nunca mais se apaixonou, e pouco desejou namorar alguém, embora tenha cogitado algo, por um breve tempo, com uma de suas amigas – *Mas não era pra mim* – revela. – *No fundo, penso que nunca senti tesão por mulheres. No início era uma euforia, me sentia mais interessante, acho que mesmo aos olhos dos homens; sentia que com outras mulheres conseguia me colocar numa posição de poder, no ataque, segura pra fazer o papel do cafajeste, do conquistador barato. Algo difícil pra mim, diante de um*

homem.

Hoje não há tanto entusiasmo em suas lembranças. No início, sentia-se orgulhosa com seus feitos, com a maneira divertida que sua geração havia encontrado para realizar seus desejos sem tantas cobranças ou falsos pudores. Tudo assim lhe parecia, até se tornar alvo, como várias de suas colegas, dos maliciosos comentários de seus próprios amigos, muitos, inclusive, com os quais já havia *ficado*. De alguma forma sentiu-se traída e um tanto ingênua por ter acreditado que viveria muitas de suas fabulosas experiências isenta dos julgamentos alheios, em uma confortável atmosfera de liberdade e aceitação.

Cansada de tudo, passou um ano na Europa, custeada por uma bolsa de estudos da UnB, fruto de um convênio com uma universidade inglesa. Viagens, comidas, novas desilusões amorosas, e mais comida. Engordou, o que também a deixou deprimida. Voltou ao Brasil. Faz tempo que não se envolve com outra pessoa. Aos poucos, passou a entender que muitos daqueles dolorosos e levianos comentários de que havia sido alvo eram, na verdade, como que protestos cheios de maldade e ressentimento de um ou outro de seus colegas, que porventura, frustrados em seus desejos, foram incapazes de compreender que aqueles breves envolvimentos, para Zione, na maior parte das vezes, não passavam de brincadeiras.

Já emagreceu, mas a melancolia e certa desesperança permanecem. Alimenta meio em segredo o desejo sincero de se casar, ter uma casinha e filhos para criar – em grande parte, talvez, pela beleza que lhe parecia a relação dos pais. Mas pouco fala sobre isso, já não se arrisca a levar o sonho muito a sério. Suas considerações estão repletas de ironias, comentários duros, quase sempre ásperos, como se neste período de incertezas seus dias não tivessem mais do que o sabor amargo da monotonia da vida cotidiana.

[Fim de festa]

Duas e quinze da manhã. O frio toma conta de tudo, a pista está quase vazia. *Carioca* terminou seu set e outro *dj* da casa segura as pontas até os últimos partirem. Quinze pessoas ainda dançam; três mesas ocupadas. Lá fora, na área dos fumantes, duas dezenas de pessoas esticam o papo.

No canto da pista, ao lado do palco, Luana insiste em seus últimos passos. Próxima ao grupo de amigos, os quatro, cansados, ela observa mais uma vez um outro amigo,

aquele mais alto, barbado, sobre quem alimentava esta noite uma expectativa discreta de ficar. Agora, ele já não dança, conversa com a outra amiga, a bailarina, que está recostada contra a pilastra, de costas para a pista: o olhar fixamente à frente, distante, perdido, às vezes acompanhado por um riso sério, irônico ou descontraído. Escuta os comentários dele, que está ao seu lado, com a face próxima ao seu ouvido, a garrafa de cerveja na altura do peito e o antebraço contra a pilastra, um pouco acima de sua cabeça.

Observando de longe, discreta, Luana diz a outro amigo que deseja sair; quer se sentar, fumar um cigarro, o último. Dá alguns poucos tragos, suspira um lamento qualquer, impreciso; abatida, quer ir embora. Pede desculpas ao amigo pelo inoportuno desânimo. Já é tarde, está cansada, explica que precisa ir, amanhã é terça, entra no trabalho ao meio-dia.

Antes de seguir, avista mais uma vez o casal de amigos na pilastra: estão se beijando. Luana precisa se despedir. Preferia sair sem falar nada, mas sabe o quanto poderia soar ofensivo, indelicado, uma atitude meio infantil. Volta-se para o amigo próximo, pede mais um trago e aguarda um pouco. Assim que se faz possível, caminha em direção ao caixa, passa pelos dois tentando expressar a mais tranquila naturalidade, disfarça o repentino desânimo, insiste que está cansada, com sono, que é hora de partir. Diz tudo num tom solene, falsamente altivo, quase carinhoso. Os dois meio que não se convencem, mas tentam não expressar isso; lamentam sua partida, falam com um certo cuidado, sabem muito bem o que se passa ali, pois todos já estiveram do outro lado. A bailarina abraça Luana. Com calma, sem gracejos, sem comentários inúteis. Logo em seguida o rapaz, seu amigo. Ele lhe dirige um olhar de cumplicidade, como se solicitasse a ela que o compreendesse. E é isso.

Luísa segue em direção à fila. Ali, parada, tenta contornar seu desconforto, imagina que isso é normal, que as coisas são mesmo assim em Brasília. Além disso, esforça-se para se lembrar de que não é mais uma garotinha, e que talvez seja preciso praticar mais o desapego. Feito isso, pensa nos dois caras com quem anda saindo: histórias sem euforia, sem confusões, confortáveis tanto quanto previsíveis, que volta e meia trazem um sentimento de vazio. Lembra-se também de alguns sonhos, do prazer que sente pelas coisas que faz sozinha, solitários projetos, solitárias ambições. Reforça consigo o sentimento de que as coisas devem se manter assim. Detesta imaginar-se como uma dessas mulheres deprimidas que, cada vez mais perto dos trinta, não pensam em outra coisa senão arrumar um marido, ou ainda, um pai para os seus filhos.

Antes de chegar em casa, pensando um pouquinho, decide mandar uma mensagem a um dos rapazes com quem está saindo. Envia um sucinto *Sinto saudade*☺. E dorme, como que satisfeita.

[e o jovem da longa camisa branca]

Ainda na festa, no espaço dos fumantes: Bruno, o rapaz do início, em sua longa camisa branca: está curvado, suado e exaurido. Com as mãos dispostas sobre a borda da mesa, observa distante os casais e algumas meninas que ao final da noite estão sozinhas. Duas destas param em sua frente, fumam um cigarro e gargalham nervosamente. Fogem de um cara bêbado que ali ao lado as perturbava. O cara dizia a uma delas: *Eu sei que por trás dessa carinha de menina encontra-se uma gata felina!* (sic) Partiram sem dizer nada. Não era bem o que desejavam ouvir.

Bruno acompanha suas reações de longe. Faz algumas tentativas de encontrá-las com o olhar, em vão. Sente-se sozinho. E está mesmo só, desde o término de um namoro antigo, isso há mais de seis meses. Tenta não pensar nisso, seria pior. Vai até a grade, próxima aos banheiros improvisados lá fora, e observa a movimentação da polícia. Pretende ir ao carro, pegar um baseado que preparou na véspera, antes de entrar. Mas por enquanto, aguarda. Retorna ao bar e pede ao garçom outra bebida: água tônica. Deixou de tomar cerveja nas festas desde que teve sua carteira apreendida numa *blitz*. Hoje, contenta-se em substituir o álcool por um *quartinho de doce*³⁸.

³⁸ Uma dose moderada de ácido lisérgico – ou *LSD*.

Quarto Capítulo

[Não tocamos Lady Gaga! Favor não insistir!]

...sairia assim para talvez umas dez festas ou mais na temporada sem sentir nada fora do comum, ou apenas remorsos sentimentais e o desejo de belas imagens – como aquela cerejeira em flor – estagnando-se nele o tempo todo, sem a menor alteração, uma espécie de superioridade em relação ao circunstante, uma impressão de recursos inexplorados, que o mandava de volta para casa insatisfeito com a vida, consigo mesmo, bocejando vazio, volúvel³⁹.

[uma senhora aborrecida]

Sob o olhar curioso de uma senhora, aborrecida em sua janela, dois carros de polícia põe fim ao congestionamento formado numa superquadra do início da Asa Norte. Um motorista transformou em vaga o único retorno ali existente. O refletor da viatura ilumina a estreita via ainda molhada de chuva, completamente preenchida por veículos de jovens à procura de vagas.

Da janela do quarto onde agora dorme a irmã mais velha – há dois anos na cama, vítima de um derrame cerebral – , a senhora, perto dos oitenta, ritualmente acompanha a chegada dos visitantes. Além das risadas, das cores fortes, dos cabelos esquisitos, observa também, abismada, alguns dos meninos, excessivamente magros, suas roupas justas, a fumaça dos cigarros, e repara ainda, de um modo mais cuidadoso, nas meninas, que nesse frio estão nas ruas em minissaias reluzentes: *cada vez mais curtas*, pensa. Nunca usou uma.

Era desejo da família que se tornasse freira. Vivia em Senador Pompeu. Antes de completar os 18 , despediu-se de tudo, apaixonada pelo namorado, até então secreto. Isso num dia em que o circo visitava a cidade, sob a desculpa de que ia só ali, comprar algodão doce e um salgado. Foi seu único marido, o único com quem se deitou. Fugiram do Ceará para Boa Vista, Roraima, em meados da década de 40. Formaram família, treze filhos, até que ele morreu, enlouquecido que andava, desde que voltara da guerra, *uma batalha no Atlântico contra os alemães*.

³⁹ Este trecho foi retirado de um conto de Virginia Woolf, Juntos e à parte, de onde também retirei o título para este trabalho. (WOOLF, 2005).

Passados alguns anos, pensionista, mudou-se para Brasília, por vontade dos filhos. A mais velha tornou-se freira, hoje é madre e há 25 anos salva almas em Moçambique. No apartamento, além da irmã no quarto, a senhora vive também com outra filha, para lá dos 50, funcionária pública, jamais casada; e mora ainda com uma das netas, acima dos 30, estudante de medicina, divorciada pela segunda vez, cujo pai, o filho mais velho da senhora, completou agora duas semanas numa UTI, isso pela terceira vez.

É doente cardíaco, está todo entubado. Sonolento e resignado, pede pra ver os amigos, quer se despedir. Além de filho mais velho, por duas décadas foi também o mais rico: um simpático e generoso dono de garimpo no Amazonas. Um cabra festeiro. Todos os sobrinhos achavam o máximo ter um padrinho que custeasse as férias, vez ou outra para o Caribe. Hoje não lhe restou muito, perdeu quase tudo na tentativa de um negócio ambicioso. Junto a dois amigos, também donos de garimpo, venderam quase tudo para comprar uma parte do território de um povoado indígena na Venezuela. Dois milhões de dólares foi quanto se pagou na época. Esperavam lucrar com isso revendendo-o a uma exploradora de minério francesa, que, por sua vez, possuiria tecnologia suficiente para lidar com a terra. Nesse ínterim, Chávez foi eleito, proibiu-se então a exploração do solo por empresas internacionais. Ficaram sem o dinheiro, sem o negócio, e as terras, estão perdendo aos poucos, por inadimplência, para o governo. Por conta disso voltou para a casa da mãe, em Brasília, e há dois anos trabalha com mudança: é motorista de um caminhão emprestado, propriedade do genro, ex-marido de sua filha.

Mas neste instante, a senhora não pensa sobre essas coisas. Está entretida com o papo dos policiais. Especulam com os vigias dos prédios sobre os guardadores de carro: quais seriam os moradores de rua? Quais os traficantes?

Com tempo, as pernas se cansam, volta pra sala, novena na tevê: um copo d'água por sobre a mesa, que será abençoado pelo Marcelo Rossi. Os policiais caminham tranquilos por entre os prédios, enquanto os carros não param de chegar. Às dez e meia de uma noite fria de quarta-feira, todos procuram o mesmo destino.

[o espaço]

Do estacionamento da quadra à comercial, um pequeno gramado umedecido, alguns arbustos, árvores grandes, bem copadas, tudo modestamente iluminado pelo que

escapa da luz do telão de um dos restaurantes mais próximos. Jogo de futebol. Desde os blocos residenciais é possível ouvir o burburinho dos presentes: gritos agudos, risadas altas, uma pequena multidão de jovens que toda quarta-feira ocupa metade da pista em frente ao segundo bloco do comércio local: o Balaio Café.

Um mistura de bistrô, cineclube, espaço para exposições, ponto de encontro de coletivos culturais: poesia, *performance*, artes plásticas e ativismo político. Durante o dia, funciona também como restaurante *self-service*: R\$ 33,90 é quanto se cobra pelo quilo; muito frequentado pelos servidores da Esplanada. À noite, uma programação diversa: rodas de samba, choro, *indie rock*, *jazz*, ritmos latinos, *soul*, *samba-rock* e músicas do leste europeu. Sua idealizadora, uma jovem jornalista, filha de donos de restaurante, é também ativista da cultura candanga e foi cinegrafista das manifestações em Brasília do Movimento Passe-Livre.

A luz do poste ao lado do comércio está apagada. Na entrada, lâmpadas vermelhas e amarelas fazem a iluminação. Cerca de trezentas pessoas estão ali. Algumas sentadas nas poucas mesas, não mais que vinte. E ao redor do bloco, a maior parte esta de pé. Muitos estão próximos à pista, por entre os carros estacionados, outros pela calçada ou na minúscula escada, enquanto a maioria está acomodada na lateral do prédio, num cimentado jardim enfeitado apenas por duas palmeiras pequenas que divisam o espaço com o bloco ao lado.

[pessoas]

Dezenas de grupos justapostos, pequenas rodas, três a cinco pessoas em sua maioria. *Cults*, *hipsters*, *burguesia folclórica*, *Olinda life style*... Um denso zunido, frases entrecortadas, gente conhecida, encontros, muitos cumprimentos (– *E aí!* – *Quanto tempo!* – *Olá!*), poucas apresentações. Gente sorrindo, fumaça de cigarro. Mesmo com frio, cada qual tem sua cerveja; somente *long necks* são vendidas.

Pela calçada, uma jovem caminha, estudante de artes plásticas. Encontra um amigo: um apertado abraço, carinhoso. Usa uma bata leve de algodão branco, fino, um *short* curto, *jeans*, velho e desfiado, e sandálias de couro, compostas em pequenas tiras. É baixa, pele morena, dourada, olhos escuros, doces, grandes. A fisionomia de quem está sempre a disfarçar lágrimas. Formosa, enquanto fala, deixa que as mangas da bata lhe cubram os

punhos até os dedos. Tem os cabelos negros, lisos e curtos, meio arredios, graciosamente desajeitados, como que de improviso: meia dúzia de grampos com pressa, sem ensaio, pouco antes de sair. Modelador, *mousse*, gel, controle de *frizz*, *spray* finalizador. Trinta minutos em frente ao espelho e pronto: o meticuloso improviso.

Perto dali, parada, outra jovem, sozinha. Taça na mão, 27 anos, aguarda alguém. Inspecciona todos os trajes e também os caras bonitos, como se estivesse solteira. Tem qualquer coisa de *hipsters*, é dona de boutique, um brechó na verdade. Provavelmente estudou moda em alguma particular em Brasília. Saia de veludo escuro, camisa social, mangas recolhidas, salto alto, uma minúscula bolsa preta de couro pendurada ao ombro por uma correntinha um tanto grossa e dourada: última tendência *retrô*.

Uma relação confusa com seu ex-marido, traição, divórcio e brigas. Dormem juntos, casas separadas. Ele só fica com a filha quando quer. A criança dorme agora na casa de uma amiga, ela explica: *uma vez por semana eu preciso sair*. Tem dois anos. Aos finais de tarde, após a creche, onde a menina passa todo o dia, gosta de levá-la ao *McDonald's*. Ali: uma latinha de *Coca*, um *Marlboro*, batatas fritas. Costuma espiar a filha de longe nos parquinhos, sempre absorvida pelo encanto de um balde, uma pá, um graveto, ou mesmo uma casca de cigarra ressequida, ou ainda por um boneco qualquer a tiracolo, como um daqueles brindes que se recebe na compra de um *McLanche Feliz*.

Um pouco à frente, sentados próximos ao meio fio, três amigos conversam. Um deles observa à namorada, uma jovem que não muito distante, sorrindo, acompanha o papo em uma roda de mulheres. Sem tirar os olhos dela, o jovem, antropólogo e herdeiro de fazenda, comenta de forma irônica e descontraída: *Agora só faço programa de lésbica!* Ele se refere às amigas da namorada, que há pelo menos um ano, habituaram-se a fazer quase tudo juntas: encontram-se nas noitadas, organizam churrascos e volta e meia viajam para São Jorge ou Cavalcante.

Próximo ao canteiro que divide os blocos do comércio, duas jovens conversam. Uma delas, apoiada em um pequeno poste de luz, compartilha com a amiga uma enorme taça de vinho, vendido em caixas como as de leite, servido a seis reais. São jornalistas. Uma delas, contratada por um jornal há pouco mais de um ano, enquanto a outra, recém-formada, acaba de chegar de uma curta estadia em Buenos Aires. Após quinze dias de viagem, voltou encantada com a cidade, impressionada com seu baixo custo de vida. Não se cansa de falar das pessoas bonitas, dos vinhos baratos e dos grupos de *jazz* que lá se

apresentam ao ar livre por todos os lados. Como muitos de seus amigos, retornará. Planeja ficar na Argentina mais um ano: *Vou fazer uns cursos, ainda não decidi o quê*. A outra, apreensiva, sonha em fazer um mochilão pela Europa, sem data prevista de volta. No entanto, teme a reação dos pais, que esperam que ela passe, o quanto antes, em um concurso público e desfrute, assim como eles, de uma invejável estabilidade financeira. Nada mais longe dos seus planos.

Numa das mesas, próximo à escada, três amigos. Duas garotas e um rapaz. Uma delas está de pé: corpo esguio, pele clara, o joelho delicadamente apoiado sobre o acento da cadeira. *Cult* em tudo. Sapatilhas de *Poá*, saia lisa, cintura alta, camiseta sem mangas, sem decote, de cetim. Palma da mão sobre a cintura. Um sorriso grande, lábios vermelhos, e presos aos cabelos pretos, grandes óculos escuros como os de Audrey Hepburn. Acaba de se formar em Cinema. Comenta sobre seu casamento, que está próximo. Conta que pediu ao pai uma cerimônia simples, poucos convidados, discreta. *Não queria me estressar*, explica. *Nem gastar dinheiro*. Em tom de orgulho e falsa naturalidade, insiste com os amigos: *Vocês vão, né, gente? Quero todo mundo lá, viu? Em novembro*.

Dizem ter sido uma cerimônia bonita, em Nice, ao sul da França.

[um senhor]

O café tem um espaço correspondente a três lojas, cada uma delas com seu respectivo subsolo e pavimento superior; são todas interligadas, e juntas correspondem a pouco mais de um terço do prédio. À noite, no bloco, somente o café fica aberto, e nas janelas das quitinetes de cima há quase sempre um anúncio de aluguel.

Na entrada principal encontra-se o caixa, seguido por uma vitrine de doces, e logo depois, por um balcão onde são servidos os drinques: R\$ 14,90 é quanto se cobra por uma dose de *Jack Daniel's*. Atrás do balcão, uma máquina de café expresso, vermelha, italiana. Ao lado, um indiscreto quadro com ímãs de geladeira à venda: Marlon Brando, James Dean, Amy Winehouse, Marilyn Monroe, Bjork, Michel Jackson e, claro, Audrey Hepburn. Todos em poses célebres ou indiscretas, recortes de uma revista qualquer, confeccionados à mão por um excêntrico senhor, para lá dos 50, que acaba de deixar o banheiro.

Um pouco depois da porta, ele aguarda. Permanece parado, em silêncio. Espera que a aglomeração à sua frente lhe dê passagem. Fita-os numa falsa impaciência, distante,

como se observasse a todos e a ninguém. Espicha o corpo atlético por completo, de modo que o chapéu, levemente inclinado, parece estar prestes a cair. Tem uma das mãos no bolso. Traja uma calça *jeans* escura e apertada, e óculos de armação grande, transparentes, em acrílico. Muitos o observam. Dois lhe concedem passagem. Solene, aguarda um pouco, como se valorizasse o instante. Então prossegue. Caminha com lentidão, esticando bem as pernas. Faz questão de tocar ao chão, meticulosamente, cada centímetro do solado novo de sua bota de vaqueiro, uma estampa de oncinha. Diante das pessoas, ergue os antebraços; parece resguardar o peito com as mãos, que agora estão protegidas por luvas brancas, detalhadas, cujos dedos estão à mostra, inclusive o mindinho, desesperadamente tenso. Antes de completar o percurso, notando alguns risos incontidos, resolve desfilar. Com um sorriso sarcástico e as mãos na cintura, realiza um pequeno giro em torno do próprio eixo, exibindo aos espectadores seu indiscreto cinto, onde se pode ler na fivela: *I Love My Penis!* E sai, como que satisfeito com a noite.

[um casal]

Próximo ao balcão de bebidas, duas filas em sentidos contrários. Alguns vão ao banheiro, outros aguardam para comprar bebida. Dali é possível ouvir, quase no mesmo volume, tanto as conversas vindas da rua, quanto o barulho das caixas de som na pista de dança do subsolo.

Debruçado sobre o balcão, um jovem entrega as fichas ao barista, pede um *mojito* e uma batida de frutas vermelhas; está acompanhado. Ele, estudante de artes visuais, ela, de desenho industrial. Dois pequenos *hipsters* de uma espantosa magreza, inquietos e extravagantes, acabam de passar dos 20. Ele usa óculos enormes de armação escura, estilo *nerd*, e uma camisa muito decotada, de modo que além de seus poucos pelos, é possível também enxergar alguns dos pequenos sulcos que se formam em suas costelas.

Conversam de maneira íntima. Ela o abraça pela cintura, ele lhe elogia os cabelos: um novo corte, em parte, curto, com uma das laterais raspada. Enquanto se fazem graça, pequenos mimos com a ponta do nariz, a menina lhe conta sobre a chegada de sua esperada encomenda. Recebeu pelos Correios um tênis novinho, comprado pela internet de um *blog* paulista. Um modelo colorido, em couro, cano-longo, uma releitura inspirada nos *skatistas* norte-americanos da década de 80. Alheios ao barista, que escuta tudo, o casal prossegue:

Jura! É esse? Ele aponta para os pés dela. *Gente! A-do-rei! Quero usar. Me empresta?* Ela nega, brincando. Ele insiste com afetação: *Ah, meu bem, me empresta, vai?! Ou então devolve o meu!* Eles riem, e com a cabeça, ela acena que sim. *Ai! Ar-ra-sou! Beijo, beijo, beijo...*

Enquanto se beijam freneticamente, o barista, que então cortava as frutas, contendo o riso, inspeciona rapidamente a aparência dos dois. Além da magreza, dos trejeitos com o corpo e da voz afetada, nota nele também o alargador, a bermuda *jeans* curta e a carteira de *Lucky Strike* na mão. No mesmo instante, olha também para a menina: seu cabelo curto, o topete com gel, a lateral raspada, a calça *jeans* justa e os tais tênis encomendados. Ao se virar para pegar gelo, ainda segurando o riso, ele comenta com o caixa ao lado: *No tempo do meu pai, homem casava com mulher e mulher casava com homem; hoje em dia, eu até entendi que mulher namora com mulher e homem com homem. Agora, esse negócio de gay namorar com mulher e de lésbica namorar com homem, isso eu nunca tinha visto, não!!!*

O caixa não lhe dá ouvidos, atento ao dinheiro que conta.

Prontinho! Entrega as bebidas.

[o barista]

Não é todo dia que ele trabalha ali. Hoje faz apenas um bico. Duas vezes por semana – 50 reais por noite, mais o lanche e a passagem, das 17h às 2h da manhã. Mora no Joaquim Roriz, há 30 km do Plano Piloto, pouco depois de Sobradinho. Chegou a Brasília há quatro anos, tinha 18, um emprego arranjado pelo primo, que já morava aqui: auxiliar de serviços gerais numa boate na Asa Sul. Antes de partir, era borracheiro, consertava pneus no interior do Maranhão, *era melhor do que quebrar pedra*, seu primeiro emprego, época também em que tapava buracos na estrada com o irmão, tudo em troca de uns trocados dos viajantes, *mas isso era só nos fins de semana, eu precisava estudar*.

Na boate em Brasília, fazia de um tudo como auxiliar de serviços gerais. Sempre ágil, prestativo e bem-humorado. Com seis meses foi promovido, após uma noite inusitada. Um expediente como outro qualquer, tudo ia bem, a festa lotada, até que às duas da manhã a fossa improvisada no banheiro masculino transbordou. O cheiro tomou a pista. *Tinha merda pra todo lado*. Com o gerente desesperado, ninguém sabia o que fazer. Pegou um arame, um balde, improvisou nos braços uma proteção com sacos de lixo, *deixa eu ver isso*

aqui...

Três dias após o feito, já tinha um novo cargo, auxiliar de barista, e foi tanta a dedicação que um tempo depois lhe pagaram o curso completo, virou barista. *Já é uma profissão, né?* Passados alguns meses, deixou a boate. Agora, trabalha em dois cafês, e sempre que pode faz uns bicos.

Num dos empregos, o único em que lhe assinam a carteira, gosta de estender a conversa com uma das caixas, uma menina bonita, que ultimamente anda solteira. Ao final do expediente, ficam de papo pelos cantos. Ele, malandro, é todo sorriso, fingindo que nada acontece, enquanto ela, por cima dos saltos, lhe fala séria, perguntando sobre que dia eles realmente vão sair. Diz tudo numa malícia só, contida, desferindo inocentes tapas, de leve, na palma de uma das mãos dele, feito meninos no final de um recreio monótono de uma escola secundarista. Ele apenas ri e desconversa, explica que anda apertado, mas qualquer dia, quem sabe...

Ocorre que ele é casado, embora ainda não tenha filhos. Sua esposa passa o dia na porta de casa, que é também onde funciona uma minúscula papelaria, seu primeiro negócio, inaugurado recentemente. Quatro prateleiras, uma vitrine repleta de coisinhas, borrachas, grafites, papéis de carta, e uma pequena máquina de xérox, financiada em muitas parcelas. Aos poucos quer ampliar o negócio, abrir uma *lan house*, talvez. Aos domingos, toma notas num curso sobre Negócios e Prosperidade, na Assembleia de Deus. Também paga o dízimo, mesmo que esteja apertado, da forma como aprendeu com os pais.

Não vê a família desde que se mudou para cá. Exceto o velho pai, que há pouco mais de um ano, num voo que se dirigia a Manaus, teve de fazer uma breve conexão em Brasília. Viajava para ver uns parentes e principalmente para começar o postergado tratamento de um câncer que ele, teimoso, não deixava examinar. Um câncer na próstata.

Nessas condições se encontraram. Aguardava o pai há 50 minutos, três anos após deixar a cidade à sua revelia. Tiveram 15 minutos juntos. E o pai lhe pareceu estranho. O tempo, a idade, a distância, andar de avião, o constrangimento do aeroporto, *as brigas que tivemos, o orgulho que sentiam por mim. Difícil saber...* O pai permanecia calado, respondia às perguntas de forma sucinta. Parecia-lhe sentido e não chegava a ser doce, embora o filho não percebesse nele quase nada de seu costumeiro amargor. Apenas mantinha os olhos no filho. Um olhar paciente, humilde talvez. Às vezes como se o observasse bem de perto, por dentro, ou então de muito longe, inacessível, *como se me*

visse na tevê.

Não se encontrariam mais. O que só entendeu ao voltar para casa, remoendo na janela do ônibus a fisionomia incomum com que o pai o observava. Morreria pouco tempo depois, seis dias após desembarcar em Manaus.

[lá em cima]

Lá em cima, um espaço em formato de L. Pelas paredes, fotos da última exposição. No canto mais distante em relação à escada, um grupo se distribui por assentos verdes, conjugados à parede. No primeiro plano, um dos rapazes concentra as atenções: barba por fazer, camisa xadrez e uma das pernas imobilizada, motivo pelo qual, ao seu lado, duas muletas descansam. São todos universitários, dois terços mestrados em antropologia. Ele comenta sua última balada, num misto de orgulho e ironia: *fomos ao show do Dejavú*. Algumas moças se entreolham, enquanto muitos sorriem desconcertados. Não parecem saber muito bem como reagir. De certa forma, muitos se sentem inibidos em censurar o amigo, um sujeito decididamente culto, simpático e distinto. Ao mesmo tempo, desconfiam que ele não esteja falando sério. Até acreditam que ele seria capaz de seguir com os amigos à Ceilândia, por pura farra; mas, para alguns, seu declarado apreço pela banda não passa de excentricidade postiça, um excesso de relativismo, meio que simulado. Em algum momento o jovem diz que se sentiu frustrado: *cheguei lá a fim de curtir, e nenhuma mulher quis dançar comigo. E eu doido pra sentir aquele cheirinho de sabão de coco...* Os amigos, sem graça, sorriem, e quase todas se ressentem, indignadas. Seu apreço aparente pela banda soa agora como uma ironia tola e indelicada.

[um jovem solteiro]

Ao lado da entrada principal, um salão limitado por paredes de vidro. Ali, um pequeno balcão improvisado; atrás dele, dois *freezers*, onde é armazenada grande parte das bebidas. Ao fundo, um enorme painel de fotos, em preto-e-branco, acompanha a escada que leva à pista de dança. Em frente ao balcão, próximas às portas de vidro que levam à área externa, 13 pessoas estão concentradas em torno de uma mesa de pingue-pongue especialmente trazida para os dias da festa.

Alguns assistem de braços cruzados, outros aguardam a vez de jogar. Num dos lados da mesa, Felipe, o jogador da noite, está há sete rodadas sem perder. Joga descontraído, embora compenetrado. Com os olhos fixos na bola, aguarda o saque do próximo desafiante. Lamenta os pontos perdidos feito um menino e às vezes dá-se ao trabalho de explicar em detalhes uma jogada malsucedida.

Uma camisa justa, bordô, estampada, uma caricatura simples de Charlie Parker. Qualquer coisa de *Pimba*, qualquer coisa de *Olinda life Style* Tem a gola suada, de onde lhe escapam os pelos, que são muitos, e ainda dois círculos grandes e umedecidos, bem na curva dos sovacos. Hoje está risonho e agitado, talvez um tanto ansioso. Bebe em grandes goles sua Heineken; até o momento foram cinco. Não faz duas horas que chegou.

Vem do trabalho, sua primeira semana num emprego fixo. Acaba de assumir o cargo de escriturário no Banco do Brasil, o único concurso que prestou na vida. Fez assim, por acaso, pouco mais de dois anos atrás. Nunca pensou que seria chamado. Já havia até esquecido. E ainda não se adaptou direito à nova vida. Passa o dia recebendo ordens, aprendendo comandos, procedimentos básicos e formas de se trabalhar com o banco de dados. Por enquanto, tem a tarefa de abrir contas, renegociar dívidas e receber reclamações. Por conta disso, está sempre a ouvir histórias, incontáveis justificativas e longos sermões de clientes insatisfeitos e revoltados.

Há uma semana não dorme bem, acometido por pesadelos, sempre a mesma situação: filas enormes, correntistas insatisfeitos, ele sem conseguir se lembrar dos procedimentos básicos, os chefes decepcionados com seu desempenho. Assim, acorda cansado, passa o dia impaciente, e quando o expediente acaba é sempre um momento oportuno para uma cerveja.

Mas nem tudo é ruim. Apesar de tenso e exausto, Felipe às vezes tem também a estranha e surpreendente impressão de estar mais satisfeito. Como está ocupado, seus dias lhe parecem intensos, e experimenta com a rotina o sentimento de que possa então se tornar alguém mais produtivo, desenrolado e competente. Nunca foi fácil ser assim. Sempre se entendeu como alguém inconstante, arredio à disciplina. Foi sempre afoito por tomar novos rumos. Entrou na UnB para cursar biologia. Fez a metade e então largou. Fez de novo o vestibular, decidindo por sociologia. Agora, antes do quarto semestre, já havia mudado o foco, envolvido que andava com teoria do conhecimento: adorava Hume. Mas com os semestres passando, a idade e a necessidade de arrumar trabalho – já que a

condição financeira da família não lhe permitiria esse conforto até perto dos 30 —, decidiu ficar mesmo em sociologia.

Enquanto percorria os cursos, costumava escrever poemas e gostava também de desenhar. Em traços trêmulos e sutis, inspirados em Schiele, passava aulas inteiras retratando os colegas e professores. Mas sua grande paixão sempre foi cinema. Dirigiu alguns curtas, escreveu argumentos, editou clipes. Chegou a ganhar um prêmio por conta de um trabalho, o primeiro de sua autoria. Por vontade própria, dedicaria seu tempo exclusivamente aos roteiros, mas confessa que no fim das contas, termina sempre por se revezar nos papéis de produtor, ator, diretor e editor. Argumenta que se sente melhor assim. Confia que sozinho, muito do que faz costuma sair melhor do que se tivesse de contar com ajuda alheia.

Felipe discorda que seu interesse por cinema tenha nascido por conta do avô, um professor acadêmico, físico nuclear, que durante a vida, nas horas vagas, fazia as vezes de cineasta amador. Especula que seu envolvimento se deva mais ao pai, um físico ainda mais romântico, que desistiu da academia em troca de uma vida simples, dedicada aos estudos, de volta à casa da mãe, uma senhora já aposentada, moradora de um modesto apartamento em Copacabana. Ele recorda que desde cedo seu pai costumava interrogá-lo ao final dos filmes, sempre curioso nos mínimos detalhes sobre como a história havia lhe parecido, do que ele havia gostado, e do que não.

Hoje, mesmo com a rotina tensa, com as noites agitadas, ainda se dedica aos seus projetos. Dispôs-se a dirigir o clipe da banda de um amigo; de tempos em tempos, edita outra animação, e, com a ajuda da mãe, que é educadora, acabou de escrever um projeto ao FAC (Fundo de Apoio à Cultura), solicitando recursos para a execução de um filme, um curta-metragem sobre as crianças que vivem pelos arredores da rodoviária do Plano.

Mas sua vida seria bem diferente se há sete meses seu visto não tivesse sido negado. Estava pronto para sair do Brasil. Embarcaria com a namorada, professora de inglês, filha de um alemão, para a Austrália. Já haviam planejado tudo. Levariam suas economias, alugariam um quarto, quem sabe um minúsculo apartamento. De início, Felipe arrumaria um emprego qualquer, enquanto ela, durante o dia, faria seu curso tão sonhado, gastronomia, e à noite, com alguma sorte, trabalharia em algum café. Para isso ele havia aperfeiçoado seu inglês, e chegaram até a regulamentar sua união estável em cartório, tudo para facilitar o visto, que não veio.

Quando receberam a resposta negativa, ela já estava por lá; tinha ido fazer sua matrícula, resolver pendências e encontrar moradia. Nos primeiros dias, pensaram em tudo o que poderiam fazer. Ligaram à embaixada, enviaram *e-mails* e fizeram uma nova solicitação. Pouco mais de um mês de labuta, e novamente negado.

Os dias foram se amontoando. A ansiedade dava espaço à frustração. Os desentendimentos se tornaram frequentes. Ironias, desgastes, indelicados silêncios. Felipe se ressentia com as frases dela: palavras duras, impacientes, como se o acusasse de alguma coisa, como se sentisse no fundo que Felipe não estava fazendo as coisas direito, ou, o que era pior, como se ele estivesse de corpo mole, com medo, e por isso, relapso em relação às medidas que deveriam ter sido tomadas para que ele pudesse então partir.

Assim, nem o Natal passaram juntos. Os *e-mails* foram se tornando mais raros, curtos e monotemáticos, limitando-se a lamentar a vida, o acaso, afirmar que sentiam saudades, e ainda, vagamente especular sobre o que poderia ser feito.

Em algum momento, Felipe saiu com outra menina. E por um acaso previsível em Brasília, por conta das tantas pessoas em comum, a notícia não tardou a chegar à namorada. Tudo, ironicamente, na mesma semana em ela desembarcaria no Brasil. Havia comprado as passagens antes, num impulso de saudade; seriam as primeiras férias de volta.

Terminaram.

Ela voltou para Austrália. E às vezes, eles ainda se falam. Felipe diz que está bem, apesar da saudade. Ainda não retirou as fotos apaixonadas do *facebook*. Mas vive um novo momento em relação às mulheres. Anda de rolo com duas, três – coisa que não fazia há quatro anos. São pequenos casos, ainda; começam alegres, fugazes, e terminam quase sempre com uma longa explanação, quando Felipe esclarece que não deseja neste momento da vida se comprometer. Brinca que ficará assim por mais um tempo, *espero ser jovem até os 33*.

[vamos marcar? me liga!]

Na esquina do bloco, em uma das mesas, Helena. Bebe hoje com um amigo pela primeira vez, Renato. Antes disso, toda semana era a mesma coisa: ficavam de marcar uma saída, uma cerveja, um papo mais demorado. E nada. Até então o convívio dos dois consistia apenas em encontros corriqueiros ao final das aulas, uma dúzia de *e-mails* sobre

assuntos acadêmicos e um grupo de estudos para seleção do mestrado. Só muito raramente, e sempre por acaso, tomaram umas cervejas juntos, na casa de algum amigo ou num bar. Cobraram-se tanto a tal saída, que aos poucos o assunto deixou-os encabulados. E então, de uma hora para a outra, não falavam mais nisso.

No entanto, hoje conseguiram combinar. Helena passou a tarde na casa de Renato, deprimida, desabafando. Agora mesmo, continuam a falar sobre o assunto: sua relação mal resolvida com a ex. Estão há quase dois anos separadas, desde o fim da graduação. Namoraram por três anos, cogitaram viver juntas, formar família, passar o resto da vida uma ao lado da outra. Talvez por isso, nunca tenham se esquecido. Helena sente que ainda a ama, profundamente. Neste período como solteira não ficou com ninguém, exceto com a irmã de uma amiga, que, para sua surpresa, lhe roubou um beijo ao final de um showzinho de *rock* na Velvet, isso quando as duas já estavam embriagadas. Helena raramente saía da linha, nessa época bebia de saudade.

Desde que as duas terminaram, de tempos em tempos, Helena recebe de Camila, sua ex, diversos *e-mails* e inúmeras mensagens por celular. Geralmente são frases bonitas, sempre dolorosas. Anúncios de saudade, lembranças corriqueiras, coisinhas miúdas: dormir de conchinha, sair pra jantar, acordar juntas num hotel em Buenos Aires, detalhes... Quase sempre escritos em um mesmo tom, uma mistura de bondade, ternura e receio, e sempre encerrados de maneira confusa e ambígua – o que muitas vezes deixa em Helena menos esperança do que lamento, e cada vez mais o sentimento de que Camila não exatamente a deseja, *ela apenas não consegue se desligar de mim, abrir mão; precisa experimentar a reverberação da minha presença em sua vida, sentir que ainda me importo, que eu amoleço...* Isso deixa Helena furiosa, sabe que no fundo Camila tem razão, não consegue esquecê-la.

É difícil para Helena recuar, recusar-se a enviar um novo *e-mail* sugerindo a Camila um novo encontro, outra conversa, no fundo, sonhando ainda com uma nova conciliação. Sempre que faz isso, se arrepende. Camila desconversa, diz que talvez não seja a hora, isso quando não some no último instante, desaparece, desliga o celular. Depois retorna contando longas histórias e anexando às desculpas alguns mimos meticulosamente escolhidos, ao gosto de Helena, o que a faz pensar que só poderiam ser enviados por alguém que a ama de fato. Helena sempre aceita. Mesmo quando se sente arrasada, como ontem, mais uma vez.

Hoje, talvez por cansaço ou revolta, Helena resolveu tirar do papel uma decisão antiga, que de tempos em tempos repete a si mesma como um mantra: esquecê-la, esquecê-la. Começar uma nova vida, novos horizontes. Encontrar um termo definitivo para a equação confusa em que se tornou sua relação. É em parte por isso que hoje, finalmente, ela resolveu criar coragem para ligar ao amigo. E foi também por isso que talvez, Helena tenha também decidido lhe confessar uma vontade antiga. Constrangida, disse ao amigo que queria experimentar maconha. Por conta disso, na casa dele, há duas horas, fumaram seu primeiro baseado. Aos 23 anos, Helena dizia não perceber os efeitos, apenas sorria e gargalhava como se tivesse esquecido o dia cheio que vivera. Brincava contando que suas risadas eram mesmo estranhas, que pareciam ter gosto de purpurina.

[meros conhecidos]

De volta ao Balaio, enquanto o amigo argumenta sobre sua relação mal resolvida, Helena, de longe, reconhece uma antiga amiga, sentada duas mesas depois. Trata-se de uma menina branca, magra, de aparência anoréxica, algo entre o *hipsters* e o *cult*, difícil dizer. De nome Clarice, estudante de Geografia. Está sentada a uma longa mesa, cujas cadeiras ainda não foram completamente ocupadas. Provavelmente aguardam muita gente. Clarice mantém os olhos fixos na conversa de sua mesa; uma das mãos acolhe o rosto, cujas maçãs, muito evidentes, são apenas disfarçadas pelo proeminente nariz, anguloso, e pelas profundas saboneteiras.

Como Clarice se mostra entretida, Helena não se esforça para que seja notada. Pondera que talvez seja mais interessante aguardar que Clarice a veja, para que só assim troquem um aceno. Comenta com o amigo que a avistou. Falam sobre ela. Foram grandes amigas até a quarta série, estudavam juntas no Marista. Gostavam das aulas de música, participavam do coro e passaram muitas tardes juntas no recreio. Clarice chegou a dormir duas noites na casa de Helena, um fim de semana em que seus pais haviam viajado. Mas da quinta-série em diante, Clarice foi para o Sigma e Helena ficou no Marista até o final do segundo grau. A primeira se acostumou com as noites em baixo dos blocos das superquadras da Asa Norte, enquanto a outra, aos prédios cercados da Octogonal.

No segundo grau, ainda chegaram a sair juntas umas duas vezes, como velhas amigas. E de vez em quando, Helena trombava com Clarice aos finais de tarde, entre a

galerinha que ficava na porta do Pátio Brasil. Àquela altura, na cabeça de Helena, Clarice era figurinha carimbada nos shows de *rock* do Sesc Garagem e também no Espaço da 508 Sul, onde provavelmente passava as tardes matando aula, envolvida em algum curso de fotografia. E nas vezes em que se encontravam, Helena ficava inibida e não se dispunha a falar muito. Clarice já tinha *piercing*, tatuagens, e cabelos curtos. *Perdi a conta de quantas vezes vi Clarice, de longe, destrambelhada de bêbada.*

Durante um breve silêncio, o amigo acende um cigarro. O olhar de Helena finalmente esbarra com o de Clarice, que o recebe sorrindo, ainda antes de terminar o gole da cerveja. No instante seguinte, Helena acena com a mão: um gesto curto e tímido, mais espontâneo que o usual. Clarice lhe retribui o aceno com um sorriso estático, numa fisionomia de surpresa inconvincente, como se, confusa, suspeitasse da expressão franca de Helena. Raramente se cumprimentavam assim.

Das muitas vezes em que se cruzaram pela UnB, agora como meras conhecidas, fingiam várias vezes não se reconhecer. Buscavam sempre o corredor mais próximo, um amigo ou o celular, mesmo que este não estivesse tocando. Assim dissipavam momentaneamente o desconforto, a preguiça, ou às vezes, o simples receio de um corte seco a uma expressão inadequada de estima. Nos momentos em que o encontro se mostrava incontornável – uma fila de xérox, um lance de escadas, uma disciplina comum, ou no restaurante universitário –, concediam uma à outra um breve aceno, às vezes áspero ou então mais afável, tudo conforme o dia. Nas ocasiões em que se encontravam entre conhecidos, nas casas dos muitos amigos que possuíam em comum, chegavam a brincar, meio que envergonhadas: *a gente nem precisa se apresentar.*

Entusiasmada com o encontro, Helena diz ao amigo que vai ao banheiro. Ao sair, passa pelo estreito espaço entre as cadeiras e as pessoas que se aglomeram ali, ao redor da mesa de Clarice. Insegura e ao mesmo tempo disposta, Helena se curva a Clarice, que neste instante já a observa, e diz: *E aí? Como é que cê tá?* Antes que termine a frase, Clarice levanta-se com um longo e afetado *Eiiiiii!* Sua pronúncia estendida é acompanhada por um ligeiro e indisfarçável piscar de olhos, como se ao mesmo tempo ponderasse sobre as possíveis razões da espontaneidade repentina de Helena, quem sabe se refletindo também sobre qual seria a expressão mais adequada de estima a se sustentar na situação.

Assim que as duas trocam breves beijos, quase que sem nenhum sinal de afeto, Helena, que puxou o papo, introduz com alguma segurança as considerações protocolares:

E aí? Tá fazendo o que dá vida? Cê acabou a UnB? Clarice, em tom de lamento, responde que ainda luta para se formar. E você? Terminou? Tá trabalhando? Quase aliviada pelo interesse de Clarisse, ainda que protocolar, Helena esclarece, jogando os cabelos volumosos para o lado, que está no mestrado. *Tá um saco, não sei pra que fui inventar isso.*

Há um singelo tom de orgulho na fala de Helena. Não consegue disfarçar o conforto por pensar que em alguma coisa se saiu melhor do que Clarice. Mesmo discreta, o modo como Helena se satisfaz não escapa a amiga, que por isso se recolhe, indisposta, como se sentisse despeito. Uma minúscula fração de silêncio entre as duas. Um instante de hesitação. Helena repassa as lembranças, tenta encontrar um assunto que pareça adequado. E assim, pergunta sem muito pensar: *E a galera? Tem visto alguém? Os meninos?* Clarice responde que não, olhando para os lados, já muito impaciente, como se refletisse sobre o que acontece ali. Helena prossegue. Mais algumas tentativas de comentários entusiasmados, em vão. Clarice não entende a repentina estima que esta noite sua antiga amiga passou a lhe conceder.

Cada vez mais agoniada, Clarice replica as ponderações de Helena com sucintas observações. Sempre afirmativas, sempre risonhas. E agora já se interessa mais pelo enorme anel no dedo. Pretende dar cabo à conversa, não quer correr o risco de esticar o papo, se envolver em uma tola pendenga. Mas Helena insiste, indiferente à impaciência da amiga. Quer seguir em frente, expor-se mais e talvez voltar para casa com uma lembrança nova sobre o encontro das duas.

Até certo ponto, Helena sabe que se seus dias não estivessem tão tristes, e se, por conta disso, nas últimas horas ela não tivesse embarcado com alguma esperança na conversa do amigo (que lhe falava sobre tocar o barco em frente, experimentar novas coisas), enfim, se tudo isso não estivesse agora coagulado em seu corpo sob a forma de um sentimento, um impulso, uma espécie de ânsia repentina por viver de outras formas, por imaginar-se diferente diante das outras pessoas, provavelmente Helena não estaria agora insistindo tanto nesse papo, não estaria apostando nesse desejo confuso de que esta antiga relação de amizade pudesse agora se reatar.

Para a sorte de Clarice, que jamais poderia imaginar todas essas coisas, um de seus grandes amigos interrompe a conversa. Entra no papo sem cerimônia, soltando piadas sem receio algum. Festivo, a todo instante troca o nome de Clarice por *bicha*, como se a

pronúncia lhe saísse pelo nariz, e gesticula amplo chicoteando os braços contra o peito, batendo palmas e se contorcendo, como se lhe partissem dos quadris infinitos espasmos de riso.

Naturalmente, a conversa muda de tom. Há um ano não se viam, desde que se mudou para Londres. Lá, ele leva a vida como vendedor de loja, da *GAP*. É formado em Publicidade. Há três dias está no Brasil, são suas primeiras férias. É um rapaz magro, um pouco mais alto que as duas, por volta de 25 anos. Uma barba espessa e escura, um alargador preto em uma das orelhas, e em torno de um dos cotovelos, três pequenos círculos tatuados. Um tênis quadriculado em branco e preto, uma camisa decotada, em rosa claro, bem rente ao corpo, e uma bermuda jeans, com a barra dobrada de improviso uns quatro dedos acima dos joelhos. É como que um *hipster*, digamos assim.

Entusiasmada, Clarice lhe pergunta sobre a vida, o que tem feito. Não faz questão de lhe apresentar Helena. Ele explica que tudo é bem corrido, que é preciso acordar cedo, sempre, que seus dias se resumem ao trabalho, que raramente sai à noite, e quando o faz é apenas para uma cervejinha. Tudo é muito caro e ele passa o mês com 800 libras. Admite-se feliz assim. No fim das contas se recorda que está em Londres.

O assunto se estica, o rapaz torna-se o centro das atenções de Clarice. Apreensiva, Helena tensiona o corpo e esforçar-se para prestar atenção. Como de costume, o pescoço à frente projetado e os óculos de lentes grossas esquecidos por sobre as abas do nariz. Vulnerável, procura o amigo, que assiste a tudo, coisa de uns cinco passos dali. Analisando a fisionomia dele, por um breve instante, Helena especula sobre sua posição ali. Que tipo de impressão estaria causando? O quão deslocada poderia estar parecendo? Resolve sair da conversa. Mas antes, Clarice gargalha e olhando pra ela, solta um comentário sobre o amigo: *Queria ver você de vendedor aqui, no Brasil. Passar o dia inteiro em pé pra ganhar um dinheiro que mal dá pra lhe pagar as contas.*

Helena escuta e resiste mais um pouco.

O amigo confessa que jamais faria isso no Brasil. *Só vale a pena porque estou em Londres. Aqui, cheguei a trabalhar com produção. Fui assistente de direção, figurinista, fiz roteiro, pesquisa de conteúdo... Nada que me pagasse bem. Tudo temporário. Sem nenhuma perspectiva. Eu até queria aproveitar esse tempo lá fora para estudar, mas não rola; precisaria parar de trabalhar e meus pais não têm condição de me bancar ali.*

Helena segue apreensiva, distante, respirando fundo, com os braços cruzados.

Aguardando o momento oportuno pra se despedir.

Tô pensando em ficar assim até perto dos 30. Daqui a um tempo, deixar Londres, me mudar pra Itália, arrumar outro emprego e aprender uma nova língua. Aproveitar que tenho passaporte europeu.

Antes que ele prossiga, Helena interrompe o papo. Explica que precisa ir. Brinca que está apertada e que havia se levantado só para ir até o banheiro. *Tão tá, Helena. Bom te ver!* Diz Clarice mais relaxada. E ainda completa: *Vamos marcar alguma coisa qualquer dia? Vamos, sim!* Confirma Helena. Então se despedem com um abraço. E por um capricho do destino se esquecem de anotar os telefones. Até o fim da noite, antes de deixarem o Balaio, irão fingir mais algumas vezes que por um descuido não se viram. Tudo para evitar, quem sabe, um outro encontro, uma nova e desconfortável interação.

[Brasília é um ovo!]

Recostado sobre um dos carros, um grupo de amigos em silêncio observa a festa. Entre eles, uma jovem, tipicamente *pimba*, displicentemente move um dos tornozelos para o lado. Traz uma garrafa em uma das mãos, próxima à boca. Enquanto a outra se apoia sobre as costelas, feito uma asa. Em sua angústia comedida, observa discretamente a fisionomia dos presentes. Nada lhe surpreende. *Brasília é um ovo! Sempre as mesmas caras!* Sentencia mais uma vez. De alguma forma, sente ter esgotado suas chances de encontrar alguém aqui. Dos poucos que lhe parecem bonitos ou interessantes, uma parte é *gay*, a outra comprometida, e com o restante, ela já se envolveu pelo menos uma vez, e por uma série de razões, não os deseja mais, ou não é mais desejada.

O último deles está à sua frente, em uma longa mesa com outras pessoas. Os dois já se cumprimentaram, mas não ficarão de papo esta noite. Uma leve frustração os mantém distantes. Há pouco tempo, após dois anos esbarrando-se nos lugares, resolveram sair. Jantaram e dormiram juntos. E tudo não durou mais do que duas semanas. Perceberam-se incompatíveis, desinteressados, ela mais do que ele.

Na mesa em que ele se encontra, a maioria se conhece há pelo menos três anos. Nesse tempo, inúmeros encontros se deram, de maneira que hoje, meio que por tabela, pode-se brincar que todos já ficaram com todos. E se mais pessoas estivessem ali, o número de interseções certamente cresceria, como que em projeção quase geométrica.

No extremo da mesa, em meticulosas combinações de cores e estampas, uma jovem negra sorri. Luisa, um rosto desejado por muitos dos frequentadores do lugar. Sustenta uma certa gravidade no olhar, como se pouca coisa lhe despertasse o interesse ali. Ao seu lado, Beatriz, uma amiga, que ao final da graduação largou tudo para se tornar *chef* de cozinha. Há um certo tempo, fora do Brasil, após alguns vinhos e risadas, as duas *ficaram, de brincadeira*, explica. A *chef* se entende como lésbica, enquanto que Luisa não. Atualmente, ela namora Leo, o rapaz que está ao seu lado. Há uns quatro anos, Leo namorava sua outra amiga, Érica, uma modelo. Esta, também à mesa, conversa agora com Beatriz, a *chef* de cozinha, com quem divide a casa. As duas já *ficaram* algumas vezes. Luisa, que agora namora, numa outra ocasião, *ficara* também de brincadeira com Flávia, sua amiga artista plástica. Agora, quase ao centro da longa mesa, Tiago, namorado de Flávia, conversa com mais dois amigos: Catarina, que é publicitária, e Fábio, um músico. Em momentos diferentes, Tiago já ficou com os dois; e eles, não faz tanto tempo, também *ficaram*. Mas hoje, Catarina namora outro, Henrique, que está ao seu lado, e que neste instante conversa com Sabrina, formada em Letras. Por sua vez, Sabrina e Henrique mantiveram uma breve relação há mais ou menos um ano. Não deu certo. Esta última, certa vez, bêbada e desiludida com o fim de outro relacionamento, resolveu arriscar: *ficou* com a *chef de brincadeira*...

[papo de homem]

No meio do tumulto, ao lado do prédio, dois amigos assistem à festa. Cada qual com sua cerveja, ambos fumam *Marlboro*. Fabrício, o mais alto, é ligeiramente obeso, usa uma camisa de flanela escura, em xadrez, traços do rosto finos, barba por fazer, modos um tanto rústicos e descuidados. Está ciente em boa medida de seu charme. Traz uma mochila às costas, volta do estágio. Conversa com um velho amigo, Pedro, cinegrafista de profissão, boêmio como ele, *indie*. Sempre metido num moletom preto, gasto, um sujeito baixo, cabelos loiros, desgrenhados, escorridos pela face feito um adolescente.

Falam sobre relacionamentos. Fabrício diz que não pretende namorar novamente tão cedo. Só vai se envolver de novo quando estiver num emprego melhor, de preferência ganhando mais do que a mulher com quem estiver saindo. Hoje em dia, passa aperto como estagiário do IPHAN e está no fim do curso de Antropologia. *Tô cansado de passar*

perrengue, cara. No começo é assim: a mina fica a fim, corre atrás e tal, eu curto, claro. Daí a gente começa a sair, eu digo que não tenho carro, que moro no Guará, e elas falam “relaxa, cara, te pego aí, não tem problema”. Nas duas primeiras semanas é uma maravilha. Ela me chama pra bar caro... “Ah, vamo no Segundo Clichê?”. Eu digo que estou sem grana, ela diz que paga, que depois a gente acerta. Depois, maluco, a mina começa com uns papo de que tá cansada, com sono, que teve um dia corrido, e que já são duas da manhã; pergunta se eu não animo de pegar um táxi pra casa... Um táxi, fi, três hora da manhã... Cinquenta conto, no mínimo, da Asa Norte até o Guará. Daí eu peço pra ela pelo menos me deixar na Rodoviária, pra eu ver se eu me viro. É foda! Na última vez, apareceu um maluco, senhor já, quase 60 anos, num Corcel II, chegou perguntando pra onde eu ia. Daí eu falei: Guará; ele disse: “Entra aí, por cinco conto te levo lá”. Eu e mais dois caras. No caminho ficou perguntando da minha vida, soltando piada, ouvindo rock, tipo Gênesis, Phil Collins. Depois que os outros passageiros desceram, o maluco, quando passava a quinta, começou a relar na minha perna, tipo de leve; eu fingi que não tinha entendido, botei o pé assim, cruzando a perna. O clima ficou tenso, ele perguntando se eu tinha namorada e tal. Eu disse que tinha, claro. Antes de chegar no ponto, o maluco tira uma nota da caixinha, perto da marcha, bota no meio das pernas e pergunta se eu não animaria de deixar ele chupar minha pica por 20 conto. Fiquei puto na hora, mas disfarcei. Só disse que não rolava e pedi pra ele parar logo em frente, mesmo faltando cinco quadras pra minha casa. Fui andando e pensando nessa merda toda. Puta que pariu, mano!

Ah, mermão, tô nem aí! Diz Pedro. Essas mina vêm com esse papinho de feminismo, dividir a conta, direitos iguais. Se eu tiver sem grana e a mina quiser pagar, eu quero mais é que pague, mesmo. “Ô, amor, paga pra mim hoje, depois a gente acerta...”. Paga hoje, mina, porque amanhã, quando a gente terminar, quem vai pagar sou eu! Em Brasília é assim, maluco: nego termina o namoro, fica mal e tal, passa uma semana deprê, enchendo a cara com os brother. Daí cês começam a sair pras balada de novo. A tua mina, ta lá, supertriste. “Ô, tadinha, terminou o namoro, né...”. Volta a sair com as amigas, tudo solteira, gente que ela nem falava mais. Chega nas festas, fica na dela, não precisa fazer nada, os malucos vão tudo em cima: “Alá, tá solteira!”. Daí, a coitadinha, se quiser, em uma semana, assim, deprê, pega uns cinco caras, trepa com os que quiser, e se bobear, inclusive com os teus brother. Agora, o que é um cara na balada

em Brasília quando termina o namoro? Maluco tá lá, triste, enche a cara com os brother, chega na balada, dá uma olhada, saca as mina. Mermão, as mina nem te olham! Ficam lá, de longe, com aquela cara de nojo, como se cê fosse um cão raivoso, como se tu tivesse lepra... “Alá, cê viu? Terminou o namoro.” Tu chega pra falar com as tuas amigas, velho, e até elas ficam te olhando com essa cara: “Nossa, tá doido pra me comer”. Conclusão: o camarada volta pra casa bêbado, sozinho, deita na cama fudido, fica pensando que a tua mina tá trepando com outros cara, aperta um baseado e bate uma punheta pra tentar dormir.

[a pista]

A noite segue, são quase duas da manhã. Os mais comedidos foram embora, e só agora a pista de dança está cheia. Na parede que acompanha a escada por onde se chega à pista no subsolo, um extenso painel cobre a parede de ponta a ponta. São fotos grandes em preto e branco, repetidas: uma mulher e um homem, negros, de *black*. A pista é um pequeno salão escuro e quente, como o de costume, um espaço correspondente ao subsolo de duas lojas; o pé-direito é baixo, e não se avistam facilmente as saídas para a ventilação.

O lugar está tomado de gente, o tempo todo, pessoas subindo e descendo as escadas, dançando, sorrindo, suadas. Quase todos ainda bebem, muitos já estão embriagados. E do mesmo modo como estavam lá em cima, justapostos em pequenos grupos, estão também aqui em baixo. Sempre entretidos com as façanhas de seus pares, envolvidos em suas peripécias e fingindo que não observam toda a multidão de conhecidos que se acomoda pelo espaço.

Uma menina tropeça no final da escada, ninguém vê... Três amigos saem para fumar um baseado próximo ao prédio... Um *dj* de tecno-brega na pista... Um casal de amigos fofoca sobre um colega que está agachado, debruçado sobre os joelhos de uma jovem publicitária, com quem parece estar flertando. Acham graça da situação, pois a menina, que agora está solteira, tem fama de namorar apenas caras *gays*, ao passo que o amigo diplomata, debruçado sobre a moça, parece hesitante quanto à possibilidade de sair do armário, embora seus gestos, risos e assuntos, e alguns amassos flagrados pelos amigos, alimentem em muitos a certeza de que ele o é, embora por algum motivo não tenha conseguido admitir isso.

Na pista, um diminuto bar do lado esquerdo, onde apenas bebidas são vendidas. Próximo à escada, ainda do lado esquerdo, dois minúsculos banheiros improvisados. O masculino, sempre sujo, serve também como depósito aos utensílios de limpeza da casa: rodos, baldes e escovões dividem o espaço com o vaso sanitário sem acento, ao lado de um pequeno cesto de lixo, sempre cheio.

Ao fundo da pista, as caixas de som, os *djs* e os equipamentos sobre a mesa, sem palco. Ouve-se agora um *rock* londrino qualquer, uma guitarra aguda e estourada, a bateria repetitiva, e no microfone alguém lamentando coisas num tom de ironia.

A dois passos da mesa, uma jovem baixinha fotografa o ambiente. Amiga dos organizadores. A pele clara, uma franja reta sobre os olhos, um batom vermelho fosco e aveludado. Usa um vestido curto, branco e comportado, estilo *anos 60*, e sapatinhos pretos, minúsculos, como uma boneca. Um exemplo de menina *cult*. Poderia se passar tranquilamente como estudante de jornalismo, publicidade ou cinema, mas termina um mestrado em filosofia na UnB. Um estudo sobre estética em Heidegger, embora ainda pense em desistir. Descobriu no meio do caminho que não deseja ser filósofa, como pensara durante muitos anos; hoje preferiria continuar apenas com as aulas de guitarra na Escola de Música, o que lhe dá muito prazer.

Neste instante, ela faz uma foto dos amigos *djs* atrás da mesa, deixa em destaque no primeiro plano um aviso pendurado ao lado dos *Macbooks*, que informa: *Não tocamos Lady Gaga! Favor não insistir*. Sem dúvida, uma retaliação discreta a uma parcela das pessoas ali. Eles sabem, os organizadores, que embora a pista esteja cheia, muitos dos que estão presentes não se encontram ali propriamente por gostar da festa, e ainda menos, das músicas. Estão porque a balada é de graça e hoje é quarta-feira, o que significa que, fora o Balaio, não existe, segundo eles, muitas opções para se divertir. Poderiam visitar o Velvet, que anda vazio, ou então sentar no Beirute ou o Segundo Clichê, mas em nenhum deles encontrarão este pequeno tumulto aqui na porta, que discretamente faz lembrar os centros fervilhantes de outras cidades. De certa forma, o recado sobre a *Lady Gaga* dirige-se a pessoas que provavelmente estariam muito mais à vontade em uma boate como a Drops, por exemplo. Lá, escutariam aos montes desde os mal falados *funks* cariocas até os clássicos de divas como Madona, Shakira e Beyoncé.

[a Drops]

Se você por um acaso tiver a oportunidade de conhecer a Drops um dia, e se der a sorte de conhecê-la numa edição especial, uma festa junina, por exemplo, quem sabe você não veja algumas coisas assim...

Próximo à pista que liga a Asa Sul ao Guará, uma longa fila na entrada, uma noite fria, uma da manhã. Rapazes por volta dos 19 anos, histéricos, desfilando sobre a calçada de terra vermelha e chão batido, exibindo suas pernas finas em meias-calças justas e desfiadas, em *shorts* curtos e blusinhas de alça, quase que indiferentes ao frio. Na portaria improvisada, um jovem alto de cabelos longos, alisados até a cintura, um corpo esguio numa regata justa de couro preto por sobre sua blusa social branca. De cima de suas plataformas, que o deixam mais alto que os seguranças à sua volta, o rapaz recebe o dinheiro e ordena o tumulto, dirigindo a cada um dos que chegam um caloroso e superficial *E aí, bichaaaaaaaaa!!!*

No primeiro plano o que se percebe é um amontoado de pessoas em trajes típicos se espremendo em torno do brinquedo trazido especialmente para esta noite, um touro mecânico. Dois jovens magros, às gargalhadas, estão montados sobre o bicho. Debruçado sobre o lombo da coisa, com os braços e pernas estendidos, o rapaz da frente tenta se firmar, enquanto o de trás, com o mesmo intuito, está atracado ao da frente, segurando seu corpo pelo quadril. Em volta deles, todos riem aos baldes.

No caminho que leva à pista, uma menina me agarra o braço com força e pede que eu lhe dê um beijo: *Um beijinho?* Antes que eu lhe diga algo, ela me rouba o beijo e sai gritando festiva com as amigas: 53, 53...

Pela pista, três pequenos palcos improvisados para os visitantes. Sobre eles, inúmeros meninos e meninas, em movimentos frenéticos, já suados, alguns sem camisa. Garotos franzinos, em roupas justas, echarpe e cintura baixa, realizam coreografias espantosas, complexas, quase acrobáticas, muitos dos movimentos retirados dos cliques de Madona, Lady Gaga e Beyoncé: as divas!

Agora mesmo, de cima de um dos pequenos palcos, uma menina acaba de cair. Está zozna e estatelada: o joelho torcido, um salto que se perdeu e o seio para fora do tomara que caia. Caiu, assim, de boqueira. Parece ter chegado ao auge antes da hora. Com a ajuda dos amigos, é levada ao banheiro. Vai embora mais cedo e deve acordar de ressaca. Era a

mesma menina que lá fora, entusiasmada, roubava os beijos.

No espaço onde se guardam as bolsas, um grupo de amigos está parado. Aguardam enquanto o atendente procura uma mochila. Ao recebê-la, um deles, ali mesmo no balcão, elabora com pressa quatro carreiras de cocaína, que todos cheiram bem em frente ao funcionário que, sentado, com a linha dos olhos bem na altura do balcão, observa indiferente o que fazem.

Neste mesmo instante, na parede ao lado, já de volta à pista, um outro rapaz. Está bêbado, apoia-se pelo braço direito estendido contra uma pilastra. Na outra mão, um drinque de kiwi, que hoje está na promoção, sendo vendido a dois por um. Com os olhos cerrados e a coluna curiosamente estendida, ele, por algum motivo, não consegue projetar a cabeça à frente. Por isso, os jatos de vômito que lhe escapam repentinos parecem escorrer da boca feito uma cascata, a encharcar toda a blusa do colo até a cintura com o excesso do álcool ingerido na noite e também com alguns fiapos de carne, provavelmente do churrasquinho que ele comera na véspera, pouco antes de entrar. Com todos dançando frenéticos e descontrolados, muitos já entorpecidos, seu drama passa quase que despercebido. Tanto que agora mesmo, ali no palco, um dos *djs*, com chapéu de couro de vaquinha, assim como seus ajudantes, anuncia que será premiada com uma garrafa de *Absolut* a primeira *bicha* que conseguir escalar até o topo o pau de sebo.

Lá fora, uma fila de candidatos se forma. O cara do bar observa, rindo, alguns casais a se agarrar contra o muro ou em baixo da árvore. Muitos grupos, sentados sobre as escadas, apertam baseados. Em cima do touro, um casal de amigos acaba de sair rolando do colchonete ao chão; estão bêbados, e a menina, muito gorda, não consegue se levantar., Riem compulsivamente, exaustos, completamente sujos de barro vermelho, das calças aos cabelos, e o rapaz quer agarrá-la.

Alguns passos atrás de mim, um cafuçú⁴⁰. Um tipo baixinho, roupa bege, larga, calvo, de cabelos loiros. Um copo de vodca pura nas mãos e os olhos vermelhos. Aproxima-se de mim diagonalmente, supondo que eu não o percebo. Como estou sozinho, para ao meu lado e puxa um papo num tom amistoso: *Só tem bicha aqui, hein? Nossa senhora!* Respondo de maneira simpática e antropológica, que aqui pelo menos eles podem se divertir. Ele sorri e se empolga: *Eu não, eu sou bi! Esse negócio de ser só gay*

⁴⁰ Gíria muito utilizada hoje para denotar um tipo às vezes cobiçado por alguns *gays*: sujeitos brancos, malvestidos, geralmente de origem modesta e profissões subalternas, como frentistas, peões de obra, algo assim.

nunca deu certo comigo. Meu primeiro namorado era muito agressivo, mais velho. Eu tinha treze anos. Até hoje eu gosto de mulher, gosto assim, de ficar deitado no colo; do sexo, nem tanto.

Conversando um pouco, ele me conta a vida. É corretor de imóveis, desempregado e estuda contabilidade numa particular. É o filho mais novo e ainda mora na casa da mãe. Tem 37 anos, um semblante triste e cansado, algumas rugas. Sua camisa está tão amarrotada que faz parecer que ele acaba de sair da repartição, para um *happy hour*. Assim que me conta tudo sobre sua vida, ele me questiona: *Cê num topa subir ali não, comigo, no touro?* Rindo, digo que hoje não, já estou velho para essas coisas. Ele acha graça, e notando que o papo se extingue, me pede um beijo, *só um beijinho, vai?* Digo sem maiores incômodos *que não vai rolar, que não estou a fim*. Ele, muito emotivo, antes de seguir, aperta uma de minhas mãos e me olhando profundamente, diz que ao chegar em casa irei descobrir o meu grande dom, assim que me olhar no espelho; ele diz que já sabe, mas não vai dizer, na verdade não pode, por conta de sua religião. *É uma mistura de budismo com espiritismo e macumba, explica. A macumba é por causa da minha mãe.*

Definitivamente, você não verá isso no Balaio.

[fim de noite]

Próximo das três da manhã, a festa se encaminha para o fim. A maioria já deixou a pista por calor, cansaço ou vontade de fumar um cigarro. Lá em cima, com os bares fechados, uma infinidade de pessoas está sentada nos degraus da escada. Muitos bebem, fumam e aguardam. Todas as saídas do comércio estão bloqueadas, é impossível voltar para casa sem passar por uma *blitz*. Sabendo disso, há duas semanas, um vendedor astuto fica até mais tarde. Assim, lucra sozinho com a venda de bebidas aos jovens que esperam, pacientemente, o final da *blitz*. Uma noite como outra qualquer.

Quinto capítulo

[*o silêncio sempre foi inevitável pra mim*]

Estava tão cansado de si mesmo, dos seus estéreis pensamentos e visões. A vida, um poema?... Não quando se passava a vida a poetar em vez de vivê-la. Como ficava oca, então, como ficava vazia, vazia, vazia! Essa perseguição constante do próprio eu, no rastro das próprias pegadas – e em círculo, naturalmente... Essa comédia simulada: fingir que se atira à corrente da vida e ao mesmo tempo ficar ali agarrado ao anzol, pescando-se a si próprio neste ou naquele curioso disfarce... Ah, se a vida quisesse submergi-lo... A vida, o amor, a paixão, de modo que ele não mais precisasse poetizá-la, porém apenas – em estado de poesia – vivê-la!⁴¹

1.

Nove e meia da manhã. Num confortável apartamento da Asa Norte, Larissa desperta com o celular. Ainda é cedo. Sabe que antes das onze não haverá ninguém na redação. Ontem, ao deitar, prometera a si mesma caminhar no Parque Olhos d'Água, antes das dez, no mínimo duas voltas. Agora, como se não se lembrasse do trato, reprograma com má vontade o celular e se concede mais uma hora de sono.

Um tempo depois, está de pé, e como faz frio, pois é final de junho, calça satisfeita suas pantufas novas, gregas, presente da mãe, de sua última viagem ao exterior. Em duas semanas, visitou com o marido, pela primeira vez, a Grécia e a Turquia, e antes de regressar ao Brasil, ainda se deixou ficar por três noites em Lisboa.

Um tanto sonolenta, Larissa caminha ritualmente até a cozinha. Abre a geladeira, alcança um pote de iogurte e se dirige à sala, sua única refeição matinal. Na porta do congelador: coloridos enfeites, lembranças de viagem, cartões-postais. Além disso, minúsculos ímãs feitos à mão: retratos de Amélie Poulain, Stanley Kubrick e Mafalda, Bjork, Amy Winehouse, Lars von Trier...

O portal de madeira que divide a sala do corredor por onde se chega aos quartos está pintado num vermelho forte, em tom pequim. A parede que ao lado o acompanha foi também colorida por um verde-bandeira sóbrio, mas ligeiramente vibrante. Além disso, as bordas desta mesma parede foram também decoradas por enormes adesivos brancos sob a forma de delicados arbustos, galhos de árvore e pequenos pássaros. Em conjunto, um ambiente formoso e convidativo, um espaço *pimba, meio Almodóvar*, como brincam os

⁴¹ (JACOBSEN, 2008, p. 108)

amigos.

No sofá da sala, Larissa mantém as pernas recolhidas contra o peito, abrigadas sob o blusão de dormir, um hábito antigo e gostoso que trouxe da infância. Enquanto lentamente toma sua bebida em modestas colheradas, percorre sem motivo algum a bagunça de ontem pelo chão da sala. Tem um semblante triste, a linha dos olhos arqueada, a face redonda e rosada, como se lhe tivessem enfiado pequenos gomos de algodão por entre a mandíbula e as bochechas. E já não é feia, como acreditava durante quase toda adolescência; nem nova, reclama; passa agora pelos 26.

A diarista, que toda segunda limpa a casa, por algum motivo não chegou. Provavelmente devido à greve de ônibus. Por conta disso, ainda estão pela sala meia dúzia de garrafas de vinho, duas pela metade, latinhas de cerveja amassadas, cinzeiros repletos de guimbas, uma ponta de haxixe perdida entre dois *puffs* vermelhos, e o que restou de um baseado no peitoril da janela, que foi esquecida aberta, apesar do frio.

Sobre a mesa, ao lado de um minúsculo vaso de violetas murchas, alguns filmes que não foram vistos: um documentário sobre palhaços do Fellini, um longa de Isabel Coixet, e um curta de Spike Jonze chamado *I'm Here*. Por sobre o acento da cadeira de vime, uma pequena pilha de *lps* de jazz. Entre eles, um exemplar novinho de *I Love Supreme*, um clássico relançado de John Coltrane. Ao lado, bem próximo à porta, um aparelho de vinil antigo e empoeirado. Sobre uma das caixas de som, uma simpática máquina fotográfica Lomo, analógica, comprada há poucos meses em São Paulo.

Na parede que abriga a porta de entrada, dois pequenos quadros com fotografias famosas de Banksy e Miles Davis. Ao final do corredor que leva aos quartos, pendurado contra uma parede roxo-escuro, um estreito quadro com a célebre imagem de Audrey Hepburn exibindo sua piteira. Nas paredes, duas prateleiras em ferro opaco, retorcido sob a forma de arabescos, e repletas de livros: David Harvey, Foucault, Saramago, Lourenço Mutarelli, Mino Manara, Derrida, García Márquez, Pessoa, Kerouac... Muitos comprados em sebos, poucos folheados além da vigésima segunda página.

Na sala, angustiada, Larissa respira fundo enquanto recolhe indisposta uma das gotas de iogurte que se precipitou da colher, desperdiçando-se em seu colo. Sem nenhuma razão, pensa no almoço de ontem com os pais, a habitual refeição de domingo, única ocasião em que religiosamente a família se encontra desde que decidiu sair de casa para morar com os amigos, há oito meses.

2.

Ontem, a família almoçava no *Le Jardin du Golf*, próximo ao Lago Paranoá. Larissa, o pai, a mãe e o irmão, três anos mais novo. Aos poucos, acostumaram-se a tudo isto: às roupas de grife, aos restaurantes caros e às viagens ao exterior. Desde que a mãe alcançou um importante cargo como servidora na Procuradoria-Geral da União. Não que antes vivessem mal. O pai, como engenheiro elétrico, sempre ocupou cargos de importância no serviço público, geralmente em secretarias ministeriais voltadas à política energética. No entanto, há alguns anos já não trabalha com o mesmo ímpeto, frustrado com o excesso de conchavos políticos, o amadorismo e a inoperância das repartições estatais.

Na mesa, como todos os domingos, um papo descontraído, assuntos aleatórios, opiniões amenas. Falam sobre as notícias da semana: o tsunami no Japão, a legalização das drogas, a postura de FHC... Em algum momento o irmão menciona uma lembrança de viagem. Sobre esses assuntos há sempre muito que se dizer. No instante seguinte, falam dos parentes, da saúde de seu avô paterno, que está bem velho e com pneumonia, da falta de postura de alguns tios, da conduta interesseira de outros...

Durante toda a conversa, o pai se dirige a Larissa num tom desagradável. Sempre lacônico e um tanto áspero. Permanece contrariado com os caminhos que a filha anda tomando. Com o irmão, há muitos anos, Larissa pouco conversa; provavelmente desde que ele decidiu seguir a carreira do pai, tanto de engenheiro elétrico, quanto de servidor público – agora que está formado, seus dias se resumem à musculação e às aulas de cursinho para o concurso do Senado.

Pouco depois da refeição, a mãe lhe pergunta inquieta se hoje seria um bom dia para que elas finalmente troquem um dos vestidos novos que há quase duas semanas ela mesma lhe deu. Fora os almoços de domingo e as ceias de Natal, ser presenteada com roupas caras durante passeios ao *shopping* tornou-se uma das raras ocasiões em que as duas fazem algo juntas. Muito embora, para Larissa, há muito tempo este programa lhe exija doses cada vez maiores de paciência. Mas não sabe como dizer algo a este respeito à mãe. Por isso faz corpo mole, esquiva-se dizendo que está cansada, que hoje é domingo e já comeu demais, por isso tem sono, o que torna o passeio impraticável.

Nervosa, a mãe reage indignada, como se já previsse a atitude da filha. E então a acusa de estar sendo relapsa com sua vida, e ainda mais, de não sentir a menor

consideração pelos sacrifícios feitos por eles, seus pais, durante todos esses anos, esquecendo tudo o que fizeram para garantir sua boa vida.

O irmão remexe a comida, segue indiferente. O pai, que também nada diz, olha fixamente a paisagem após a janela, enquanto mastiga com algum desgosto uma pequena porção de carne, exibindo de um modo incomum suas têmporas salientes. Larissa resmungava um protesto qualquer, tudo num tom baixo e inconvicto. E assim, todos se calam, como ela previa.

3.

Seus pais não são filhos de famílias tradicionais, nem muito abastadas, mas com algum esforço conseguiram se formarem. Primeiro, o pai, depois a mãe, que se graduou em dois cursos, concluindo Direito após alguns anos insatisfeita como nutricionista. Por tudo isso, Larissa e seu irmão tiveram uma infância confortável. Cresceram no Plano Piloto, primeiro no Guará, de aluguel, depois na Asa Norte, e só mais tarde no Sudoeste. Os dois últimos apartamentos são o patrimônio da família.

Além de viverem no Plano, com os empregos estáveis e bem remunerados dos pais, puderam sempre estudar em escolas particulares e, diferentemente de alguns amigos, não se habituaram às cerimônias religiosas, muito embora seus pais, quando conveniente, nunca titubeassem em afirmar sua fé católica, ou cristã, conforme o caso. E como sempre existiam empregadas, as refeições lhes pareciam mais simples e os tediosos afazeres domésticos, menos trabalhosos. Larissa poderia contar nos dedos as vezes em que se dispôs a lavar um banheiro, e não conseguiria se lembrar da última ocasião em que esticou no varal um pano de chão encardido.

Mas este tempo de ócio, esta condição alheia às tarefas da casa, costumava ser empregado de outra maneira. Às vezes com um cochilo após o almoço, ou então com gargalhadas às piadinhas irônicas dos *vjs* da *MTV*. Mas tudo isso até as três da tarde, pois às quartas e sextas o transporte os levava para a natação, e às terças e quintas ao inglês, nas salas aclimatadas e de cadeiras acolchoadas da Thomaz Jefferson. Raramente andavam de ônibus, só quando queriam e sem o consentimento dos pais, claro. Nunca se consultaram com médicos da rede pública, sempre por planos de saúde. E apesar de não terem feito de fato uso, pois desdenhavam, sempre tiveram à disposição o serviço de psicólogos e terapeutas, prontos a escutá-los ao menor sinal de transtorno. Com o fim das aulas,

colônias de férias, quando não, viajavam pelo país. Geralmente procuravam as praias; ao longo do tempo, conheceram todas as capitais do Nordeste do Brasil.

Mas nem tudo se limitava ao conforto. Seus pais eram rígidos e criteriosos, e como algumas vezes acontece, acompanhavam de perto a educação dos filhos. Muito embora, poucos fossem os detalhes que eles deixassem passar em branco, não se poderia dizer que eram agressivos. Resolviam quase na palavra, sob a forma de broncas, claro, mas raramente os colocavam de castigo, e uma única vez Larissa se lembra de ter apanhado, um repentino tapa do pai, que meia hora depois voltaria arrependido, com um pedido desculpas.

De qualquer forma, seus pais esperavam muito dela, que felizmente retribuía. Era uma menina *brilhante, exemplar*, destaque em todas as salas por onde passou. *Tinha futuro, uma promessa*, era o que escutava frequentemente, tanto dos pais – quando, orgulhosos, relatavam as façanhas da filha – quanto dos professores, que diziam as mesmas coisas nas reuniões escolares em que se apresentavam os trabalhos finais ou os boletins com as notas.

Larissa não se recorda da ideia que fazia de tudo isso no começo. Mas sabe que no decorrer do tempo suas emoções flutuavam entre dois polos, mais ou menos nítidos: de um certo ponto, sentia orgulho, uma estima maravilhosa e irresistível em relação à imagem que projetavam sobre ela. Gostava daquilo. Por isso, diversas vezes, recolheu muito de si, do que supunha lhe sobrar, em troca deste confortável reconhecimento. Por outro lado, de tempos em tempos, sentia também um incontornável desconforto, certo tipo de esgotamento interno por conta do esforço que fazia para tentar disfarçar as supostas sobras e falhas que lhe escapavam à pesada armadura que sorrateiramente havia admitido sobre si.

Mas aos pais, na maior parte das vezes, todo este rebuliço interno lhes passava despercebido. Larissa fazia o possível para confirmar suas expectativas, por isso habituou-se a silenciar dentro de si muitas das facetas e pulsões que poderiam sob qualquer motivo soar decepcionantes a eles. Nem sempre foi fácil ou confortável, mas, na maioria das vezes, ocorria de um modo tácito, quase que sem perceber.

Por tudo isso, no segundo grau, sem grandes surpresas, Larissa esteve sempre entre as cinco melhores alunas dos dois colégios por onde passou. cursou seu primeiro ano em *Beverly Hills* – apelido que davam ao Leonardo da Vinci da Asa Norte –, e o restante no Sigma. Na metade do terceiro ano, entrou na UnB para estudar Publicidade, três meses

após se despedir dos 16. Sua escolha foi a primeira grande decepção dos pais. A todo custo tentaram dissuadi-la. Desejavam que ela fizesse novamente o vestibular. Sabiam, por conta das notas, que ela facilmente passaria em Direito, o sonho deles. Mas Larissa não quis, e de forma silenciosa, dispôs-se severamente com eles. Teimou que faria o curso, insistiu que era seu sonho, que se sentia feliz como criadora de peças publicitárias. E então ficou. Em pouco tempo na faculdade, já estava surpresa com os rumos que sua vida estava tomando, tudo muito diferente do que havia imaginado para si.

Trouxe uma lembrança feliz de quase tudo que vivera na graduação. Meia dúzia de amigos, os primeiros porres, festas e um namoro mal resolvido. Lembra que gostava de passar as tardes num balanço atrás do bambuzal, fumando com os amigos alguns baseados, diluindo na memória os textos, deixando que o tempo escorresse com calma, numa despreocupada imprevidência. Uma *vida lazer*, como se diz.

E preferiu guardar a lembrança dos dias bonitos, quando fazia frio e todos caminhavam agasalhados sob a luz do sol que percorria a grama miúda, já cinzenta, e que aos poucos ia sumindo, desfazendo-se no chão com a secura do inverno, até quase restar somente o barro, que por sua vez tornaria então, como por contraste, mais generosa a vista da desconcertante floração de ipês, que naquela época do ano inundavam o câmpus e pareciam tornar a vida mais alegre.

Lembra de um modo especial de quando era preciso parar o carro antes da faixa para que um pedestre com a mão esticada prosseguisse, e então, atrás dele cruzassem também, em pequenos grupos, jovens calouros, satisfeitos, ainda sem carro, tranquilos, preguiçosos, taciturnos ou sonolentos, sobretudo entusiasmados por estarem ali, atravessando a faixa a caminho da UnB.

A luz do sol que refletia sobre o para-brisa fixou-se em sua memória como um quadro, onde bem ao fundo, muito além dos pedestres, avistava também uma diminuta porção do lago, a névoa que em pequenos flocos ascendia devagarinho, e antes disso, num plano assim, mais próximo, intermediário, um modesto ipê, já antigo, que coloria a grama com pétalas amarelas das flores que se acomodavam ao chão no formato de um círculo caprichosamente mal traçado. Foi tudo quanto quis se lembrar.

4.

De volta à mesa, sentada, Larissa não toca mais na comida; termina num gole afoito o resto do suco de abacaxi e então se desfaz em silêncio, um refúgio antigo, sua moeda de troca aos dissabores dos dias. *Perambular pelo shopping... Um novo vestido... Pensa com desdém. Consumo tolo e sem sentido, coisa desesperada...*

Não se trata propriamente do presente, ou do *shopping*; e talvez nem mesmo o consumo seja o que lhe aborrece. Larissa bem sabe o quanto, no decorrer dos anos, habituou-se a compensar a falta de estima com a aparência ao cultivar um farto e invejável guarda-roupas, repleto de vestidos caros, sapatos incomuns e lenços de outros países, todos responsáveis por alimentar nos dias mais tristes aquela discreta satisfação, irresistível, que alguns costumam chamar por distinção social.

Não é tanto isso o que lhe acomete. Talvez o que lhe angustie agora seja uma constatação vaga de que a vida de seus pais, seus amigos e familiares, e claro, de um modo mais dolorido, a sua mesma, não chegue a representar nada muito expressivo, nada mais interessante do que isto: um emprego fixo, plano de saúde, um salário razoável, roupas de grife, décimo terceiro, restaurantes caros, e com alguma sorte, duas vezes por ano, viagens ao exterior. Nada mal, pensariam muitos, ela sabe, e se culpa por isso. Mas esperava um pouco mais da vida, embora nunca tenha entendido exatamente o quê.

Nunca se convenceu por muito tempo sobre o que faria de sua vida. Tudo a que se dedicava – fotografia, desenho, pintura ou poesia – o fazia bem, acima da média. Mas isso era tudo. Nada lhe consumia de um modo intenso, nada de incontornável, de definitivo, como esperava. Vivera à base de repentinos lampejos, pequenos encantos que se despediam com a mesma brevidade com que lhe haviam cortejado.

E muito por conta disso, inúmeras vezes, Larissa se recusou a tomar parte das coisas do mundo. Uma enorme preguiça consumia-a, como um cansaço eterno, denso e sorrateiro, uma angústia sem motivo, impossível de se desabotoar do peito. Passava dias com isso, meses sentindo-se incapaz de despender qualquer esforço em direção a algo que não lhe trouxesse prazer, ainda que miudinho fosse.

Conseguia apenas aguardar em silêncio, recolhida, como se assentisse com a cabeça à passagem do tempo. Preferindo resguardar-se – ou distraíndo-se sem que percebesse – até o momento em que – certamente, pensava – a vida finalmente a tomaria pelas mãos, e

viveria de uma certeza apaixonada, arrebatadora. Seriam dias em que todos os seus esforços se aglutinariam numa mesma direção, nada parecido à sucessão de impulsos vagos que havia tido; seria o tempo de uma felicidade intranquila, só experimentada – imaginava ela – por aqueles sortudos e brilhantes artistas que encontraram de alguma forma um termo justo e convicto para os seus dias. Mas a tal certeza não veio. Nenhum rumo, nenhum termo, nem mesmo uma ideia. Nada parecido lhe aconteceu. (Exceto engordar uns dois quilos e ter de declarar imposto de renda.)

No lugar da tal certeza, ocupou lhe, pouco a pouco, certa melancolia, que ao voltar para casa parecia tornar o concreto aparente dos prédios mais sombrio, de um modo que antes não lhe parecia. E em dias assim era insuportável ficar em casa, lendo ou assistindo ao que fosse. E era como que impossível permanecer sóbria. Por isso saía, procurava os bares, as festas, ligava para todos. Então bebia, nervosa, compulsivamente, até que a angústia se dissipasse, se distraísse. Em instantes assim, de sua boca só lhe saíam ironias amargas: os caras lhe pareciam mais tolos e idiotas, imaturos ou machistas, e as mulheres mais bregas, burras, falsas ou competitivas. Assim voltava para casa: bêbada ao volante, ao som de Nina Simone, Bjork ou Billie Holiday, três das divas de que mais gostava.

5.

E como dizer tudo isso a eles? Pensa Larissa enquanto seu pai solicita a conta. Por onde começar? Adiantaria falar que a filhinha ajuizada, este exemplo de boa menina, não é mais tão comportada assim? Que tipo de reação sua mãe teria se ela lhe contasse meia dúzia de detalhes de uma das incontáveis vezes em que se embriagou? Logo à mãe, que não bebe, e que sempre acreditou piamente que a filha não fizesse isso. Imagina se ela recebesse uma ligação de Larissa, como algumas vezes ela fez, bêbada para os amigos, acocorada na borda de um vaso, chorando e rindo ao mesmo tempo, lamentando ser-lhe impossível vomitar.

O que pensariam eles dessas bobagens? Faria alguma diferença contar? E para quê? Quem sabe não seria um passo para que eles compreendessem um pouco dos motivos de sua frustração com o trabalho? O desgosto pelo modo automático com que preenche cinco ou seis laudas com reportagens sobre cultura, que no fim das contas não interessam a ninguém. Não seria talvez uma porta para que eles entendessem algo de seu amargor recente? De sua apatia por ter chegado aos 26 anos sem ter feito nada do que imaginava

fazer, nada do que tinha certeza de que faria por ser essa grande promessa.

Mas como lhe parece impossível tocar agora em tudo isto! Que desastroso não seria este fim de almoço. Quão imprevisíveis seriam suas reações! Por isso, Larissa para por ali, como tantas e tantas vezes, não falará nada. É exatamente o que decide enquanto observa a fisionomia severa do pai e sua maneira resoluta de virar o expresso: sempre em dois goles, sucessivos, sem açúcar.

Volta para casa em silêncio novamente. E por isso, talvez, naquele final de tarde, tenha demonstrado então uma estima especial pelos amigos, que desavisadamente invadiram sua casa, seus ouvidos, sua cabeça, com um turbilhão de palavras, risos e gracejos. E, por conta do almoço desagradável, tenha lhe soado tão providencial que naquela sala todos falassem juntos, tantos assuntos ao mesmo tempo, intermináveis e sem nenhuma serventia, e que todos bebessem e sorrissem e fumassem, tudo numa grande perturbação distraída.

6.

Agora são onze e meia. De volta à sala, Larissa se dá conta de que a diarista sobe esbaforida. Acaba de chegar e vai logo se explicando, fala da greve, do tumulto dos ônibus... Vinte anos mais velha que a patroa. Larissa disfarça, faz que se importa, não presta atenção. Caminha para o banho com pressa, está atrasada. Enquanto lava os cabelos, recorda alguns planos futuros dividindo a atenção com o rótulo do xampu francês, presente da avó. Pensa vagamente num mestrado, não sabe em quê. Mas isso não importa agora, tem certeza de que estaria feliz, ou menos desamparada, se estivesse fazendo um. Porém definitivamente não sabe o que estudar. De tudo em que consegue pensar, desiste no início, certa de que a ideia é inadequada ou irrelevante. Sabe que uma hora dessas deveria estar correndo atrás, procurando artigos, anotando ideias, cursando disciplinas como aluna especial... Mas não vai adiante, não consegue. Qualquer coisa a paralisa, a esmorece. Diz que não sabe o quê.

No fundo, queria mesmo era largar o emprego. Pôr uma mochila nas costas e sair por aí. Conhecer novos lugares: Madri, Barcelona... Papear na rua com velhinhos rabugentos ou então com senhoras cordiais. Envolver-se em romances curtos, bonitinhos e, com sorte, viver um amor profundo, desses que se começa por uma paixão arrebatadora... Coisas assim.

Mas viajar sozinha agora? Abrir mão do salário? Do emprego relativamente estável? Já perto dos 30? O que seus pais pensariam disso? Desta nova faceta romântica, irresponsável, idealista, como diriam. Se ao menos largasse o emprego para prestar concursos públicos, tudo bem. Agora, fazer isso para não saber como será o dia de amanhã, impossível. Seria pedir demais.

Larissa termina seu banho, enxuga com pressa seu corpo magro e pequeno, não seca os cabelos. Irritada, desgosta da roupa que veste, julgando-se feia. Dá-se conta do choro e disfarça. Vai para o trabalho ouvindo Tom Zé, alto e indiferente.

Entra na sala e ocupa uma cadeira: reunião de pauta. Faz um esforço para se manter ali: séria e compenetrada. Aos poucos se distrai com tudo e passa a tarde na internet, apurando fatos sem relevância. Conversa de cinco em cinco minutos com os amigos pelo *Gtalk* e também pelo *Facebook*. Hoje vai ter *happy hour* na casa de um deles, *os meninos vão tocar*, depois tem Criolina no Calaf, despedida da Marina, que tomou coragem e vai passar um tempo fora daqui.

Ao sair do trabalho, antes de encontrar os amigos, lembra-se de passar em casa para buscar um casaco. Ao parar num semáforo, combina consigo que não vai beber, ainda está de ressaca pela noite de ontem. Por um instante se recorda da promessa que volta e meia se faz de caminhar no parque ao despertar. Antes que conclua a respeito, desconversa consigo mesma, absorvida pelo rebuliço de um vira-lata que em volta do contêiner de lixo atormenta a vida de um gato arisco que em cima da carroça acaba de se espreguiçar.

Espetando as sacolas com a vareta, a senhora envelhecida, bem ao lado da carroça, acha graça da bagunça dos dois, e ainda assim rela com eles, sem olhar, só de costume mesmo.

Considerações Finais

Imagine, porém, o meu espanto quando a senhora V., com sua formação e olhar de pintora, disse: “Ele sentou aí na frente como um cão e simplesmente observou, sem estar nervoso e sem segundas intenções”. “E ainda disse muitas outras coisas sobre a sua maneira de trabalhar (que se vê em um quadro inacabado)”. “Aqui”, disse ela, mostrando determinado ponto, “é algo que ele soube e agora” diz (determinado ponto em uma maçã), “ao lado está vazio porque ele ainda não sabia. Ele fez apenas o que sabia e nada mais”. “Que boa consciência ele deve ter tido”, disse eu. “Ah, sim: ele era feliz em algum lugar bem lá dentro...”⁴²

1.

Há ainda tanto sobre o que dizer, uma série de traços imprescindíveis que não poderiam ter ficado de fora. O que fazer?

Perto do final da escrita, reparei, por exemplo, o quanto deveria ter observado com mais demora um aspecto importantíssimo, certo tipo de culpa por se saber privilegiado, parte dos vencedores e não dos vencidos; algo que sob diversas maneiras aparece em suas condutas, muitas vezes em atos e opiniões que se parecem com pedidos velados de desculpas. Fica vago tentar explicar assim. Melhor seria uma cena, com as coisas em movimento. Por essas e outras, penso que, assim como o último capítulo, sobre Larissa, deveria haver pelo menos mais uns quatro ou cinco. Já seria um álbum interessante.

Existe um esboço adiantado sobre o Café Cabéria, noites com espumante e *jazz* nas calçadas ao lado do Parque Olhos d’Água, a balada onde tive a ideia da pesquisa – que até mesmo já fechou, faliu. Nesse capítulo, abordo questões complicadas sobre intimidade e afeto, a partir especialmente de duas cenas: uma transa no banheiro entre recém-apresentados e a história de dois colegas, que não são *gays*, mas que de tempos em tempos ficam com meninos, de brincadeirinha. Por se tratar de um tema delicado, cheio de minúcias, aprontá-lo está me exigindo um pouco mais de tempo e cuidado, pois trabalho de forma lenta, sou mesmo vagaroso e costume me perder por completo quando apresso o passo.

Outra curiosidade que parece oportuna a partir de agora consiste em investir o quanto antes num estudo comparativo, procurar cidades, as mais diferentes possíveis, e ver o que acontece. Suponho que isso me permitiria visualizar de maneira mais evidente, nítida por contraste, muitos aspectos peculiares à vida no Plano, em Brasília, menos

⁴² (RILKE, Cartas sobre Cézanne, 2001, p. 60)

representativos em cidades constituídas sob outras condições. Sobre isso, trago a sugestão feliz de meu orientador: quer que eu me mande para Cuba o mais rápido possível, e faça uma etnografia sobre a vida noturna em Havana. *Olhe, Rafael, estude aquilo ali, rapaz! O regime está prestes a cair. Você vai falar sobre uma realidade que em pouco tempo pode sumir!* Foi o que me disse em seu modo entusiasmado e contundente de sempre, e ainda num simpático sotaque alagoano. Não vejo projeto melhor para o doutorado.

2.

Com o fim da pesquisa, convenço-me de que não houve grandes mistérios quanto ao que fiz. Creio que apenas me pus a observar, tentando relatar pacientemente o que via, o que entendia. Enquanto buscava compreender um pouco do que se passava com a vida destas pessoas, não acho que, do ponto de vista cognitivo, eu tenha procedido de um modo muito diferente do que fazemos na vida cotidiana, quando desejamos, por exemplo, nos desfazer de alguma dúvida passageira. Não houve grandes saltos, nem descobertas mirabolantes facilitadas por engenhosas teorias; não houve revelação. Penso que para o trabalho, diferentemente do dia a dia, apenas me esforcei bastante para manter o olhar naquilo que desejava descrever, insistindo com alguma disciplina para que meu foco não se dissipasse em demasia. Acho que foi assim.

E como todo principiante, afoito e desajeitado, cometi meus erros. Alguns bem bobos, é verdade: às vezes lançando mão dos clichês ou ficando pelo *lugar-comum*. Paciência, “ver é complexo como tudo”, já dizia Pessoa; bobagem esperar que se acerte o ponto das panquecas de primeira.

Claro que, para meu orgulho ou apenas para me sentir inspirado, às vezes, durante estes meses, eu me permitia imaginar a pesquisa como algo mais solene e grandioso do que de fato o era; como se, na ponta dos pés, eu enxergasse o que outros não viam, como se meu nariz estivesse um pouco acima dos demais. Tolice, evidentemente. A mesma que de vez em quando também me fez pensar que meu trabalho talvez pudesse soar um tanto parecido ao de um pintor antigo, do século XIX, um tal *Senhor G.: pouco conhecido e modesto em tudo, que desenhava como um bárbaro e se recusava a assinar suas pinturas, um menino, um homem do mundo, de uma curiosidade alegre e profunda sobre a vida, eternizado num cuidadoso ensaio de Baudelaire, onde se pode ler:*

Mas é chegada a noite. É a hora estranha e incerta em que as cortinas se fecham, em que as cidades se iluminam. O lampião de gás mancha a púrpura do sol poente. Honestos ou desonestos, sensatos ou insanos, os homens dizem para si mesmos: “Enfim o dia acabou!”. Os homens de conhecimento e os de má vida pensam no prazer e correm todos ao lugar de sua preferência para beber a taça do olvido. O Sr. G. será o último a ir-se embora de onde quer que possa resplandecer a luz, ecoar a poesia, fervilhar a vida, vibrar a música; de onde quer que uma paixão possa *posar* para o seu olhar, de onde quer que o homem natural e o de convenção se mostrem numa beleza estranha, de onde quer que o sol ilumine as alegrias passageiras do *animal depravado!* [...] Agora, no momento em que os outros dormem, esse homem está curvado sobre a mesa, lançando sobre uma folha de papel o mesmo olhar que há pouco fixava sobre as coisas, esgrimindo com seu lápis, sua caneta, seu pincel, respingando no teto a água do copo, limpando a pena na camisa, apressado, violento, ativo, como se temesse que as imagens lhe escapassem, brigando sozinho, esbarrando em si mesmo. E as coisas renascem sobre o papel, naturais, e mais que naturais; belas, e mais que belas; singulares e dotadas, como a alma do autor, de uma vida em estado de exaltação. A fantasmagoria, ele a extraiu da natureza. Todos os materiais que abarrotavam a memória agora se ordenam, se arranjam, se harmonizam e sofrem essa idealização forçada que é o resultado de uma percepção *infantil*, isto é, de uma percepção aguda, mágica, graças à ingenuidade! (BAUDELAIRE, 2010, pp. 32-33).

Que fabuloso não deve ter sido um sujeito assim! E como não desejar reproduzi-lo? Pecado da imodéstia. É fato. Tentação da inteligência, como se diz. Dessas que vão se acumulando pelo caminho. Assim, melhor seria terminar dizendo apenas: “*Aprendo a ver. Sim, estou no começo. Ainda vai mal, mas quero dedicar a isto meu tempo*”⁴³.

É tudo.

⁴³ (RILKE, Os Cadernos de Malte Laurids Bridde, 1983, p. 31)

Bibliografia

- BAUDELAIRE, C. d. (2010). *O Pintor da Vida moderna*. Belo Horizonte: autêntica.
- BECKER, H. S. (2007). *Falando da Sociedade: Ensaio sobre as diferentes maneiras de representar o social*. Zahar: Rio de Janeiro.
- BECKER, H. S. (2007). *Segredos e Truques de Pesquisa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- BERGER, P. (2005). *Perspectivas Sociológicas Uma visão humanística*. Petrópolis: Editora Vozes.
- BERLIN, I. (1999). *O Sentido de Realidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BERLIN, I. (2002). *Estudos Sobre a Humanidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BORGES, J. L. (2009). *ensaio autobiográfico*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CAMPBELL, C. (2001). *A ética romântica e o espírito do Consumo Moderno*. Rio de Janeiro: Rocco.
- CONRAD, J. (2006). *Juventude*. Porto Alegre: L&PM.
- ELIAS, N. (1994). *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- ELIAS, N. (1994). *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- FLAUBERT, G. (2005). *Cartas Exemplares*. Rio de Janeiro: IMAGO.
- GAY, P. (2010). *Represálias Selvagens: Realidade e Ficção na Literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GIDDENS, A. (1993). *A transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades modernas*. São Paulo: Unesp.
- GIDDENS, A. (2003). *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- GINZBURG, C. (2006). *O fio e os rastros: Verdadeiro, Falso, Fictício*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GINZBURG, N. (2009). *Léxico Familiar*. São Paulo: Cosac Naify.
- GOETHE, J. W. (2009). *Os Sofrimentos do Jovem Werther*. São Paulo: Estação Liberdade.
- GOFFMAN, E. (2004). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- GOFFMAN, E. (2010). *Comportamento em Lugares Públicos*. Petrópolis: Editora Vozes.
- GUSMÃO, L. d. (no prelo). *O Fetiche do Conceito*. Rio de Janeiro: TopBooks.
- JACOBSEN, J. P. (2008). *Niels Lyne*. São Paulo: Cosac Naify.

- LUCKMANN, T., & BERGUER, P. L. (2004). *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis: Editora Vozes.
- MAGNANI, J. G. (2007). *Jovens na Metrópole, uma análise antropológica dos circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome.
- MONTAIGNE, M. d. (2011). *Os Ensaios*. São Paulo: Penguin - Companhia das Letras.
- NAGEL, T. (2001). *Uma Breve Introdução à Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- PESSOA, F. (2000). *O Livro do Desassossego*. Linda-a-Velha: Assírio & Alvim.
- PETERS, G. (02 de 11 de 2010). O social entre o céu e o inferno: a antropologia filosófica de Pierre Boudieu. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- RILKE, R. M. (1983). *Os Cadernos de Malte Laurids Bridde*. Porto: o oiro do dia.
- RILKE, R. M. (2001). *Cartas sobre Cézanne*. Rio de Janeiro: 7letras.
- SCHOPENHAUER, A. (2005). *Sobre o ofício do escritor*. São Paulo: Martins Fontes.
- STEARNS, P. N. (2010). *História da Sexualidade*. São Paulo: Contexto.
- TAYLOR, C. (2005). *As fontes do Self*. São Paulo: Edições Loyola.
- TCHÉKHOV, A. (2007). *Sem trama e sem Final*. São Paulo: MARTINS.
- TCHÉKHOV, A. (2007). *Um bom par de sapatos e um caderno de anotações: Como fazer uma reportagem*. São Paulo: MARTINS.
- TEIXEIRA, C. C. (2000). *Em busca da experiência mundana e seus significados: Georg Simmel, Alfred Schutz e a antropologia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- TODOROV, T. (2009). *A Literatura em Perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL.
- TOLSTÓI, L. (2000). *As obras primas de Leon Tolstói*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- VELHO, G. (2008). *Nobres e Anjos: Um estudo sobre tóxicos e herarquia*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- VELHO, G., & KUSCHNIR, K. (2003). *Pesquisas Urbanas: Desafios ao trabalho Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- WEBER, M. (1982). *Ensaio Sociológico*.
- WEBER, M. (2001). *Métodologia das Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez Editora.
- WHITMAN, W. (2005). *Folhas de Relva*. São Paulo: Iluminuras.
- WOOLF, V. (2005). *Contos Completos*. São Paulo, SP: Cosac Naify.

ZELDIN, T. (2008). *Uma história íntima da humanidade*. Rio de Janeiro: Best Bolso.